



Assembléia Legislativa de São Paulo

Fórum São Paulo Século 21

DEBATES - A Sociedade se Manifesta

Cidadão do Século 21



Assembléia Legislativa de São Paulo

Fórum São Paulo Século 21

DEBATES - A Sociedade se manifesta

Cidadão do Século 21

índice

26.10.1999

003

Cidadão do Século 21

26.10.1999

- Vanderlei Macris – Deputado - Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo
- Arnaldo Jardim – Deputado - Relator Geral do Fórum São Paulo Século 21
- Alberto Calvo – Deputado - Coordenador do grupo temático Cidadão do Século 21
- Luís Carlos Gondim – Deputado - Líder do PV e relator do grupo temático Cidadão do Século 21
- Márcia Rosana Cavalheiro Garcia – Assistente Social, especializada em violência doméstica e membro da NRVV
- Dione Marezi Belezi – Representante do Conselho da Federação Espírita de São Bernardo do Campo
- Walter Tenório – Representante do Fórum Nacional da Terceira Idade
- Bete Chedid – Presidente da AMIC-Associação Amigos da Criança, de Bragança Paulista
- Alexandre – Representante do Conselho Estadual da Juventude
- Albertina Duarte – Médica Ginecologista – Profa. da Universidade de São Paulo
– Coordenadora do Programa do Adolescente da Secretaria Estadual da Saúde - Militante do Movimento de Mulheres
- Adriana Shanosca – Diretora de Abrigo
- Flora – Funcionária da Assembléia Legislativa – Gabinete do Deputado José de Fillipo
- Cleide – Diretora e professora
- Maria Ignez Saito – Médica. Diretora da Unidade do Adolescente do Instituto da Criança da Universidade de São Paulo
- Luiz Amadeu Bragante – Psicólogo, psicodramatista, membro do Conselho do Instituto Capla e supervisor da área do adolescente
- Nizia – Professora

“FAMÍLIA, CRIANÇA E ADOLESCENTE”

SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS – O tema “Família, Criança e Adolescente” faz parte do Fórum São Paulo Século 21. Queremos convidar, para fazer parte da Mesa, a Doutora Márcia Rosana Cavalheiro Garcia, assistente social, especializada em violência doméstica e membro da NRVV. Convidamos, também, o Excelentíssimo Deputado Luís Carlos Gondim Teixeira, líder do PV. Temos a satisfação de convidar, também, para fazer parte da Mesa, o Exmo. Sr. Deputado Alberto Calvo. Convidamos, agora, o Exmo. Sr. Deputado Arnaldo Jardim. Temos a satisfação de convidar para, presidir a Mesa dos trabalhos desta manhã, o Exmo. Sr. Deputado Vanderlei Macris, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Para abrir os trabalhos, passamos a palavra ao Exmo Sr. Deputado Vanderlei Macris, Presidente da Assembléia Legislativa de São Paulo e do Fórum São Paulo Século 21.

SR. PRESIDENTE VANDERLEI MACRIS – Bom dia a todos. Gostaria de cumprimentar nosso relator geral do Fórum São Paulo Século 21, Deputado Arnaldo Jardim, cumprimentar o Deputado Alberto Calvo, coordenador do grupo temático “Cidadão do Século 21”, bem como o relator temático, Deputado Luís Carlos Gondim. Esta é uma reunião, do ponto de vista da ação praticada pelo Fórum São Paulo Século 21, revestida de uma atualidade, que é a discussão da Família, Criança e Adolescente. Ela está inserida na programação que estamos estabelecendo do Fórum São Paulo Século 21, com o objetivo claro de montarmos um projeto para o futuro de São Paulo. Dou por aberta esta reunião do Fórum do grupo temático Cidadão Século 21, que discute o tema “Família, Criança e Adolescente”.

Agradeço a presença de todos pela contribuição que, certamente, teremos da participação de cada um no debate deste assunto. Tenho a certeza de que a Assembléia Legislativa de São Paulo, particularmente pela presença dos deputados

que compõem o Fórum São Paulo Século 21, poderá consubstanciar, no relatório final, uma contribuição significativa daqueles que hoje aqui se encontram.

Gostaria de destacar o fato de que vivemos um momento muito importante nesta virada de milênio, reclamando dos poderes públicos uma ação efetiva para construir um projeto de futuro. É isso que a Assembléia Legislativa de São Paulo está hoje buscando, com o patrocínio de fórum, como contribuição a dar ao cidadão do século 21. Este grupo aborda a discussão de um tema – “Família Criança e Adolescente – que cabe bem no momento de crise que estamos vivendo no país. Em São Paulo, nesta semana, presenciamos o ocorrido na Febem, que é uma das situações mais graves que temos no estado. Precisamos dar um alinhamento para um futuro que possa ser promissor e não desagregador da família, como tem sido nos últimos anos, criando problemas para a criança e o adolescente.

Tenho dito, nas reuniões que participo com os companheiros de Fórum, que este grupo temático vai dar a conformação do cidadão que queremos para o futuro. Então, a responsabilidade que todos temos de construir esse projeto, e particularmente os senhores que aqui comparecem, é significativa para todos nós. Portanto, as boas-vindas a todos, particularmente aos organizadores do grupo temático.

Passo, agora, a presidência ao Deputado Alberto Calvo, que é o coordenador do grupo temático e, logo a seguir, tenho uma reunião de 14 líderes partidários na presidência. Deverei ausentar-me, mas sugiro um bom encontro para vocês, com a contribuição que, certamente, teremos para o Fórum São Paulo Século 21. Muito obrigado. (Palmas.)

SR. ALBERTO CALVO – Sr. Presidente Vanderlei Macris, Sr. Coordenador, Deputado Arnaldo Jardim, Deputado Gondini, nossa professora, senhores presentes, é uma satisfação podermos estar hoje, aqui, para o início deste evento, no que diz respeito aos temas a serem debatidos e discutidos. Quero congratular-me com o nobre deputado Vanderlei Macris, nosso Presidente, por esta brilhante

idéia que está contagiando a todo povo, principalmente as mais altas autoridades nos diversos assuntos, em nosso São Paulo e até no Brasil. Todos estamos muito motivados. Coube a mim e ao deputado Gondim o tópico “Cidadão do Século 21”, e estamos organizando-o da seguinte maneira: dividimos em duas fases, com dois temas principais, “A Família, a Criança e o Adolescente”, que estamos tratando hoje, e “O Novo Perfil Etário e a Terceira Idade”, que será abordado da próxima vez. Isso ocorre em face da necessidade da mudança em relação à família, porque estamos notando que a dissolução dos casamentos está aumentando assustadoramente, então, temos crianças que têm duas famílias, às vezes três, às vezes quatro. É um problema muito sério, não podemos mais considerar pai e mãe e filhos, temos que considerar pai e filhos, mãe e filhos, às vezes numa família só, unida de alguma maneira, porque a mãe ficou com o filho, casou com outro e é outra família, e este filho já tem duas famílias, está em dois lares. Realmente, são problemas que temos de encarar, já não é aquela família coesa, firme até que a morte lhes separe, porque o que está acontecendo hoje é diferente, a não ser que as coisas mudem daqui para frente, mas temos que analisar esse problema, que é muito sério. A criança e o adolescente são partes principais disso. Estamos vendo a questão da Febem, os meninos de rua, as famílias completamente desagregadas, mesmo aquelas que não sejam por problemas de dissolução de casamento, mas estão desagregadas. Daí o fato de termos dividido o assunto em dois temas.

Outra coisa, também, é a questão da religião. Incluímos, em nosso trabalho, a religião, porque é um excelente auxiliar para, no mínimo, conciliar as pessoas e seus interesses. A religião é um grande mediador, a religião é um grande pacificador, não importa se é catolicismo, se é protestantismo, se é espiritismo, se é hinduísmo, as religiões todas têm uma finalidade que é a pacificação, a paz social. Então, temos de cuidar também deste item, que é extremamente importante. Vemos que hoje se fala tanto em amor, mas nunca houve tanto desamor como agora. Então, a religião tem um papel muito grande, chamando a atenção do homem para o problema do cultivo do amor, o amor universal, sem barreiras, a religião na

formação familiar. A autoridade paterna, hoje, é muito discutida. É justamente essa perda de autoridade paterna que está sendo um dos fatores para este problema que acontece com a criança e o adolescente. Vamos analisar a criança como um todo e como ajudá-la, principalmente no que diz respeito às meninas, com a questão do sexo e da gravidez precoces, duas coisas muito importantes para podermos, pelo menos, equacionar estes pontos que são parte da problemática geral de nosso país. Isto é o que estamos fazendo, e vamos prosseguir com nosso trabalho.

SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS – Teríamos, nesse instante, a participação do Dr. Issame Tiba, conforme consta do programa e dos convites que foram enviados, mas ele teve um problema de família, sua esposa está adoentada e ele não pôde comparecer, disponibilizando-se para estar em outro momento conosco. Temos, nesta manhã, para falar sobre o assunto “Nova Conformação Familiar”, a Dra. Márcia Rosana Cavalheiro Garcia, que é assistente social com especialização em violência doméstica.

Queremos lembrar que foram distribuídos a todos os senhores uma ficha para perguntas. Gostaríamos que as questões dirigidas à Dra. Márcia fossem colocadas nesta ficha e enviadas para a Mesa. Aquelas que não forem respondidas aqui, serão enviadas para todos os presentes. Queremos lembrar, também, que os senhores receberam uma ficha cadastral e, mesmo que já a tenham preenchido numa outra oportunidade, queríamos que deixassem preenchida na saída, para que pudéssemos registrar a presença de todos e depois enviar um certificado de participação neste seminário. Todos receberão, em suas casas, um diploma de participação neste seminário e, para isso, precisamos que esta ficha cadastral seja preenchida corretamente. Passamos, então, a palavra para a Dra. Márcia Rosana e o Deputado Alberto Calvo assume a Presidência.

SRA. MÁRCIA ROSANA CAVALHEIRO GARCIA – Quero agradecer a oportunidade de estar aqui no Fórum – infelizmente, na ausência do Dr. Issame, que

é uma pessoa fundamental para lidar com essa problemática. Fui convidada para falar um pouco sobre família, criança e adolescente e quero focar o tipo de experiência que temos onde trabalho. Trabalho no Núcleo de Referência às Vítimas de Violência, que cuida das crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. A equipe que trabalha com esse tipo de fenômeno se especializou em violência doméstica e trata das diferentes vertentes em que a violência doméstica aparece na família. Eu estava ouvindo a exposição do deputado, de como a família, hoje, está conformada. Na verdade, a dinâmica de trabalho que fazemos é com um tipo de família transgressora, que não tem aquele perfil no qual acreditamos, de protetor. É o tipo de família que coloca dentro de casa a violência, que é um tanto abusiva – como dizemos, a família incestogênica. Existem vários tipos de violência dentro da família, a violência física, a violência sexual, a negligência e a própria violência psicológica, que está presente em todos os tipos de violência. Pensando nessa linha, a criança ou o adolescente que presencia ou recebe algum tipo de violência por parte dessa família, pai, mãe, irmãos ou parentes mais próximos, tem grande dificuldade de assimilar o que, na verdade, consideramos importante para sua estrutura enquanto personalidade. Com isso, é como se ela passasse algumas fases que, dentro de uma dinâmica da saúde mental, é colocado como normal, ela acaba ultrapassando e apresenta seqüelas para o resto da vida.

A Doutora Maria Amélia Azevedo, especialista nessa área, fala sobre a definição de violência doméstica em *Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes* – definição: todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e adolescentes que, sendo capaz de causar dano físico, sexual e ou psicológico com a vítima, implica, de um lado, uma transgressão do poder, dever de proteção do adulto e, de outro, uma coisificação da infância, isto é, uma negação do direitos que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas numa condição peculiar de desenvolvimento.

De acordo com essa definição, e tentando entender um pouquinho como funciona a dinâmica do desenvolvimento da criança e do adolescente, o Núcleo de

Referência às Vítimas de Violência pensou como poderia estruturar um trabalho em nível de tratamento. Funcionamos dentro de uma clínica psicológica do instituto Sedes Sapientiae, aqui em São Paulo. O que fazer com a criança vítima de violência doméstica e como lidar com ela? Primeiro a escuta, que deve ser peculiar, uma escuta mais fina, que deve ter considerações e preservar essa criança ou adolescente do que ela está passando. Todo amparo que ela vai ter na questão psicológica tem muito a ver com o que a família, na verdade, não está propensa a favorecer. Quando a família chega ao núcleo, existem situações em que a negação da violência é a principal apresentação. É muito difícil a família colocar-se como agressora. Toda vez que chega um caso novo, a primeira etapa do atendimento é conscientizar essa família de que ela tem de parar com esse tipo de violência contra o adolescente ou os próprios filhos. Isso é uma quebra muito importante, que chamamos a quebra do pacto de silêncio. Vou dar um exemplo de violência física: a criança aparece num pronto-socorro com costelas quebradas ou queimaduras, e a própria mãe ou pessoa que está junto fala que ela caiu ou se queimou. Se não há uma escuta fina com relação ao profissional que está vendo, realmente passa por isso mesmo. No entanto, quando o profissional vê que pode haver um pouco mais do que aquela história – a criança nessa hora não fala –, acabam ocorrendo as outras intervenções. Então, há uma denúncia, a Vara de Infância e Juventude é acionada. O núcleo no qual fazemos a parte do atendimento é acionado, até essa família começar a conscientizar-se de que alguma atitude precisa ser tomada. Mas esse pacto e essa proteção da criança precisa ser resguardada. Se a criança conta o que aconteceu, a família vai apreendê-la de novo.

A questão da violência sexual é um pouquinho mais complicada. Geralmente, o agressor não admite que fez algum ato libidinoso ou mesmo algum tipo de relação com a criança ou adolescente. Na maioria das vezes, se o padrasto é o agressor, a mãe é cúmplice e até finge que não vê, numa preservação que envolve desde situação econômica – que pode ser modificada caso ela tenha que mandar o agressor embora –, até a situação de tornar público uma coisa que ela percebe que

é insustentável. Essa criança continua sendo vitimizada. Mesmo que se consiga que essa mãe assuma uma atitude de proteção, se esse agressor continua no domicílio, a situação tem continuidade, a criança é abusada novamente e a vitimização continua como revitimização. Em nenhum aspecto, aqui, colocamos o tratamento como uma coisa muito rápida ou que vai ser muito fácil. Sem dúvida, o tratamento deve ser com a família. Não adianta o tratamento com a vítima sem tratar a questão da família, que tanto pode ser a mãe, que poderia assumir uma condição de proteção, como o agressor, também. Temos dados de coleta de nossos atendimentos em que, no caso da criança vítima de violência física, a maior agressora é a mãe; na questão da violência sexual, o maior agressor é o pai; em segundo, o padrasto.

Existem situações em que, quanto mais cedo se começar a divulgar a respeito da violência doméstica, mais as oportunidades começam a aparecer, para que, em espaços que as pessoas tenham receio de falar, possam ser ouvidas. Uma coisa importante é que a violência doméstica não ocorre apenas em classes socialmente econômicas mais baixas. Ela acontece em todos os níveis da sociedade. Acredito que, um tempo atrás, as questões apareciam muito mais na classe menos privilegiada, porque quando acontecia uma violência ou se recorria a uma delegacia, as varas eram acionadas e a questão pública era mais notória.

Com relação à classe média alta, a situação já é um pouquinho mais disfarçada: “não vamos levar para a polícia, vamos resolver a situação em casa”. Hoje, a situação está mudando um pouco. Em nossas triagens, 30% da população que chega a nós, enquanto procura, é da classe média. As pessoas estão querendo entender o que está acontecendo e pensando numa modificação.

Nosso atendimento consiste numa porta de entrada, que é a triagem. Vamos conhecer o caso, saber se é para se trabalhar ali, ver o perfil, se é uma criança ou adolescente vítima de violência doméstica. São feitos os grupos de proteção, que se iniciam antes de uma psicoterapia ainda efetiva. Esses grupos de proteção ajudam a sensibilizar em relação ao problema, para a própria família conseguir lidar melhor

com as questões e aceitar uma psicoterapia para a criança e para a mãe e família. É feito um acompanhamento social, com visita e acompanhamento com outras instituições, fóruns, varas de infância, delegacia, escolas. A psicoterapia propriamente dita é feita individualmente ou em grupo o atendimento para essas mães também é feito em grupo e existem alguns atendimentos que conseguimos fazer com família, o que não é tão simples. Quando conseguimos agregar a família e trabalhar juntos, dois profissionais tentam trabalhar toda a dinâmica familiar. Existe o trabalho com o agressor também, que é feito individualmente ou em grupo. Outra vertente que estamos lançando há dois anos é a questão da prevenção. Não adianta trabalhar só no tratamento, quando percebemos que muitas situações poderiam ser evitadas. Esse é um trabalho educativo em que temos de levar à população um pouco mais de informação a respeito e espaço para discutir. Foram criados pólos na Zona Oeste e no Centro, que são os pólos de prevenção. Na verdade, a equipe trabalha em centros educativos, CJ, creches onde já existe uma mantenedora. No caso, já tem o Jaguaré, instalado o ano passado, agora está em Paraisópolis. Esses trabalhos são feitos com os educadores, com os professores e também com as crianças e pais, falando a respeito da violência doméstica, repensando nossas atitudes enquanto disciplina dos pais com adolescentes, disciplina do educador, discutindo a questão da autoridade e a questão da punição. Os trabalhos são decorrentes de uma dinâmica que a própria população acaba solicitando. Isso termina emergindo nas salas de aula, nas creches, fazendo um trabalho em que o produto que resulta é o que a população traz e é desenvolvido. Também temos a área da pesquisa, com os dados coletados, os tipos de intervenção que são feitos e como podemos estar avançando daqui por diante. Também temos a área da pesquisa com os dados coletados, tipos de intervenções feitas e como é que podemos estar avançando daqui por diante.

O núcleo consiste de psicólogos, assistentes sociais, psiquiatras e temos a intenção de ampliar para outros profissionais, outras áreas que tenham esse conhecimento da violência doméstica. O grupo todo tem especialização em

violência doméstica e queremos trabalhar as questões num nível mais amplo com relação a uma integração da criança e adolescente, ele visto como um todo, saindo da esfera da saúde mental propriamente dita, mas o que implica toda esta reestruturação da criança na questão da violência doméstica e que ela possa perceber que tem dignidade e auto-estima a ser reforçada para que possa dar continuidade à sua vida.

A questão das seqüelas, nas situações que temos visto, depende muito da criança e de como ela estrutura essa questão de experiência na violência doméstica. Mas, sem dúvida, sempre fica a lembrança de alguma coisa que lhe foi tirada, foi transgredida, em que ela foi ameaçada, punida e que não sabe direito o que aconteceu. Durante todo o trabalho ela se sente muito culpada, é a vítima, mas imagina que é a culpada de tudo o que acontece com ela. Então, reverter todo esse processo, que significa aumento de auto-estima, mostrar que tem um potencial, é um trabalho que demanda energia, força de vontade dela. Deve ser uma estrutura em que ela possa ser acolhida de alguma forma e que a família possa retomar essa sensação de proteção, esse princípio que seria o de proteger seus filhos dentro de casa. Não é um fato tão pequeno, temos tido dados muito grandes, nas nossas triagens têm aparecido muitos casos novos. Então é preciso divulgar um pouco mais sobre o tema, principalmente porque a violência doméstica tem crescido muito e as pessoas não sabem como lidar com isso. Uma grande maioria pensa que isso se resolve só dentro de casa, o que culmina com um tipo de situação em que leva à morte algumas crianças.

Sempre se falou que a criança não deve ser institucionalizada, deve ficar em casa com os pais, mas o que temos visto como experiência, em algumas situações, é que, até essa família estruturar-se de novo, é interessante que a criança fique numa instituição que lhe dê o que ela não tem, uma proteção, uma atenção e cuidados básicos para que ela possa retornar com alguma coisa de mais positivo para desenvolver isso mais tarde. Sabemos que as crianças que são vítimas de violência doméstica têm uma propensão muito grande de se tornarem

multiplicadores da violência doméstica, pois eles reproduzem o que aprenderam, o que faz deles mantenedores da violência doméstica. Essa quebra é muito importante que seja feita enquanto ela é criança, enquanto ela pode estar desenvolvendo outra perspectiva, outra maneira de encarar a questão de que um dia ela vai ser adulto, vai ter filhos e não precisa estar fazendo a mesma coisa. Ela pode aprender, ver que existe outro tipo de convivência que tenha respeito, dignidade, que ela tenha os direitos preservados enquanto pessoa, um ser em peculiar desenvolvimento da personalidade. Durante todo o momento em que ela se desenvolve, aprende, incorpora e reproduz. Se ela puder modificar isso, seja em que instância for, já é uma oportunidade para ser outro tipo de pessoa, uma cidadã que possa se desenvolver de maneira mais feliz, mais correta dentro do que seja não-violência. Era o que eu tinha a dizer. Se tiverem alguma pergunta, poderemos discutir.

SR. ALBERTO CALVO – Vamos, então passar para a parte do debate. O nobre Deputado Arnaldo Jardim, que é o relator geral, sugere que ninguém precise se inscrever, então a palavra está com vocês para falar ou perguntar.

SRA. DIONE MAREZI BELEZI – Sou representante do Conselho da Federação Espírita de São Bernardo do Campo. Você mencionou sobre os pólos. Como teríamos acesso a essas informações mais detalhadas? Não existiria possibilidade de se incentivar a criação de lar- apoio, ao se retirar uma criança desse lar afetado?

SRA. MÁRCIA ROSANA CAVALHEIRO GARCIA – Esse tipo de trabalho de prevenção, em que falamos que são feitos pólos, são em parceria com a Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social. Foi sugerido que fizéssemos algum trabalho nessa linha de prevenção, então fizemos um projeto e foi aprovado. Esse projeto tem um ano de duração e é feito no local em que existe a instituição. Aí, sim,

são feitos relatórios, é feita uma avaliação contínua, todo mês, para ver como funciona, mas é uma parceria com a Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social. Uma maneira de poder agilizar ou conseguir esse tipo de convênio é por meio da Secretaria. Ela poderia ver essa parte, porque, como é feito entre a secretaria e o instituto Sedes, onde está locado o núcleo, funcionou assim até agora.

Com relação ao que você fala do lar-apoio, locais chamados de abrigos, em que crianças e adolescentes ficam, é uma idéia que sempre defendemos. Eu, como assistente social, tenho uma dificuldade enorme para procurar uma instituição em que podemos colocar uma criança ou adolescente em situação de risco. Situação de risco, que eu digo, é aquela em que a criança é sempre revitimizada dentro de casa e que corre o risco de morte. É claro que a Vara da Infância e da Juventude, que acompanha um caso desse, vai atrás e também faz muito bem esse trabalho. Mas quando temos um trabalho em conjunto – e eu falo aqui de um trabalho de rede e que tem funcionado muito bem –, em questão do núcleo trabalhamos em parceria, temos sempre os contatos e averiguação de qual o melhor local para encaminhar a criança. Sinto muita dificuldade com a questão de onde colocaríamos a criança, porque não existem locais adequados para lidar apenas com a violência doméstica. Já houve situações em que colocamos crianças abrigadas em instituições como orfanatos e tivemos uma dificuldade enorme, porque as crianças eram vítimas de violência sexual há tanto tempo que a instituição não tinha condições de lidar com aquilo, e entendemos que é complicado. Mobilizou-se toda a instituição e tivemos que remover as crianças e colocar em outro local. Então, existem poucas instituições que fazem esse tipo de abrigo, que conheçam um pouco mais da questão da violência doméstica. Seria necessário entender um pouco mais como funciona o comportamento dessas crianças, a maneira como elas são, o que se passa basicamente com elas, o medo, a sensação de abandono. Realmente, temos muitas dificuldades. Seria ótimo se começassem a criar mais instituições nesse sentido.

SR. WALTER TENÓRIO – Represento uma entidade, o Fórum Nacional da Terceira Idade. Ouvindo a senhora falar, eu refletia sobre o problema que também existe na terceira idade, a violência. Recebemos, quase diariamente, queixas de pessoas sobre violência com os avós, com os pais. Na verdade, penso que a causa maior é todo um processo de desequilíbrio desde o ambiente familiar social. Quero me apresentar para dividir com vocês uma preocupação que temos lá no Fórum. Precisamos dar uma atenção para esse setor e juntos encontrarmos uma forma, encaminhando soluções, localizar realmente o foco. Nem sempre é o que deduzimos tecnicamente.

SRA.. MÁRCIA ROSANA CAVALHEIRO GARCIA – Recebemos encaminhamentos de idosos que tiveram algum tipo de violência dentro de casa. Temos encaminhado idosos para delegacias que fazem algum tipo de encaminhamento mais adequado.

MESTRE DE CERIMÔNIAS – Temos duas questões encaminhadas por escrito. A primeira é do Sr. Eduardo Gunther de Figueiredo, do Lions Club de Alphaville, Barueri, com a seguinte questão: o que mudou de forma grave nos últimos 10 anos para chegarmos a este ponto de violência familiar?

SRA. MÁRCIA ROSANA CAVALHEIRO GARCIA – Acho que é uma pergunta que abrange muita coisa. É claro que a questão econômica é sempre um agravante em qualquer situação, onde há falta de dinheiro as dívidas aparecem, não se pode pagar. É obvio que a questão da violência se instala. Aconteceu um arrocho de todas as classe sociais. A questão financeira é um dos agravantes, mas não é fundamental, porque temos percebido que classes abastadas também aparecem no núcleo por causa da violência doméstica. Muita coisa apareceu e alguns valores acabaram sendo deixados de lado.

A questão é que o indivíduo se tornou cada vez mais individualizado, cada vez mais pensando em si próprio, desenvolvendo apenas suas aptidões, nunca mais olhando o que está acontecendo a sua volta. Hoje, por questão de dinâmica de nossa sociedade, a mulher tem trabalhado fora, às vezes por um período muito grande, e acaba deixando as crianças. Eu não estou aqui falando que as coisas deveriam ser diferentes, apenas acho que isso é um fato, as crianças têm-se sentido muito sós ou lhe são atribuídas várias atividades para que tenham o tempo todo tomado. Essa convivência familiar está cada vez menor, a família tem-se reunido muito pouco em casa, tem conversado muito pouco, porque a televisão é mais legal, o trabalho é mais interessante. Existem situações de pessoas que trabalham oito ou nove horas por dia e, chegando em casa, enfiam-se no computador, fazendo seus relatórios, vão dormir de madrugada quase sem ver as crianças ou conversar com elas. Essa coisa de estar mais próximo ou estar acompanhando é muito importante, mas existem muitas outras coisas. A questão de como a estrutura psicológica de cada pessoa interfere muito com as questões domésticas.

SR. LUÍS CARLOS GONDIM – Queria fazer uma complementação dessa pergunta. Com o arrocho salarial, aconteceu a soma do ganho que foi complementado pela esposa e fez com que existisse esse abandono. Você não acha que também existiu a falta de investimento para poder suprir o arrocho salarial, a ausência da família? Então não existiu um programa. Não é para isso que estamos aqui? É a questão social, a criança ficar um pouco mais e ter mais refeições na escola, ter mais participações esportivas e culturais lá. Estou falando da escola como um todo, como uma entidade que poderia dar vazão a isso.

SRA. MÁRCIA ROSANA CAVALHEIRO GARCIA – Sem dúvida, as ações têm que ser sempre integradas, uma parte é a família, uma parte é a própria criança ou adolescente, uma parte são as instituições governamentais. Isso pode ser feito

em conjunto e contribui para que essa família não se desestruture dessa maneira tão grave.

SR. ALBERTO CALVO – Pela oportunidade, foi muito bem lembrado o problema financeiro, porque já dizia um ditado: “Na casa em que falta pão, todo mundo briga e ninguém tem razão.” Então realmente é um problema.

MESTRE DE CERIMÔNIA – Passo a palavra para a SRA.. Bete, que é esposa do Deputado Nabi Abi Chedid.

SRA. BETE CHEDID – Muito obrigada. Queria fazer um depoimento, porque sou presidente de uma associação de Bragança Paulista que se chama AMIC – Associação Amigos da Criança. Essa associação existe em 10 ou 12 cidades do interior. Ela começou no Espírito Santo do Pinhal, numa idéia do Juiz de Menores da época, Dr. Romeu Estevam Ramos, que sentia necessidade de atuação da parte nobre da sociedade em relação a esses problemas de violência de menores e das drogas. Funcionamos com a seguinte idéia: é uma família protetora de uma família protegida. Estamos tendo resultados ótimos em relação a essa questão da violência. Trabalhamos direto com a Vara da Infância e Juventude e eles nos enviam relatórios das famílias e dos menores infratores, menores com violência familiar, casos de gestação precoce, estupro. São famílias voluntárias que vão até a família com desajuste para passar esse princípio de educação, de estrutura familiar, e temos alcançado muito sucesso em relação a isso. Já existe em Nazaré Paulista, Atibaia, Bragança Paulista, Espírito Santo do Pinhal, São João da Boa Vista. É uma idéia que tem dado certo e estamos conseguindo ampliar na região. Eu gostaria de dizer que, se alguém tivesse interesse de receber uma coletânea sobre a AMIC, estamos pondo à disposição o material para passar essa idéia.

MESTRE DE CERIMÔNIAS – Quero lembrar que temos no Fórum um *e-mail* pelo qual as pessoas interessadas poderão fazer essa solicitação. Estaremos entrando em contato com a senhora para informar a todas as pessoas que tiverem interesse em receber esse material.

SR. ALBERTO CALVO – Gostaria que fosse mandado aqui para o Fórum, em especial, porque é muito importante. Quero aproveitar a chance de anunciar a honrosa presença do nobre Deputado Jamil Murad, líder do PCdoB. Muito obrigado pela presença.

SR. LUÍS CARLOS GONDIM – Esse projeto de vocês é muito importante e existe um projeto que se chama adote uma família. A família que é adotada continua em sua residência e é visitada pela que adotou. Esse trabalho tem tido sucesso no Rio Grande do Sul e tomou uma proporção muito grande. Isso é uma coisa que devemos fazer, porque eles levam o mais importante, que é o carinho. Eles podem levar comida, mas carinho têm dado com uma atenção muito grande, até tentando solucionar problemas de saúde, de roupas, que essas pessoas às vezes não têm. Acho que se pudermos entrar em contato com esse projeto, poderemos fazer um casamento e tirar nossa solução para São Paulo, que tem uma proporção muito maior de nosso problema social.

SRA. MÁRCIA ROSANA – Quero dizer que acredito muito nessas propostas, pelas intervenções que fazemos nas casas, que chamamos de trabalho de orientação – a assistente social ou psicólogos fazem as visitas lá e acompanham a família. De maneira geral, foi um aproveitamento muito importante, porque, como as orientações são feitas lá, a família acaba colocando-se muito mais e essa interação é muito mais fácil. Infelizmente, não temos pernas para tudo isso, seria maravilhoso, porque vimos que é um campo básico. Acredito na sua proposta, acredito num

deputado falando sobre esse trabalho, porque, realmente, quando a família permite essa entrada de outro orientador, pode ser um trabalho muito eficaz.

SR. LUÍS CARLOS GONDIM – Márcia, é impressionante como esse custo vai lá embaixo, para ser adotado.

SR. ARNALDO JARDIM – Eu reputo da maior importância essa troca de experiência para um processo como esse do Fórum, particularmente nessa comissão temática, que é decisiva, até prepondera sobre as demais, porque depois vai gerar todo um cenário e compreensão para a questão da educação, para a questão da saúde, a discussão estratégica e até filosófica e conceitual. Esse intercâmbio de informações é muito importante, se o Fórum consegue disponibilizar essa experiência e fazer com que um grande número de pessoas que têm essa disposição de participar possam ter essa oportunidade, acho que é um grande mérito e já é um resultado imediato.

A doutora Márcia fala de uma forma serena, tranqüila, e estamos no embalo dela, mas a contundência do que ela fala é verdadeiramente arrasadora. Ela chegou num ponto em que diz que todo mundo preserva, quer fortalecer a família, sabe que é uma entidade importante, constitutiva da sociedade, mas tem alguns casos em que a criança precisa ser retirada da família, porque a manutenção da criança na família dá continuidade a um processo de abuso ou de violência sistemática. Estamos falando de algumas iniciativas importantes, mas que são uma gota de um processo geral que é grandioso, e tem horas que dá uma sensação de incapacidade diante disso. Queria perguntar à doutora Márcia sobre duas instituições que dão uma possibilidade de um tratamento de atacado na questão. Queria falar sobre os meios de comunicação e do sistema oficial de ensino. A educação é uma coisa mais abrangente, mas estou falando da escola. De que forma e que experiência a senhora teria no sentido de buscar ver esses organismos, os meios de comunicação

e escola, como intervenientes? Que tipo de papel poderiam desenvolver para essa abordagem da violência doméstica, especificamente?

SRA. MÁRCIA ROSANA CAVALHEIRO GARCIA – Gostei muito de sua intervenção. Tivemos uma experiência muito interessante com a equipe do Senac, por meio da Mara, que me apresentou. Fizemos um trabalho de prevenção, um programa com alguns *spots* que retratassem a violência doméstica, para serem veiculados nas rádios. Eram situações dramatizadas usando atores colocando uma situação de criança espancada, uma sedução. Acreditamos que possa ser uma questão de estupro, mas a violência sexual contra a criança entra num processo de sedução muito envolvente, com o tempo existe toda uma manipulação e a criança envolve-se com a questão do agressor, ela é coisificada, apenas para o prazer do adulto. É, na verdade, uma coisa muito ligada – amor, sensação de prazer –, é complicado porque a criança não foi só estuprada, ela foi seduzida por outras questões. Então, quando fazemos um *spot* sobre violência doméstica, vemos que o papel do agressor é um papel sedutor, que ele envolve a criança com carinho, com atenção, mas é malicioso, não é um toque de afeto, mas sexual. Começamos a despertar e observar dentro de casa como é essa relação do padrasto, do pai com a menina. É complicado porque, às vezes, pode criar um fantasma na cabeça de alguém, quando não é isso que está acontecendo. Temos de ser muito delicados com essa relação, porque senão todo mundo sai pensando que as relações em casa são todas incestuosas e não pode nem dar um toque ou um abraço, que já pensa que é alguma coisa séria.

É complicado porque, às vezes, pode criar também um fantasma de algo que na verdade não acontece. Temos de ser muito delicados com a relação entre adultos e crianças porque, senão, todo mundo sai pensando que as relações em casa são todas incestuosas, não pode dar um abraço que já se pensa em coisa séria. Quando divulgamos pelo rádio, que tem uma veiculação espetacular, porque a participação é imediata – tivemos essa experiência, as pessoas participaram,

ligavam para saber o que era aquilo –, começamos a abrir um espaço para conversar a respeito. Se começamos a falar sobre isso, tiramos mitos, desmascaramos algumas situações que achávamos que não poderiam ser mexidas. Ninguém fala sobre a família: “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”; na educação, “é de pequeno que se torce o pepino”. Esses ditos populares devem ser repensados. Os meios de comunicação são fundamentais para isso, enquanto pudermos conversar a respeito do que temos hoje de mito na questão da educação e da disciplina. Não é o tapa que educa, não é o tipo de violência que vai fazer do filho um homem, fazer do filho uma pessoa com caráter, e sim os exemplos dados, porque a criança observa e incorpora o que ela vê e o que sente mais do que ela ouve.

SR. ALBERTO CALVO – Com relação à violência sexual, em Pernambuco foi criada uma cartilha, distribuída pelo governo ou por uma entidade ligada, que instruía as crianças em geral sobre os abusos físicos e sexuais e sobre a necessidade de denunciar o abuso. Então, não sei se seria importante para sabermos e estudarmos essa parte.

SR. LUÍS CARLOS GONDIM – Esse problema de um “disque violência ou abuso sexual” é perigoso. Ele tem de existir, mas não pode ser apurado assim a ferro e fogo, porque basta ter o problema do pai separado, ou mãe separada, a segunda família em que a pessoa não gosta da madrasta, pode acontecer levar a muitas denúncias vazias, mas é um trabalho que temos de desenvolver. Como podemos alcançar e diminuir esse tipo de violência sexual? É uma coisa muito séria com que todos nós vamos estar preocupados, mas, como você comentou, a divulgação seria perigosa, teria de ser muito bem trabalhada no sentido preventivo, senão poderíamos manifestar um outro lado que está guardado até os 10 anos.

SRA. MÁRCIA ROSANA – É uma coisa delicada. Falamos da prevenção, mas, infelizmente, hoje se trata ainda com relação do fato escalado, já existe o fato e pensamos na não revitimização da criança. Infelizmente, o tipo de trabalho quando ainda não existe a violência é muito pequeno, porque acabamos tendo uma população atendida que de algum modo já sofreu algum tipo de violência.

SR. ALBERTO CALVO – A senhora acha válida essa cartilha?

SRA. MÁRCIA ROSANA – Isso é muito bom falar a respeito, porque começamos a pensar sobre o assunto. Particularmente, com a experiência que tenho, acho que quanto mais a mãe estiver atenta, melhor, porque quem acaba ficando mais com a tarefa de educação é a mãe. Quanto mais ela estiver com aquele senso de proteção e puder ser informada, melhor. É importante para ela ter um espaço para falar, Não adianta nada divulgar uma conscientização e ela não ter com quem conversar, um espaço em que vai ser entendida e acolhida. As estruturas de prevenção têm de ter uma retaguarda, um local onde ela poderá ir na hora em que precisar de uma efetivação com tratamento propriamente dito, um tratamento social, terapêutico, jurídico, seja o que for. Esqueci de falar uma coisa a respeito das escolas que o senhor havia perguntado. Acho que a questão da escola passa, em primeiro lugar pelos professores. Já fiz uma experiência na Bela Vista, com uma escola, e o trabalho foi só com os professores. Foi um trabalho de conscientização, de conceitualização da violência. Foi com um misto de satisfação e de pena que percebi que quase todos os professores tinham uma história para contar de um aluno que se reportou a eles vítima de violência doméstica. Então, o professor é muito importante na questão da denúncia, na questão de olhar clínico, porque tem o contato diário com a criança e sabe quando ela não está bem, conhece o olhar da criança e sabe que o comportamento é estranho, vê um machucado que ela não tinha. Em muitos casos, a criança confia muito no professor e ela conta porque se sente amparada. Se esse professor dá esse apoio, ele será

fundamental no trabalho. Não estou falando que ele tenha o papel de denunciador. Ele é importante na denúncia, mas é importante que esse professor possa fazer um trabalho com esses pais, não precisa ser um profissional psicólogo especializado, pode ser um professor que seja assessorado por uma equipe e possa fazer esse trabalho, dar essa orientação. Temos grupos de proteção, que é essa parte que chamamos de primeira sensibilização, que são famílias para quem a situação está muito confusa e notamos que, no máximo em 12 atendimentos, essas famílias perceberam que era um toque, alguma coisa de conversar, não é um tratamento, não é uma coisa mais efetiva ou psicoterápica, era uma coisa que poderia ser resolvida. Será que o professor não pode fazer isso? Será que o pediatra não pode resolver algumas situações dessas? Os profissionais que lidam com a criança e o adolescente têm essa capacidade e, em muitos casos, a confiança da criança. Acho fundamental trabalhar com professores.

SR. ARNALDO JARDIM – Há alguma notícia de algum trabalho feito pela secretaria ou alguma entidade junto aos professores no sentido de prepará-los para isso?

SRA. MÁRCIA ROSANA – Não. Temos uma idéia que consta de um de nossos projetos de trabalho que, agora, é trabalhar com o ensino fundamental. Vamos ver para o ano que vem como funciona. Sempre fazemos as parcerias. Somos uma instituição não governamental que trabalha com parceria e a experiência que tivemos foi muito positiva. Pode ser um avanço.

SR. – Temos ainda uma pergunta a ser feita.

SR. ALEXANDRE – Estou representando o Conselho Estadual da Juventude. Em certo ponto, sinto-me até contemplado pela questão elaborada pelo Deputado Arnaldo Jardim e com sua resposta.

SR. LUÍS CARLOS GONDIM – Eu queria complementar um dado. Acho que o agente comunitário de Saúde e Bem-Estar Social poderia dar uma ajuda muito grande, não só para se conseguir conscientizar e descobrir o caso da violência, mas até para um auxílio às famílias, que é o objetivo de nosso tema. Se forem poucos investimentos na área social, pode haver uma complementação agora, com esse tipo de agente. Podemos pensar numa emenda no Orçamento, se queremos fazer alguma coisa ainda para o próximo ano. Mas tem que existir uma integração da Secretaria da Saúde, Educação, Bem-estar Social, senão o problema ficará para o ano 2000 e tanto. Temos só hoje para fazer essa emenda, então eu convido os dois deputados aqui presentes para fazermos uma emenda em conjunto.

SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS – Gostaria de registrar as perguntas do Sr. Paulo Meireles e da professora Cleide dos Santos Vieira, que, entendemos, foram respondidas pela colega palestrante. Quero registrar a presença do Sr. Anasor Alencar Frutuoso, do Centro Espírita Irmã Zoraide, de Perus, e do Sr. Lázaro Rossi, também do mesmo centro. Passo a palavra ao Deputado, para que faça as considerações finais e agradeça a nossa palestrante.

SR. ALBERTO CALVO – Agradecemos à Doutora Márcia uma belíssima aula que nos deu e que servirá de subsídio para nosso trabalho e também para reflexão de todos que estão aqui. Obviamente, esperamos contar com sua preciosa colaboração em outras oportunidades. Vamos passar para nossa convidada seguinte, que o Sr. Mestre de Cerimônias vai apresentar.

SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS- Queria que saudássemos a Doutora Márcia com palmas pela brilhante exposição. (Palmas.) Queremos apresentar a Doutora Albertina Duarte, ginecologista, coordenadora do Programa do Adolescente da Secretaria Estadual de Saúde.

SRA. ALBERTINA DUARTE – Bom-dia a todos. É uma honra muito grande estar aqui, convidada por deputados de diferentes partidos. Hoje, vivemos um momento especial. O adolescente e a questão da gravidez está merecendo uma análise de todos os setores da sociedade. Esta é a semana em que defenderei tese, dia 29, e penso que esta ação de discussão é fundamental, quando o Poder Legislativo é um instrumento concreto de ações de mudança. Na verdade, a legislação para o adolescente ou para o cidadão é um instrumento importante na construção da cidadania. Por isso estou aqui, tentando discutir a questão da adolescência, primeiro como uma pessoa que faz parte do corpo docente da Universidade de São Paulo, que tem títulos importantes de pesquisador da Organização mundial de Saúde e da Organização Panamericana de Saúde, mas tem um título muito grande: de ser uma mulher militante do Movimento de Mulheres e ter uma grande faculdade da vida, que é discutir em vários segmentos desde as mulheres sindicalistas, às mulheres de partidos políticos com várias parcerias, discutir na área da educação, na CNB e na mídia. No entanto, antes de chegar na mídia houve um grande treino nesse cotidiano de conversar com as mulheres.

SR. ALBERTO CALVO – Peço licença, pois vou passar a Presidência desta fase para o nobre Deputado Luís Carlos Gondim.

SRA. ALBERTINA DUARTE – Estou muito contente de estar discutindo esse tema. Com as mulheres da favela, aprendi a maior definição do que é a adolescência. Não foi em 1961, quando começou o programa infanto-juvenil da faculdade – eu respeito muito o Professor Álvaro Bastos –, não foi nos livros que aprendi a maior definição da adolescência, foi com as mulheres da periferia, que me disseram que na adolescência eles fazem coisa de gente grande com cabeça de criança. E eles acreditam que sabem tudo. Parece que eles enlouquecem, às vezes fazem coisa de criança e às vezes fazem coisa de adulto e ficam confusos. Criança

a gente põe dentro de um andador e adolescente vai embora e não sabemos se volta para casa. Essa foi a definição que me fez pensar muito. Quando é que se começa a trabalhar com adolescente? Começou-se a trabalhar com adolescente no século passado e, na verdade, nas sociedades primitivas havia um ritual de passagem de criança para adolescente e para adulto. Se pensarmos nas nossas populações indígenas, desde cobrir-se de flores e dos rituais de caçada, em que tinham de fazer provas e tinham todo tempo para refazer se errassem. Havia toda uma sociedade que acolhia e torcia por essas provas. Quando a menina menstruava, tinha cânticos, informações e toda uma sociedade em torno que apontava a ela os caminhos da vida adulta. Certamente, alguns povos passaram a incorporar alguns rituais que demarcavam a religião católica, colocando a crisma e tantas coisas que percebemos. Mas o que é importante é que, desde sair da calça curta até a calça comprida, que era também um ritual de passagem, havia uma demarcação. Com a urbanização, quem sabe qual o ritual de passagem? Às vezes, uma criança chega na cidade e assume coisas dos pais, uma família migra, a criança passa a trabalhar e ganhar mais do que o pai, passa a fazer as tarefas porque tem trabalho para o jovem e não tem para a família. Hoje, como uma criança sabe que se torna adulto? Qual o ritual de passagem? É a menstruação? É a ejaculação, é a atividade sexual? É poder ficar fora de casa? É ter a chave da casa, na classe média? É ter um carro? É entrar na universidade? É provar uma droga ilícita? É beber? Qual o ritual que demarca? Quando termina a adolescência? Então, a Organização Mundial de Saúde discutiu se adolescente é quando está fisicamente desenvolvido, psicologicamente maduro e economicamente independente. Temos, provavelmente, uma grande população de adolescentes no Brasil, muito maior do que a configurada nas estatísticas. Os países desenvolvidos já resolveram a situação, eles consideram que aos 24 anos ainda não têm seus jovens economicamente independentes. Isso se chama juventude de 15 aos 24 anos. Quem é adolescente? É a segunda década da vida, ou seja, de 10 a 20 anos. Não é o menor, é a segunda década da vida, porque existem situações concretas

de risco que o adolescente vivencia: maiores acidentes, suicídios e homicídios, maiores doenças infecciosas, neoplasias, doenças malignas. Por outro lado, existe a questão do aumento da gravidez, uma criança não tem gravidez, mas de 10 a 20 anos começa a gravidez. Então, vamos pensar em termos de adolescência. Acho que a maior definição é a de Arminda Berraturi: primeiro, na adolescência se perde o corpo de criança, então é o luto, a pessoa fica carente e insegura, o adolescente não reconhece biologicamente seu corpo e sente que aquele corpo talvez não o agrade, é o que diz: “meu cabelo é horrível”, e a mãe diz : “você era tão bonitinho de cabelo cacheado”. Ele odeia que fale isso, arranca o cabelo. Ele diz: “estou alto demais”, e a mãe diz: “você cresceu, menino”. Ele detesta que fale isso. Começa a deixar cair as coisas porque não tem noção do tamanho da mão, usa uma roupa que está muito em cima ou muito em baixo porque está adaptando-se ao corpo. Quero que vocês prestem atenção, porque isso está parecendo uma brincadeira, mas representa a aceitação desse corpo pelo grupo. Num país em que as mulheres são de 1,70 m, loiras de olhos azuis e os meninos também são de 1,80 m, atléticos, numa televisão que joga uma imagem perfeita, positiva, altas, magras, essa adolescente já vem perdendo, olha e diz: “eu sou mais feia do que aquela mulher, será que ele gosta de mim?” Então essa menina já está em débito. O que representa isso? Uma adolescente ou um adolescente que está inseguro em relação ao seu corpo, é o primeiro luto. O segundo luto: perde a identidade infantil. Na infância, tem uma visão de dependência, de alguma forma ele depende dos adultos, tem uma inter-relação de independência. Na vida adulta, ele é cobrado numa identidade de responsabilidade por seus atos. Essa passagem, muitas vezes, lhe dá muita insegurança, porque lhe dizem: você é muito grande para fazer isso, ou, você é muito pequeno para fazer isso. Esse adolescente começa a não ter idéias do que pode e do que não pode e ele sofre por isso. O terceiro luto é o luto dos pais infantis. A imagem dos pais infantis é mágica, até porque ele é pequeno. O pai é mais poderoso, a mãe é mais poderosa. Existem figuras parentais, a avó trabalha, alguém cuida de uma criança. Na adolescência, não. Existe o

questionamento, ele começa a ver os defeitos que os pais têm, os defeitos que o mundo tem. Só que também os pais estão em crise, porque não agüentam deixar de ser pais daquela criança que tinha uma relação de obediência com eles. Não é um conflito de gerações, é um conflito de papéis. O adolescente perde o corpo, perde o mundo e perde os pais e, se brincar, perde a luta pela sobrevivência. O adolescente em luto está no velório, quando a pessoa é acolhida. No velório, vemos que as pessoas gritam e choram, perdem a noção de tempo. Na verdade, o adolescente está em transição, tem irritabilidade, vulnerabilidade, chora, levanta de manhã bem e chora à tarde, porque é todo um movimento de passagem. É o momento do acolhimento que vai fazer com que o adolescente se aproxime. No velório, uma pessoa chora bastante e quando chega outra que lhe abraça ela chora mais. A pessoa não fez nada, apenas acolheu num abraço.

Para o adolescente, não adiantam as justificativas lógicas. Quem trabalha com adolescente não pode dizer: “no meu tempo era deste jeito”. Não adianta dizer: “no meu tempo não se podia engravidar”. O adolescente tem onipotência, tem magia, temporalidade, tem agressividade, tem crises religiosas, por exemplo, se a mãe tem uma religião que ele não tem. Ele tem experimentações e não quer ser igual aos pais porque ele está criando uma nova identidade, que tem de ser diferente do adulto. Não adianta os pais começarem a dar conselhos, porque ele é muito esperto e aprende a ver o que os pais querem. Adolescente que concorda com tudo que os pais dizem está mentindo. Às vezes, o professor não entende essa passagem. O adolescente começa a fazer confusão na classe e o professor manda embora e ele acha legal. É diferente da criança que chora, porque ele precisa de uma atitude de contestação. O adolescente tranqüilo, dizendo “sim, tudo bem”, é tão alucinante como ter um quarto de criança com tudo certinho e a criança falando: “três horas, estou com vontade de comer”. A criança não faz isso, ela chora, comunica-se pelos berros. O adolescente também se comunica de uma forma infantil com suas necessidades. Quanto menos o adolescente tiver um objetivo na vida e condições para manifestar essa insegurança, ele vai se atrapalhar mais ou se

infantilizar mais. Então, o adolescente precisa vivenciar com auto-imagem positiva esta mudança de corpo, com uma imagem positiva dele a mudança de sua identidade, que é o valor que ele se dá. Precisa vivenciar com tranquilidade essa mudança dos pais e precisa ter um projeto de futuro para poder realmente construir sua auto-estima, sua auto-imagem e seu autocuidado. E que tem isso a ver com a gravidez? O primeiro mito fundamental é achar que na gravidez os adolescentes desconhecem os métodos, que lhes falta informação. Eles têm informação, adolescentes conhecem os métodos. No Estado de São Paulo as perguntas são sobre os métodos mais sofisticados. Adolescente lê revista, ouve, conversa. É a mesma coisa que perguntar se adolescente não conhece menstruação ou não conhece ejaculação. Todos eles conhecem, o que acontece é que essa informação não é suficiente para mudar o comportamento. Então, não se trata de, biologicamente, estar falando apenas dos problemas dos anticoncepcionais, dos riscos da gravidez. É como falar da droga. Adolescente ouviu falar de maconha, ouviu falar das drogas, tem adolescente que dá aula melhor do que professor de farmacologia.

Só que o importante é que eles incorporem esse conceito e façam uma mudança de comportamento. Conhecer os métodos anticoncepcionais ou atitudes de prevenção é a mesma coisa que uma alfabetização. Os adolescentes conhecem as letras, mas precisam entender o sentido das frases. E nessa grande alfabetização da vida, que é a adolescência, é preciso que os mestres e a sociedade lhes dêem condições para que eles aprendam, escrevam e sejam sujeitos e objetos dessa alfabetização. Hoje, temos um milhão de adolescentes grávidas no Brasil. Em São Paulo, temos, ao todo, 700 mil partos, destes, 140 mil são de adolescentes. Então, temos uma cidade de 140 mil adolescentes que deram à luz num ano. Esse número é maior do que Itu ou Tatuí. Imagine uma cidade nascida de filhos de mães adolescentes. O grande tabu é acreditar que adolescente só engravida quando é de baixa renda. Os adolescentes sempre engravidaram quando eram de baixa renda, também a grande população do Brasil é de baixa

renda, a maior parte dos adolescentes são de baixa renda e de baixa escolaridade. A gravidez está aumentando em todas as classes sociais e a classe média está mais tumultuada, porque está menos acostumada a encarar essa situação. O nível social mais baixo já vem vivenciando isso há alguns anos. O nível social mais alto adquire, pela legalização econômica, uma série de situações, seja do aborto ou da possibilidade de essa menina ter um filho e continuar sendo garantida financeiramente pela família. Mas a classe média vive a situação financeira e a situação emocional e tudo o mais, o nível social mais baixo vive todos os riscos, até maiores, como sobreviver a essa gravidez. A adolescente engravida e o que acontece? Primeiro, é preciso estar muito claro que o risco existe. Eu trabalho com adolescência e sou médica há 29 anos. Jamais alguma menina adolescente morreu no meu consultório. Teve risco, sim, porque mesmo meninas de nível social mais alto têm risco. Esta noite eu tive uma menina com 17 x 8 de pressão. Quinta-feira eu a vi e sua pressão estava perfeita. São dois crescimentos, ela está crescendo e está gestando e por isso tem mais riscos. Os riscos numa gravidez são: eclampsia, hipertensão, infecções urinárias, anemias. Essa adolescente que esconde a gravidez, mesmo na classe média alta, até os quatro ou cinco meses, começa um pré-natal tardio e sem condições. Então, para que o país ou São Paulo assumam a gravidez na adolescência é preciso uma equipe muito mais preparada para dar conta dessa gravidez. O parto tem características diferentes. Se depois do parto é possível ter infecções, também fisicamente precisamos tomar mais cuidado. Prefiro fazer o parto de uma mulher com mais de 40 anos, que todo mundo se preocupa, do que uma de menos de 20, porque a de 40 anos já tem consciência dos riscos e tem uma busca e uma responsabilidade em relação a esses riscos. Sozinha ou não, essa mulher de 40 anos assume essa gravidez já vivenciando os riscos. Na adolescência, ela não acredita no que pode acontecer com ela e nem a família acredita. Existe um pacto de magia também entre as famílias. Nasce o bebê e vem a questão da amamentação, o vínculo e depois o retorno à vida normal. Como essa adolescente se insere sem garantias? Como ela volta para a escola? Vamos deixar

de ser mágicos. Essa adolescente, uma menina de 15 anos que está na escola e tem um filho, será ótima companhia para as outras meninas? Será que numa festa de 16 anos essa menina pode ir com o filho? Ou pode convidar todas as meninas da classe para festejar seu aniversário? Existe uma situação concreta em que as mães têm uma discriminação semelhante à discriminação racial, é uma discriminação velada. Será que essa menina que tem 16 anos e um filho é a namorada ideal do meu filho? Como fica essa menina na inserção? Como os professores vão lidar com sexualidade quando tem uma menina grávida na classe? Ele quer falar da prevenção, mas já tem aquela que engravidou e não se preveniu. Não precisa falar nada, existe um olhar concreto. A menina que está fragilizada com a auto-estima, insegura, não aprende a lição e volta a engravidar. O que temos hoje para trabalhar é: como uma gravidez se fundamenta e é possível trabalhar numa segunda vez. Numa matéria que sairá semana que vem, juntei várias meninas com um jornalista, mostrando a questão da segunda gravidez. Uma menina de 16 anos, loira, de olhos azuis – tudo que a mídia gosta – que veio da Disney, encontrou o namorado muito aborrecido com sua ausência, engravidou e deixou a escola, passou mal na gravidez, voltou à escola. Eu avisei que já estava em risco de engravidar e quando sua menstruação atrasou ela resolveu colocar um diu, mas teve outra gravidez. Ela tem duas crianças, uma de um ano e outra de dois anos e um mês. Ela queria fazer medicina, mas já não vai mais fazer, depois queria fazer psicologia. As profissões são normais e agora vai fazer pedagogia, mas ela tem uma família que tem estrutura, ela ia fazer o pré-natal de carro, é filha de uma mulher de mais de 40 anos, um casal que a desejou muito. Casou-se e foi morar na casa da sogra e vive efetivamente uma situação muito complicada. Quem vê essa menina percebe que ela é uma mulher, ela anda com as fotos dos filhos. Ela está entrando na faculdade e diz que na sua classe todo mundo quer namorar, mas ela precisa voltar para casa para os filhos. Diz que não pode ir às festas ou outros lugares porque tem uma outra vida. Outra menina de classe média teve eclampsia porque não teve condições no parto. Trabalhei com ela, fiz o parto de graça, fiquei com muito cuidado e ela

engravidou novamente e teve vergonha de voltar para mim porque a família dizia: “uma vez a doutora fez o parto de graça e não vai fazer o segundo”. Ela quase morreu e o bebê morreu. A maior parte das adolescentes tem dois filhos e engravidaram rapidamente depois. Quarenta por cento voltam a engravidar e essas crianças ficam com a mãe da menina. Oitenta por cento está vivendo com a mãe da menina, eles estão separados porque o tempo de vínculo entre o namorado e a menina é de apenas seis meses no máximo. Mães e pais que estão aqui podem acreditar, que essa é a média. Algumas pessoas vão pensar que as filhas demoram seis anos para ter relações, mas eu digo a vocês que é seis meses, porque algumas podem ser seis minutos, seis segundos, seis horas. O tempo da gravidez é rápido, conheceu o menino e depois de uma ano e um mês já está nascendo o nenê. Então, não há tempo para um amadurecimento.

Os pais não estão preparados para discutir sexualidade. É uma nova situação da sexualidade. Os adolescentes estão tendo atividade sexual entre 15 e 16 anos. Existem muitas adolescentes que estão tendo relação com 23 ou até mulheres que tem relação aos 50 anos, mas a média é entre 15 e 16. Com essa idade, a menina não conta para os pais e eles não estão preparados para discutir, mas também não estão preparados para ter um neto. Se não estão preparados para discutir sexualidade, vão estar preparados para ter um neto? Então a situação fica tumultuada.

Voltando, a adolescente conhece os métodos e não os usa, engravida e não os usa de novo. Então, o problema não é conhecimento, mas que o adolescente tem de incorporar uma mudança no seu comportamento e uma auto-estima positiva, autocuidado. Sem auto-estima, sem autocuidado e sem projeto de futuro, não há mudança de comportamento. Não basta só a Secretaria de Saúde mas toda uma parceria com a Educação, com a Cultura, Esporte e Lazer, para que o adolescente tenha vários prazeres num esporte, na música. Não é dizer: “faça esporte em vez de transar”. Não é isso. É sim que o adolescente possa manifestar várias sensações, que se sociabilize, que discuta. Faça teatro, música ou dança, é a ocupação do

tempo livre que vai fazer com que esse adolescente tenha vários prazeres, várias ocupações. Uma adolescente está insegura, fica em casa e aí encontra um menino. Ela se julga gordinha, baixinha e chata, chega esse príncipe e diz: “você é do tamanho ideal, é extremamente falante, não é tímida, adoro seu cabelo” – que ela detesta –, “seu nariz é o que mais gosto”. Essa menina fica escrava. Uma mulher de 40 anos fica escrava, imagine uma adolescente. Qualquer qualidade negativa que é elogiada faz com que a pessoa fique escrava. Mãe que é mãe acaba transformando uma paixão vulgar numa grande paixão. Ela casa com ele. Mãe que inteligente vai defender não o namorado, mas o amor. Não adianta reclamar, vai defender o vínculo, vai defender essa nova sensação. Vocês acham que uma adolescente insegura vai dizer: “sem camisinha não transo”? Precisa ter muito ovário para uma mulher dizer que não transa sem camisinha e precisa ter uma bolsa escrotal interna para dizer: “Eu uso camisinha e não tenho medo de falhar.” Homem adulto já está tendo medo de falhar, tem muito educador que está ensinando a colocar a camisinha, tem pai que não sabe colocar a camisinha. Então, é tudo uma falsidade. O adolescente está vivendo uma situação concreta, está vivendo no tempo da Aids, está vivendo no tempo de novos relacionamentos, está vivendo no tempo da mídia que nada acontece, na novela a adolescente fica grávida e fica escolhendo qual o melhor galã. A questão da adolescência é muito séria, porque nada acontece na mídia, ninguém engravida, mas há várias artistas grávidas, muitas artistas têm dois filhos, um de cada parceiro, está tudo bem, não acontece nada. A menina do Ronaldinho, que ele conhece há dois meses, está grávida de sete semanas. Que eu saiba dois meses têm oito semanas. Também não vai acontecer nada, eles vão ser felizes para sempre. A mídia não fala quem é Ronaldinho, quem são essas pessoas que não têm uma gravidez independente, ela tem uma gravidez dependente de ótimas condições físicas, psicológicas e sociais.

Encerrando, a gravidez não ocorre por falta de conhecimento, a adolescente tem uma informação, não precisa ser uma enciclopédia para saber todos os métodos, se têm efeitos colaterais. Quem precisa saber isso são os médicos. O

adolescente precisa se prevenir, e prevenção se ensina. Os métodos anticoncepcionais são conhecidos. Prevenção e autocuidado se dá com uma sociedade que saiba que adolescente é atemporal, mágico, tem dificuldade de entender. Que se trabalhe sua auto-estima, para que ele se sinta útil e valorizado.

Entendo que é preciso abrir espaços concretos na saúde para que o adolescente tenha um poder de escuta. Temos o disque adolescente, que funciona gratuitamente das 11 às 14 horas. Não é um disque sexo, é um disque adolescente, onde ele fala das dúvidas. A primeira dúvida é sexualidade, a segunda é namoro, a última é como fazer a prevenção para não engravidar. Ela não pergunta como pode se prevenir, mas na segunda-feira tem dúvida se está grávida, porque transou sem camisinha. Na sexta-feira, ela nunca pergunta como se prevenir, ela só quer saber se o namorado gosta dela. A adolescente está “ficando” e os pais não entendem o que é ficar, os pais pensam que é ficar olhando, ficar é tudo menos ficar de mão dada. Menina de nove anos sabe bem o que é beijo de língua e o pai fica louco com esse contato. Numa classe, a menina sente-se inferior às outras porque ainda não “ficou”. Ficar representa ficar sem compromisso, representa o grau de compromisso. Uma menina pode ficar e ter relações, pode ficar e beijar e abraçar sem ter relações.

Temos, hoje, uma adolescência que valoriza o não-vínculo, mesmo que, no dia seguinte, fique muito triste. Ela diz que não se importa, mas chora quando o menino, no dia seguinte, fica com a amiga dela. A mulher perde muito, porque fica descartável. Como vamos trabalhar a auto-estima dessa mulher diante de conceitos? É preciso restabelecer o vínculo. “Fique” com vínculos. Como se estabelecem vínculos? Sem vínculos o menino não se preocupa, você que se previna. A menina fica insegura por medo de não agradar e o menino fica inseguro por medo de falhar. Esta foi a pesquisa que ganhamos da Organização Mundial de Saúde e que trago para vocês. Foi elaborada por 2.374 jovens no Estado de São Paulo e aplicada por jovens. Eles revelaram que o sentimento básico na primeira relação é insegurança e medo. De 86 a 90% conhecem os métodos, só 10%

acreditam que não podem engravidar. Outra coisa importante, 70% não usam nenhuma proteção na primeira relação. Outra coisa, a primeira relação ocorre nos seis primeiros meses. Isso era a média de quatro anos, com certeza agora já está mudando.

Outra coisa importante, os adolescentes sentem, na primeira relação, medo; de prazer, muito pouco, tanto menino como menina, porque estão extremamente ansiosos. Em caso de gravidez, eles não têm a proposta de aborto, mas a proposta de assumir a gravidez. Isso é na pesquisa. Se a família os faz casar, eles ficam revoltados contra a família, se a família faz abortar, também ficam revoltados. Quando alguém pergunta quem vai sustentar, eles dizem que vão trabalhar e que vão dar conta da situação. Hoje, estamos vendo pais desempregados, família que trabalha horas extras, pais que não têm tempo de conversar com os filhos. Os pais são heróis. Mesmo que tivessem todo tempo, eles não foram preparados para essa situação nova de hoje, numa sexualidade no tempo da Aids. Os adolescentes não perguntam como é a atividade sexual, mas o tipo de atividade sexual. Vocês não podem acreditar o que eu ouço em meu consultório. Eles não perguntam se a pílula é boa ou não, perguntam – e ficam muito nervosos – o que é relação oral, o que é orgasmo clitoriano e uma vez, no rádio, a menina perguntou por que não se fala de masturbação entre as mulheres. É uma discriminação, porque o irmão fala de masturbação com os meninos e ela não pode falar com as meninas. Perguntam o que é ejaculação precoce. Vejam, os adolescentes estão perguntando coisas muito além do que eu aprendi há 20 anos. Esta fala é uma abertura para que eu possa trabalhar, porque quando ele pergunta de ejaculação precoce. digo "vamos conversar". Explico que o que ele está tendo não é ejaculação precoce, é espontânea, própria da idade. Pergunto por que tem medo de ejaculação precoce e começo a trabalhar informando da questão da camisinha e dizendo que quanto mais precoce é o vínculo, mais precoce a atividade. Nisso existe uma abertura. É claro que isso precisa ter um treino. Às vezes, a mãe e pai não são as melhores pessoas para discutir, mas são as melhores pessoas para acolher. Digo sempre que o pai

precisa olhar o filho. Não precisa falar “use camisinha”, mas precisa falar “bom-dia, eu te amo”. Pai que é pai e mãe que é mãe tem de parar de falar usa isso ou aquilo, não usa droga, tem de olhar. Se olhou de modo diferente, tem de pedir ajuda. Então, minha grande proposta para os pais é parar de falar “no meu tempo” ou “faça isso, faça aquilo”. Tem que falar de seu amor, embora o filho ache isso uma chatice. Pode deixar falar, porque ninguém morre de agrado, morre por não ter agrado. Tem de abraçar o filho e cheirar, e se sentir o cheiro de droga, não começar a gritar, se sentir o cheiro de álcool não gritar naquela hora. Parem e reflitam. O cheiro pode servir para duas coisas: para chegar perto e também para ter alerta. Olhar no olho, morder a língua, parar de criticar os outros adolescentes, pensando que seu filho ou filha não faz a mesma coisa. Mãe tem de parar de falar sobre conceitos, deve ficar quieta.

Na escola, os professores têm de estar capacitados para entender aquele que está no fundo da classe, parado, aquele que está triste, aquele que está só desenhando, aquele que provoca, aquele que vai mal. Ir mal na escola é um grande fator de alerta, é um fator de risco, os professores têm de detectar quais são os fatores de risco: ficar quieto, não se comunicar, viver só com uma outra pessoa. O professor pode ser um grande capacitador de ações. Nunca duvidei de que a educação tem um poder fantástico de transformar grupos. Se a sexualidade na adolescência é uma nova alfabetização de vida, então os professores que estão acostumados a lidar com alfabetização podem ter uma arma importante na sociabilização e carinho dos grupos. A cultura retomando a história, a dramatização, a dança. Não se importe com o volume do rádio, deixe que ele enlouqueça ali, porque aquele que tem tudo baixinho também faz as coisas na clandestinidade. Estou comandando um programa, “Parceiros do Futuro”, com 130 profissionais. Estamos indo para a escola e cada dia chega mais um profissional pedindo para se inserir, cada dia chega mais um adolescente. Os adolescentes estão discutindo nas escolas, aos sábados e domingos. O Joãozinho Trinta falou a coisa mais bonita: enquanto eles dançam na escola de samba, estão livres da violência do Rio. Ensaio

de escola de samba é um movimento de proteção. Estamos, hoje, num grande samba de violência e eu não tenho dúvida de que as escolas têm de resgatar o coreto das cidades. Quando cheguei aqui no Brasil, achei maravilhoso o coreto, e minha mãe não me deixava ir, porque eu tinha só seis anos de idade. Temos de fazer grandes coretos nos bairros, espaços livres. Não é só Jardim Ângela, são vários jardins, porque o traficante está nos bairros, está na esquina e ele tem um poder fantástico, ele vê na saída da escola aquele menino que está deprimido. Devíamos chamar um traficante para falar como é que ele identifica um adolescente de risco, porque ele sabe ver mais do que a professora e do que o pai. Temos de começar com o alerta: quais são os fatores de risco, quais as características do adolescente, ele mente dizendo o que queremos ouvir, mas ele é carente e um abraço o desmonta. Certa vez, no Hospital das Clínicas, chegou uma menina abortando, descendo o feto pelas pernas, ela me olhava e eu a abraçava. Esse abraço é fundamental. No Hospital das Clínicas, eu ouvi pessoas dizendo que eu era médica e não podia dar esses abraços. Esses abraços foram sempre o que me acolheram nesses 15 anos de Pronto-Socorro. Precisamos valorizar os pontos positivos do adolescente, convocar esse adolescente para fazer atividades grupais. A escola não vai competir, o adolescente está tendo informações na Internet ou na televisão. A aula de geografia fica muito chata. A novela está aí extremamente produzida, vamos fazer uma novela da vida, dramatizações, dança, o que custa isso? Quanto os prefeitos gastariam para fazer um dia do adolescente? Todo mês ter um concurso de música, de dança, com prêmios. Se é um adolescente de São José do Rio Preto, por exemplo, pode receber um prêmio não de um museu de história, mas uma passagem para conhecer algum lugar da moda dos adolescentes, por exemplo, Bonito, as cidades que estão na moda, como Itaúna. Isso já o forró já descobriu, porque conheço vários forrós que mandam os adolescentes dançar a noite toda e dão uma viagem a Itaúna. Poderiam premiar poesia, peça de teatro. Esses teatros poderiam ir para outras escolas.

Precisamos chamar os adolescentes para serem sujeitos da história, eu chamaria de agentes multiplicadores de esperança. Uma vez conversei com o deputado Arnaldo Jardim sobre a importância de fazermos um grande grupo, que ele até me sugeriu um nome, mais do que de fiscais, um grupo de adolescentes e da comunidade para trabalhar com essa disseminação do que é essa adolescência e trabalhar com música, com dança, com artesanato. Em vez de o adolescente comprar uma camiseta, ele poder fazer essa camiseta, ou peças de *jeans*, que estão absurdamente caras. Sou portuguesa e em Portugal aprende-se de tudo, então ensinei adolescentes a costurar, a fazer desenhos. Fizeram os enfeites, os bordados e saíram muito felizes. Não importa que a música seja o *rock*, é preferível que eles ponham alto música rap, mas que esse não seja um canto de carpideiras na Febem, por exemplo. Quando vi aqueles adolescentes naquela operação de guerra, eu disse: “ou tem essa operação de guerra com o canto das carpideiras ou tem outra situação”, que é um canto de alegria dos jovens. Eu acho que esta Assembléia pode ser um espaço, seria interessante se uma vez por mês começássemos a fazer uma atividade de apresentação, um espaço de participação com teatro. Eu vejo esses quadros aqui, não quero só quadro de pintores, jovens pintores, jovens cientistas, jovens escritores, jovens pianistas, quero jovens batucadores de lata, a lata de óleo transformada numa lata de esperança. Eu trago esta imagem: alguém que tem 29 anos de profissão e que diz que enquanto médica pode ser apenas responsável por uma equipe multiprofissional que possa estar apontando quais são os fatores de risco. Cada um dos profissionais, a escola e os diversos setores estarem pensando quais são os fatores de risco e cada um dos profissionais da sociedade pensarem em seu compromisso de proteção para os adolescentes. A gravidez precoce é apenas uma ponta do *iceberg* da dor precoce, da dúvida precoce, da violência precoce, da atividade sexual precoce e do abandono precoce da sociedade, da escola e de todo o país. É preciso ter uma política de juventude e, mais do que isso, entendo que é preciso abrir espaço de participação gratuita. Se não for por um compromisso pela cidadania e pelos

direitos, que seja por um compromisso interesseiro de que adolescente vota e também pode escolher traficantes para serem eleitos. (Palmas.)

SR. ALBERTO CALVO – Doutora Albertina, queria dizer que fizemos uma indicação para que sejam usadas as escolas públicas nos finais de semana para o desenvolvimento de música, arte, esporte e tudo o mais.

SRA. ALBERTINA DUARTE – Estava no Congresso Latino-Americano e agora, no próximo congresso, que vai ser na Argentina, eu gostaria que São Paulo pudesse estar mostrando o que faz para o Brasil. Fico muito preocupada porque aí fora vou aprender coisas que já fazemos aqui. Acho que tínhamos de ter uma legislação concreta de regulamentar e estar avaliando cronologicamente que efeitos houve, porque essa avaliação é importante, e mais do que isso, esta Casa podia ser um espaço de reciclagem de profissionais. Esta Casa precisa abrir efetivamente a legislação como ação de cidadania.

SR. LUÍS CARLOS GONDIM – Primeiramente, queria agradecer ao deputado Alberto Calvo, por dirigir agora este fórum, e dizer que, em 1975, quando cheguei no HC, o professor Salvatore falou: “cola na Albertina, no Vicente Magnoli”. Realmente, ela continua brilhante, dando suas palestras, e sabe o que está fazendo. Isso é muito importante e temos muitos colegas que precisam ouvir um pouquinho dessa lição, até no sentido contrário, que ela nos diz: “aprenda como os traficantes fazem” para poder ir em busca do adolescente. Eu queria comentar algumas coisa. Primeiro, que ela entrou no assunto do forró e eu que sou cearense, fiquei emocionado. Temos que prevenir a Assembléia, que tem de abrir esse espaço. Quando abrimos aquele projeto *antidoping*, eu queria comentar alguma coisa de como chegar numa parte ideal em relação às drogas nas escolas. Chegamos já com três fóruns realizados. Digo que vou tirar e me dizem para não tirar, porque não chama atenção, problema da mídia. Se eu retirar o projeto ideal, está pronto, se

retirar o outro, a mídia não vem em cima. Ela faz isso. Ninguém põe para fazer propaganda de bebida ou de cigarro alguém desdentado, alguém que não cresceu, a mulher feia. Isso é uma coisa que temos de observar, do papel da televisão em tudo o que estamos fazendo. Vamos falar, no máximo, para mil ou duas mil pessoas, dez mil, enquanto a televisão continua falando para cem milhões de pessoas. Deve existir um compromisso com as empresas de televisão. Nesse grupo temático há algumas coisas que nos chamaram a atenção. Em nossa oitava semana do adolescente, em Mogi das Cruzes, onde sou autor dessa lei na Câmara Municipal de Mogi das Cruzes, levantei um dado em que 750 mil gestantes adolescente evoluíram e fizeram pré-natal e aproximadamente 750 mil fizeram aborto, ou seja, um total de um milhão e meio. Eu estou fazendo essa pergunta porque você, Albertina, nos passou um dado de 140 mil partos de adolescentes. É no estado ou na capital? Porque foge do nosso levantamento.

SR. LUÍS CARLOS GONDIM – No SUS, e 750 mil abortos de adolescentes, isso é para deixar claro, no Brasil. E a gestação do adolescente como agressão. Como você vê isso? E a gestação que eu chamo recidivante? Eu já fui médico do Hospital das Clínicas, tive consultório na Frei Caneca, fui médico em Mogi das Cruzes e em Biritiba Mirim. O que tenho observado é que, quanto mais no interior, eu tenho visto mais recidiva de gestação de adolescente. Agora mesmo, estou fazendo pré-natal de uma criança que completa 17 anos e está na terceira gestação. Eu queria que você comentasse a agressão e dessa gestação recidivante.

SRA. ALBERTINA DUARTE – Percebemos que a pessoa que chega no hospital tem uma outra dimensão. O Hospital das Clínicas é um hospital muito fechado e com muita dificuldade de mudar os padrões. Mas, por outro lado, quando as pessoas chegam com outra abordagem, as pacientes chegam perto de quem as olha. No dia-a-dia, eles não chamam pelo professor, eles chamam por alguém que

as olha no corredor. Essa coisa do olhar das pessoas no dia-a-dia, quem é professor percebe. Qual é o médico que olha mais e quem não olha. Resgatar o olhar é sempre o tempo todo.

A questão do porquê das adolescentes engravidarem é um ponto importante. Quatro gravidezes, cinco, já fazem parte do cotidiano das adolescentes. Vemos adolescentes de 17 anos com três gravidezes e de 20 anos com seis. O adolescente não é culpado por uma gravidez, ele é vítima, e a vítima responde até com agressividade. Muitas vezes, a adolescente pode engravidar porque não sente nada, está agredindo o mundo ou também acha que aquele papel de ser mãe é o único que ela conhece. Nessa época de vestibular é a que mais me preocupo com a classe média e também no nível social mais baixo, que é a época dos exames. Se a adolescente está indo mal na escola, tem mais possibilidade de engravidar; porque já está indo mal e tem mais chance de repetir e ver que não acontece nada, ninguém a matou. Aluno que repete uma vez é abandonado e pode repetir, porque pensa que já sabe tudo e não estuda. A gravidez é a mesma coisa.

Por outro lado, vamos pensar numa menina que engravidou e não está com o namorado. Ela arruma um namorado, está frágil, sentindo-se feia, porque já está mais gorda ou com estria, ela desconhece seu corpo. Se para mulher adulta é difícil assumir o corpo depois de uma gravidez, sempre fica achando que está diferente, como é que uma adolescente vai sentir isso? As mudanças são muito rápidas. Ela se compara com outras meninas, que tem um corpo melhor. Quem engravida na adolescência fica com um corpo diferente, se não for cuidada. Se for cuidada ficará com 90% de chance de ficar normal. Você vê as artistas fazendo plástica para o corpo voltar. Não é que o corpo fique igual. Esse significado é muito grande. Essa adolescente começa a namorar, vem o menino e diz: “você não se preveniu da outra, não sou eu agora que vou me prevenir”. É o machismo. Outra coisa, ela às vezes não volta à escola. É uma agressão inconsciente, a única coisa que ela sabe é engravidar, ela não tem uma produção social, tem só uma produção biológica. Também quando ela está grávida ela é protegida socialmente, naquele momento a

família se mobiliza, ela chama a atenção de todos. A irmãzinha vê toda essa atenção. Ela vai continuar a chamar a atenção, porque é isso que ela quer. A mãe está sempre muito mais perto do filho que repete do que daquele que vai bem, porque este não preocupa. A comparação é uma desgraça. Com a filha de mãe adolescente, a família tem que tomar muito mais cuidado, porque, às vezes, quer resgatar o próprio nascimento, não sabe se foi rejeitada quando a mãe estava grávida. Existe um mecanismo inconsciente de legalizar o próprio nascimento. Quem engravidou tem de ter um cuidado muito maior, 40% volta a engravidar porque não tem perspectiva de futuro, é muito difícil ela assumir o trabalho. Quem vai dar emprego para uma grávida adolescente? Se o desemprego é tão grande que nem para mulheres tem emprego. Que preparo tem essa menina? Então ela continua produzindo, que é uma resposta à agressão que ela tem porque não foi protegida. Se ela está afastada do mercado de trabalho com 17 anos, quando tiver 27 anos que mercado de trabalho encontrará? Antigamente, as meninas não menstruavam com 13 anos, era com 14 ou 15, e existia um pacto de família, gravidez para a mulher solteira, nos tempos de nossas avós, era uma desgraça. Nossa avó podia ser analfabeta, porque os tempos eram outros. Os imigrantes que para cá vieram não sabiam a língua e conseguiram ter algumas garantias que fizeram os filhos estudar. Há 40 anos, não eram necessários tantos conhecimentos sofisticados para enfrentar o mercado de trabalho. Hoje, você precisa ser bonito, cheiroso, gostoso, saber inglês, francês, computação, estar bem vestido, não pode ter mais de 40 anos. Exigem beleza, competência, pluralidade, para ganhar quase nada.

SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS – Vamos abrir o debate para as questões.

SR. VALTER TENÓRIO – Represento o Fórum Nacional da Terceira Idade. Primeiro, quero parabenizar a doutora Albertina e a Mesa, porque esse Fórum dá uma impressão positiva de seu valor para São Paulo e para o Brasil. Tenho três

adolescentes. Sua palestra para mim foi uma lição. Certamente, fui criado com os avós e tenho muitas carências. Tive oportunidade de chegar a um bom nível de cultura. Por outro lado, fico feliz porque a vida tem me ensinado muito. Essa conduta de não saber nada junto com meus filhos, aprender com eles, estar ao lado deles. Realmente, tem sido uma experiência muito positiva. Outro dia, estávamos vivendo momento de atrito com meu filho e fiquei feliz quando ele disse que tinha orgulho do pai. Há muito tempo não conversamos, nosso relacionamento é limitado àquela pancada na mão, bom-dia de manhã e um tchau quando vai para a escola. Sua palestra alegrou-me e quero dizer do bem que me fez. Muito obrigado. Parabéns.

SRA. ALBERTINA DUARTE – Só quero dizer que adolescente “saca” o pai e “saca” a mãe. Não precisa falar tanto, eles sabem. Vou contar um episódio antes de falar do aborto. Estava escrevendo o livro *Adolescente está ligeiramente grávida* e minha filha perguntou o que eu faria se ela engravidasse. Essa pergunta direta é muito rara, porque o adolescente faz a pergunta às avessas. Ela perguntou se eu assumiria e eu disse que quem assumiria era ela. Nós dividiríamos. Ela disse que eu não dividiria nada, porque sou superlutadora e ia defendê-la clamando pelos direitos da adolescente. Então não adianta fazer um discurso falso porque os filhos nos conhecem. É muito mais importante dizer o que sentimos. Não adianta ser democrata quando somos autoritários. É melhor dizer “Eu penso assim, mas se você me convencer, posso até mudar.” Dá uma abertura. Quando não sabe, fica quieto, porque adolescente “saca” tudo. Por isso que o adolescente escolhe aquela tia que é medonha na família. Um tio todo alucinado é o que o adolescente mais gosta, porque ele é da contestação. O professor mais louquinho é o que o adolescente mais gosta. Existe uma coisa chamada reciliência. Reciliência vem da palavra física. Aqui todos somos recilientes, quando você pega um ferro ou aço, bate, bate, e ele continua firme. Somos temperados no aço. Então, temos de preparar os adolescentes para serem recilientes, para que os embates da vida

possam deixá-los de pé. Ser temperado no aço representa toda uma proposta da sociedade para temperar esse aço para que os adolescentes possam ficar de pé.

SR. MESTRE DE CERIMÔNIA – Doutora, tem uma pergunta da Luzia, da Assembléia, que diz o seguinte: Quais as conseqüências do aborto para a adolescente?

SRA. ALBERTINA DUARTE – Eu não falei do aborto, porque sabia que alguém ia falar. Cada vez mais, fico pensando que o aborto tem riscos físicos, psicológicos e sociais. O aborto é uma perda e tem uma dimensão maior ou menor de acordo como as pessoas em torno desse adolescente vêem esse aborto. Numa família extremamente religiosa, esse aborto vai ter uma conseqüência psicológica muito maior. Essa adolescente vai se sentir muito mais culpada e cobrada.

Em minha pesquisa, mencionei que os adolescentes dizem que não querem fazer aborto, mas fazem. Então, se eles dizem que não querem e fazem, é a dualidade e a ambigüidade. Adolescente também fala que atividade sexual ideal é depois de 18 anos, só que ele tem aos 17, fala que a relação faz parte do namoro, mas sonha em casar virgem. Eu já tive adolescente que abortou com toda uma estrutura e dois meses depois engravidou, para resgatar aquela situação que ficou insuportável. Se o menino não está junto na gravidez, no aborto, menos ainda. O aborto é um ato de solidão, o aborto está acontecendo mais na classe média alta. Hoje, cada vez mais adolescentes estão tomando medicações e chegando nos ambulatórios sangrando. Eles não sabem das conseqüências, mas o que chama atenção não é só o sangue que sai do útero, é o sangue que sai da alma, do coração, do cérebro, porque eles sofrem porque essa adolescente está sozinha, tem a mãe, uma tia ou uma amiga. A figura masculina do pai, irmão ou namorado está distante, então essa adolescente é profundamente só. Há conseqüências físicas. Já tive adolescente que perdeu o útero porque teve uma infecção. Isso, felizmente, é uma exceção. Ela pode ficar estéril se fizerem uma curetagem inadequada e ter

obstrução de trompa. Mas o maior dano é o psicológico. É preciso trabalhar com adolescente que aborta para ver a dor. Eu já vi mulheres que, na hora do parto, lembravam-se de que tiveram outros abortos. Mulher que abortou espontaneamente e já tinha provocado um aborto, achou que Deus castigou. Já vi muitas mulheres com dificuldade para ter parto normal porque fizeram aborto. O aborto não é uma situação de sorriso. A questão de legalização ou não precisa de outra discussão. Para mim, fica muito claro que sempre que puder evitar que uma adolescente faça um aborto, eu ficarei muito mais recompensada. Eu não faço aborto em meu consultório, nem fora dele – mas atendendo, pelo menos uma vez a cada três dias, a alguém que abortou. É muito difícil e eu tenho de tomar muito cuidado; ela chega chorando muito. Outra coisa, essa menina que teve o aborto autorizado precisa ser observada porque voltará a engravidar. Aquela menina de dez anos que foi estuprada e houve pedidos para não abortar, também voltou a engravidar. Na época eu tinha prevenido: não adianta falar que é estupro ou abuso, ela não está emocionalmente preparada. Estupro foi não acompanhá-la psicologicamente. Essa menina teve um abuso social e as meninas que abortam voltam a engravidar. Eu conheço uma menina, de nível social muito alto, de 14 anos, em que a família optou pelo aborto. Ela abortou e depois engravidou e escreveu no computador: “família assassina, desta vez vocês não vão matar meu nenê”. A mãe enlouqueceu. Numa sociedade em que deixa os adolescentes abortarem, sinto que estou abortando, a família abortou, a escola abortou, a sociedade abortou, todo mundo abortou. O país abortou uma falta de oportunidade de dar a esse adolescente uma capacidade de se prevenir.

SRA. ADRIANA SHANOSCA – Sou diretora de um abrigo. Recolhemos crianças numa faixa etária de zero a seis anos. Gostaria que se falasse algo sobre a adolescente carente, que além de passar por essas difíceis situações aqui expostas, por alguma razão abandona seu bebê na maternidade.

SRA. ALBERTINA DUARTE – No ritual de passagem, a síndrome da adolescência normal, que são essas características, permeia todas as classes sociais, mas é claro que é mais difícil para uma adolescente que perde o corpo infantil, que perde os pais infantis ou que nunca os teve e perde a vida. Como fica essa menina que não teve pai? Se a perda para quem tem é dura, imagine para quem não teve. Essa é uma adolescente em perda, em luto. Adolescente carente está em luto e, certamente, tem mais riscos. Como fica a cabeça dessa adolescente que teve de abandonar seu bebê? Com certeza ela já é abandonada, ela repete a situação de abandono. Ela tem o abandono efetivo, foi abandonada e abandona. Ela tem duas situações de abandono. Percebemos que a adolescente que abandona o bebê volta a engravidar e abandona o segundo. É muito comum. É comum dizerem “desta vez o bebê vai ser meu, eu não vou abandoná-lo”. Essa magia existe, mas ela fracassa mais uma vez. A adolescente que abandona também se abandona. Precisamos fazer um trabalho muito grande de resgate humano, não é nem resgate de cidadania, é resgate da condição de vida.

Quando dou aulas para as meninas da Febem e falo da adolescência normal, a perda do corpo infantil, algumas mostram as marcas. Não é verdade que elas não querem pentear o cabelo, uma corta o cabelo da outra, elas se enfeitam, usam o cabelo da moda. Elas são extremamente carentes. Quem ainda não entrou na Febem não viu como elas agarram as pessoas chamando de tia, senhora. Eu acho um horror chamar de senhora, porque existe uma hierarquia que faz alguém chamar de senhora. Então percebemos essa carência. Cada mulher que abandona sua semente não tem flores nem frutos. Uma das coisas que precisamos resgatar é nossa semente. Só quem tem sementes e raízes é que tem flores e frutos. Temos uma população de adolescentes que representam 25% da população e temos um abandono de nossas raízes, porque elas são o presente e o futuro da nação. Cada criança numa esquina, cada criança abandonada é um relato de nossa incompetência perante essa situação. Recebi uma carta de uma mulher que apanhava do marido porque tinha corrimento. Ontem eu ia à televisão discutir sobre

corrimento e disse “tem um grande corrimento social que é esse da Febem. A adolescência, hoje, tem um grau de carência, a classe média está carente e o nível social mais alto está carente, mas quem não tem nada já não tem mais nem carência, está na linha subumana”.

SRA. MÁRCIA ROSANA – Gostaria de complementar o que a doutora Albertina falou, pelo tipo de trabalho que fazemos e de alguma maneira contribuir com a pergunta. Percebemos exatamente isso: a criança que teve tantas perdas, tantos abusos, tanta negligência, reproduz de alguma forma na adolescência. Vemos o quanto as ações preventivas são eficazes nesse aspecto. Então, precisamos trabalhar isso antes de ela chegar à adolescência, mostrando o quanto é importante que ela chegue à adolescência querendo ser um outro tipo de mãe. Mas ela tem de conhecer o outro padrão que não conhece, tem de conhecer uma vivência que ela não teve. Para isso, as ações deveriam estar funcionando de maneira mais integrada com as questões da saúde, com as questões sociais, contribuindo, apesar de todas as implicações que a adolescência traz, para que ela consiga estabelecer-se numa fase adulta em que ela é reprodutora e não reproduza a questão da violência.

SRA. ALBERTINA DUARTE – E não é caro. Eu fiz um programa de saúde do adolescente durante 12 anos com a única ajuda da Organização Mundial de Saúde, que, nesses 12 anos, me deu 50 mil dólares para uma pesquisa que custou 60 mil. Esse programa foi feito buscando espaços na Saúde. O posto é usado somente à tarde. Montávamos o posto, chamávamos a equipe, capacitávamos as equipes e montamos 112 postos no Estado de São Paulo. Mas são 675 municípios. Acho que o fato de estar desde o governo Montoro, estar até agora, passando por vários governadores e vários secretários de saúde é uma boa proposta. A Organização Mundial de Saúde quer que eu escreva dizendo com consegui sobreviver 12 anos. Hoje, acho que é tão difícil desmobilizar, porque da forma que esse programa

ocupou o espaço não dá para voltar atrás. Alguns serviços foram desativados. Uma política pública de 12 anos que sobreviveu a diversos partidos é uma vitória. Foram 250 mil adolescentes atendidos, mas temos seis milhões de adolescentes no estado. Temos 40 milhões de adolescentes no Brasil, seis milhões no estado. Temos 700 mil partos numa rede pública de saúde com moças de até 19 anos; até 20 anos é um milhão. Temos 700 mil partos no Estado de São Paulo e 140 mil partos com adolescentes até 19 anos e 32 mil partos de crianças até 14 anos. No Estado de São Paulo, temos 7 mil partos de crianças de 10 a 14 anos, são 20 partos por dia de crianças de 10 a 14 anos. A cada duas mil crianças que nascem, uma mãe morre. Então as mulheres, neste país, estão com o corpo lesado, nascer é um ato de violência. A mortalidade materna está sendo 30 a 40 vezes maior do que do que outros países, é semelhante à África. Portugal, que é um país extremamente carente, teve uma política de diminuição de mortalidade materna. A gravidez na adolescência contribui para esse aumento de mortalidade materna. É necessário ter, em cada cidade, um centro de saúde que atenda a mulher adolescente e o homem adolescente, com uma equipe multiprofissionais, médicos psicólogos, enfermeiras, assistentes sociais. Isso custa menos do que um treino de futebol. Não digo só posto de saúde, mas espaços de teatro, um prefeito convidar um teatrólogo, fazer a dança da cidade. É preciso estimular. Uma menina de Araraquara fez um lindo logotipo “de olho no mundo”, era um globo com um olho dentro do mundo. Hoje a campanha do Ministério vai usar uma menina com o mundo na barriga. O adolescente precisa ter espaço e cada deputado deveria fazer com que os prefeitos e os partidos adotassem isso como parte de sua plataforma, uma atenção integral ao adolescente. Os profissionais de saúde também não sabem lidar com adolescente, sabem lidar com a doença e não com a adolescência, que é uma grande etapa de prevenção. Isso custa muito pouco. Por que não fazer uma convenção de adolescente, com prêmios, um concurso no próximo ano aqui na Assembléia. Desculpem, Srs. Deputados, mas os senhores precisam ser mais ativos e chamar mais o povo para cá. Digo ativos em relação à adolescência,

porque eles estão sendo capturados pela marginalidade e estão tendo essa identificação, não estão se identificando com os deputados, com a Prefeitura e nem com os profissionais de saúde. Cada um de nós está fazendo sua parte, mas é muito pouco.

SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS – Temos as duas últimas questões e depois vamos para as considerações da Mesa.

SRA. FLORA – Sou funcionária da Assembléia Legislativa, do gabinete do Deputado José de Fillipo. Minha preocupação é com essa nova população, filhos dos adolescentes. Como estabelecer esse relacionamento familiar? Esse bebê tem duas mães: a avó e a mãe adolescente, que não sabe como lidar com limites. Nós passamos por isso. que era a geração dos limites, saímos de uma educação repressora e fomos para uma educação em que queríamos liberdade de relacionamento com nossos filhos. Daqui a 10 anos, os novos adolescentes serão os filhos dos adolescentes de hoje. Como ficará esse relacionamento familiar do filho do adolescente?

SRA. ALBERTINA DUARTE – Pelo que tenho visto claramente, os partidos políticos ainda não discutiram profundamente a questão da adolescência. Tive muita dificuldade com partidos progressistas para continuar o programa do adolescente, porque mudava prefeito que era de outro partido, às vezes tinha mais acolhida de um partido que eu não esperava. Estou trabalhando muito com a questão dos filhos de mães adolescentes, quem quiser comprovar verá, às quintas-feiras, na Casa de Adolescentes, a quantidade de adolescentes com seus filhos. Foi uma condição *sine qua non* atender os filhos até dois anos, porque a adolescente ia levar o nenê e não se consultava. Agora ela leva o nenê e fica em atividade de artesanato, de música, dança e faz um trabalho de consulta. Foi a única forma que encontramos para que ela fizesse prevenção.

Estamos vendo que 80% das crianças estão com a avó e com dificuldade de identificação. A menina acha ótimo que a mãe cuide e houve caso de a menina deixar o filho fechado em casa e ir para uma festa, outra deixou o filho dentro do carro na garagem e foi dançar, outra só dava comida de manhã e à noite. A temporalidade da adolescente é complicada, só troca a criança uma vez por dia, porque não tem noção. E temos 140 mil crianças nascendo, então temos de pensar agora. Estou tomando uma ação pontual em que os programas cuidem das crianças e ação pontual é ter uma legislação que crie espaço para as adolescentes que têm filhos e para as que abortam que têm risco de engravidar. Há uma adolescente de 18 anos que usa droga, bebe e tem um filho de quatro anos.

Tenho 29 anos de profissão e estou atendendo adolescentes para os quais fiz o parto, uma delas, com 24 anos, tem um filho de 6 anos. A menina está com corrimento e diz que a mãe também tem e briga com ela. Essas meninas têm problemas de bexiga, partos mal assistidos, HPV, câncer de colo de útero. Elas têm uma vida sexual sem proteção, doenças sexualmente transmissíveis, algumas com períneo aberto, com vagina caída. Daqui a 10 anos, teremos meninas com câncer de colo, problemas de períneo, hemorragia e desajustadas. O HPV está aumentando três a quatro vezes, está extremamente associado ao câncer de colo de útero. Há menina com HPV, condiloma, cujo tratamento demora dois anos. Precisa usar camisinha, mas ela tem dificuldade de usar. Depois de 1993, houve uma grande vitória no Estado de São Paulo, porque o uso de camisinha aumentou e não cresceu o HIV entre meninos e meninas. O programa de saúde da Secretaria colaborou, e muito, para isso. Essas meninas que têm HIV querem ter filhos, porque sabem que vão morrer e querem deixar uma semente. Um nenê que nasce de uma mulher que tem crista de galo na vagina vai ter contaminação nos olhos. Gravidez na adolescência é risco e precisa haver uma equipe cuidando violentamente dessas adolescentes. Evitar é importante, e as que já engravidaram têm de ser atendidas. É uma sobrecarga do sistema de saúde e da família. Os pais não estão preparados,

pois, às vezes, o pai tem uma filha 15 anos e de repente tem um neto, que é mais um filho.

SRA. CLEIDE – Sou diretora e professora e fico muito preocupada quando é aqui mencionada a escola. Eu queria fazer uma denúncia, a escola não tem amparo nenhum e quando os deputados falaram sobre um projeto de abrir a escola nos finais de semana, eu fico preocupada. A doutora disse que os adolescentes precisam de um local para ocupar seu tempo livre. Nos finais de semana, as escolas são ocupadas por marginais e nenhum pai ou mãe deixaria o filho freqüentar a escola nesses dias. Não há nenhum profissional envolvido. Falo pela escola estadual em que trabalho. Durante nosso trabalho, somos acuados por marginais, somos impedidos de trabalhar, imaginem no final de semana, que não tem ninguém na escola. Trabalho com adolescentes e concordo com a senhora quando diz que eles precisam de atividade, mas fico preocupada em relação a isso e gostaria que me respondessem.

SR. ALBERTO CALVO – Gostaria de dar um esclarecimento a nossa companheira. Do projeto consta que o governo tem de dar a infra-estrutura para esse trabalho com pessoas especializadas e com proteção adequada. Não queremos que simplesmente se abram os portões da escola e dizer “agora vocês se virem aí”. O governo tem de dar infra-estrutura para isso. Uma vez adotado esse processo, obviamente, o governo terá de cuidar.

SR. LUÍS CARLOS GONDIM – Sua escola já está fazendo parte desse programa de finais de semana?

SRA. CLEIDE – Ela é freqüentada por pessoas, mas acredito que ainda não faça parte do programa.

SR. LUÍS CARLOS GONDIM – Queria comentar um assunto aqui. Eu sou da periferia, Mogi, Poá, Ferraz, emenda com São Paulo e tenho condição de responder. Tenho medo do projeto, que é bom, mas tem de ter o professor de educação física, no mínimo, o respaldo da Associação de pais e mestres relacionado à escola e segurança. Realmente, existem locais em que temos de temer quando se vai implantar esse programa, porque ele amedronta a professora, o diretor. Há o problema do aluno que vai ter uma escola para outra coisa, que é a marginalidade.

SR. ALBERTO CALVO – Quero completar a fala do nobre Deputado Gondim, dizendo que todas as escolas, mesmo fora dos fins de semana, há perigo, principalmente nas mais periféricas. Isso está acontecendo porque foram tirados os segurança das escolas, que era o pessoal contratado pelo Baneser. Um governo, que não foi este nosso de hoje, infelizmente, desnaturou o uso do Baneser, usando os recursos para contratação de pessoas que nada tinham a ver com as necessidades do povo. Por isso, o atual governo acabou com isso.

SR. – Tenho em mãos um pedido de desculpas da Deputada Mariângela Duarte ao Deputado Carlos Gondim, desejando a este evento bons frutos e desculpando-se por não estar presente. Queria lembrar a todos que a ficha cadastral precisa ser preenchida para podermos enviar-lhes o certificado de participação. Quero lembrar, também, que estaremos voltando, às 14 horas, com a palestra “Adolescente como um todo”, da Doutora Maria Inez Saito e com a palestra “Relações Familiares”, com o Doutor Luís Amadeu.

SRA. ALBERTINA DUARTE – Quero agradecer o convite e dizer que, na Organização Panamericana de Saúde, quando contamos que existe este fórum, com deputados de vários partidos sentados à Mesa, eles perguntam como conseguimos isso. Esse espaço foi muito importante e eu quero sempre mais. Acho

que foi uma conquista, uma vitória e quero convidar a todos para, no dia 3 de novembro, no Centro de Convenções Rebouças, discutirmos “Gravidez na Adolescência”.

SR. PRESIDENTE – Vamos formar a Mesa diretora dos trabalhos. Quero convidar o Deputado Alberto Calvo e o Deputado Luís Carlos Gondim para que façam parte da Mesa. (Pausa.)

Convidamos, também, para fazer parte da Mesa, a Dra. Maria Ignez Saito, Diretora da Unidade do Adolescente do Instituto da Criança da Universidade de São Paulo.

Queremos lembrar a todos, novamente, que a ficha que consta neste folheto deve ser preenchida corretamente, para que possamos enviar os certificados desta palestra.

Distribuímos a todos os senhores uma pesquisa e gostaríamos que a respondessem e entregassem na saída, em nossa recepção. É muito importante para nós a opinião de todos, para que possamos balizar nossos eventos. Vou passar a palavra ao Deputado Calvo, para que faça a apresentação da nossa palestrante e, em seguida, passaremos a palavra à Dra. Maria Ignez.

SR. ALBERTO CALVO – Dando continuidade a nossos trabalhos, que começaram às nove e meia da manhã, agora apresentaremos com grande prazer e bastante satisfação nossa expositora, que deverá abordar um tema extremamente importante, que, tenho certeza, irá empolgar a todos. Depois, todos terão oportunidade para debater.

SRA. MARIA IGNEZ SAITO – Inicialmente, meu boa-tarde a todos. É uma satisfação sempre renovada poder estar em contato com pessoas que se interessem pela saúde do adolescente, principalmente imaginando o espaço desta Casa. O adolescente é o Brasil de amanhã e a proposta da saúde integral é

imaginar um indivíduo com um futuro, sim, mas com uma responsabilidade muito presente de todos nós para que esse futuro possa realizar-se.

Basicamente, a saúde integral é a resposta que os grupos de referência e a sociedade como um todo vão dar às necessidades biológicas, psicossociais dos indivíduos, dependendo do momento deles dentro do crescimento, do desenvolvimento e da inserção social desses grupos, ou seja, seria a proposta do indivíduo em relação ao ambiente. A saúde vai compreender o indivíduo como um todo indivisível: mente e corpo, com uma inserção singular de cada um, nos vários níveis socioeconômicos, nas várias culturas e nas várias propostas sociais.

A gente imagina a adolescência como um momento crucial dentro dessa proposta de atenção à saúde. E a gente imagina a saúde integral, principalmente sobre a égide da questão não-doença, porque saúde não é apenas a não-doença. Saúde é mais do que a não-doença, ela envolve inclusive níveis críticos de bem-estar, de desempenho social adequado, de qualidade de vida.

Quando a gente fala em saúde, a gente não fala do indivíduo que é portador de saúde apenas biológica, ou seja, se a gente fizer um exame, grosso modo ele está bem, os órgãos que se puder investigar estão bem, mas a gente fala de uma total proposta de inserção dentro de cada nicho ecológico, onde esse indivíduo possa ter a saúde como é definida pela Organização Mundial de Saúde, com critérios de bem-estar físico, psíquico e social. Saúde não é a apenas não-doença, mas a construção de uma qualidade de vida, onde o indivíduo, principalmente o adolescente, vai ser visto como sujeito e não como objeto de qualquer outra proposta. Então, a idéia da saúde é uma idéia de construção baseada em deveres e direitos de cada um de nós dentro do contexto de sociedade. A gente imagina que, para essa atenção integral, sejam importantes aspectos como nutrição, moradia, educação, saúde física e mental, lazer, trabalho, participação, afeto, enfim, a saúde vai ser desenvolvida nos níveis primário, secundário e terciário para cada indivíduo, apesar de que estou focando mais o adolescente. Porém, temos que lembrar que, dentro desses aspectos de atenção primária, secundária e terciária, que são as

propostas mais sofisticadas dentro da evolução da própria medicina, teríamos basicamente que atentar para aspectos de prevenção de agravos e promoção dessa saúde.

A bem da verdade, a prevenção não é apenas aquela feita na atenção primária, por meio da vacina, mas aquele aspecto que faz com que enxerguemos o outro como esse todo indivisível, biológico, psicossocial, e que a gente tenha para com esse indivíduo todo um compromisso que vem muito antes da manifestação de qualquer patologia, que é um compromisso de construção dentro da sociedade.

A adolescência, particularmente, passa a ser um momento extremamente importante, porque é um período crítico da vida do ser humano, como sujeito individual e social, e a adolescência não pode ser comparada a nenhum outro momento da vida. Por que seria tão importante esse adolescente? Porque ele sofre grandes transformações biopsíquicosociais. Essas transformações vão ser de ordem física, quando ele parte da criança, em busca da “adultista”; transformações estas que, às vezes, são até penosas, porque chega um momento do crescimento em que a coisa ainda não está totalmente pronta e o indivíduo fica com aquele aspecto no qual todo mundo fala para ele endireitar as costas e a menina fica preocupadíssima, porque já calça 38 aos 12 anos, e imagina que, por uma regra de três simples, aos 18 anos vai calçar 40 e mais tarde vai usar um esqui. A questão básica é que mudanças corporais trazem para nós nossa imagem em relação a nossa entidade, à formação dessa imagem. Todos ouvimos a questão do “endireita as costas”, porque chega um momento em que os pés cresceram, os braços cresceram, os membros cresceram e o tronco não cresceu. Nesse momento, a gente acha mesmo que o ser humano vem do elo perdido, porque o braço está bem mais comprido do que deveria estar, muito parecido com aqueles nossos ancestrais que, às vezes, a gente não quer lembrar a origem.

A adolescência tem essas representações corporais e transformações. É uma adaptação a um esquema novo, corporal, a uma imagem nova, mas é basicamente uma etapa crucial da formação dos hábitos de conduta e de comportamentos. Os

comportamentos cristalizam-se na adolescência. A proposta de saúde integral é aquela que propicia comportamentos adequados; é aquele comportamento que contempla o autocuidado com o outro, e a proposta de compromisso social se estabelece aí.

O comportamento do adolescente é a chave para sua saúde atual, futura e para a saúde das futuras gerações. É um momento crucial de atenção e muitas vezes esse momento fica um pouco esquecido. Se fizermos um retrospecto histórico na visão histórica das questões, a medicina do adolescente surge no Brasil – e a Unidade de Adolescência a que pertença é pioneira; começou no Instituto da Criança no Hospital das Clínicas, em 1974. Nossa responsabilidade é muito grande. Adolescentes, 1/4 da população: 35 milhões de indivíduos aproximadamente, de 10 a 20 anos, com uma problemática de saúde extremamente séria, porque 2/3 desses indivíduos estão inseridos em níveis socioeconômicos menos privilegiados.

A proposta de saúde do adolescente é ampla, política, social e econômica; evolui dentro de um contexto de valores transitórios, que às vezes põem a vida e a proposta em risco.

A proposta dessa atenção integral dentro da Unidade do Adolescente, do Instituto da Criança, procura enxergar o indivíduo como um todo, biopsíquicosocial, considera como enfoque principal a promoção da saúde e a prevenção dos agravos e leva em conta a capacitação profissional para se lidar com o adolescente.

Lidar com o adolescente não é amadorístico, não é como atualmente, que está sendo alvo de todas as mídias possíveis, como se fosse apenas uma proposta de marketing. Então, é importante que a gente resgate a imagem do adolescente como ser humano, como proposta nossa de um futuro melhor para o país, para a própria humanidade. O privilégio da problemática do adolescente não é brasileira, mas mundial. As questões, como gravidez na adolescência, são problemas, atualmente, de saúde pública, como outros problemas de saúde pública que temos.

As questões da adolescência têm de ser enfocadas com muita responsabilidade, e o melhor parceiro ainda é o próprio adolescente, que tem de ser

conduzido por meio de uma proposta de liberdade para uma proposta de responsabilidade. As questões de liberação dos costumes têm mostrado que liberdade sem responsabilidade não é uma questão interessante, ou que deva ser abordada com tanta tranqüilidade, porque estamos formando gerações de falta de compromisso. A questão do limite é primordial na construção do outro e o enfoque de prevenção, o enfoque de promoção também são enfoques de limite porque, sem o limite, inclusive, não há amor. Amor é aquele que limita. Quando a pessoa não tem nenhum limite, provavelmente não tem amor, porque a negligência esconde, às vezes, muitíssimo desamor e não uma questão de respeito à liberdade do outro.

A gente teria que estar imaginando, dentro da proposta de saúde integral, enfoques integradores de eixos biológicos, psiquicossociais e de meio ambiente, e nossa proposta tem que abranger todos esses enfoques, inclusive porque a adolescência caracteriza-se especificamente, além da transformação, por uma proposta de risco e vulnerabilidade muito maior do que nas outras faixas. A questão da vulnerabilidade e do risco do adolescente é extremamente importante. E os enfoques de risco pelos quais o adolescente passa são pessoais, familiares, comunitários, atingindo à própria sociedade como um todo. A idéia é que a gente imagine o indivíduo em suas várias inserções sociais, onde as políticas, inclusive políticas governamentais, possam atuar na promoção da saúde, na economia e na proposta educacional. Essas políticas vão refletir-se diretamente na questão do nicho ecológico, na proposta da formação do indivíduo dentro do seio das famílias. Quando falo em família, falo em famílias inclusive alternativas. Família nuclear, pai e mãe, está muito descaracterizada em nosso meio e, às vezes, é até melhor uma família alternativa do que a de origem. Todos sabem da quantidade de agressões que esses jovens sofrem dentro da família. Todos sabem da violência que se origina dentro da família. Às vezes, a família alternativa, outras figuras familiares referenciais são até mais importantes. São importantes os valores, as normas, as instituições. São importantes os fatores culturais, os tabus, os hábitos, até os alimentares são importantes. É importante a questão do saneamento básico, porque

a falta de saneamento vai trazer a doença, certamente, vai descaracterizar nossa proposta de saúde; a dinâmica familiar é uma proposta extremamente importante, porque constrói o indivíduo. Algumas pessoas crescem no medo, algumas no desamparo. O grupo de referência família, às vezes, não existe e não há para onde voltar. A questão básica é que a estrutura do indivíduo fica extremamente danificada. E existe a questão econômica, que é extremamente limitante, muitas vezes, até do projeto de vida.

A proposta básica é que a gente imagine, dentro desse enfoque, risco e vulnerabilidade do adolescente e a inserção ambiental que, às vezes, não acolhe aquele que é o adolescente de risco. E o adolescente de risco não é aquele que vai entrar pelo consultório e dizer que está usando drogas, mas aquele que já tinha uma personalidade dependente, aquele indivíduo que é inseguro, que vem de famílias desestruturadas, que não tem projeto de vida; é o indivíduo que está fora da escola e dos outros grupos familiares, fora de outros grupos de referência; é o indivíduo que não tem projeto. Este é o adolescente de risco. Não precisa vir até nós com uma patologia instituída, mas ele é o adolescente que vai merecer atenção redobrada. Quem mais vai merecer? Todos os demais adolescentes e todos eles serão portadores de uma proposta de futuro e terão que ser cuidados no presente. Mas esse, o adolescente de risco, deve ser identificado. Por isso, não pode ser uma proposta amadora. O profissional tem de estar capacitado; é por isso que a sociedade tem de estar capacitada para identificar os riscos, porque o risco não é aquela relação médico/adolescente, mas sociedade/adolescente. Então, a proposta teria que ser vista dos vários pontos de atenção.

E a questão da vulnerabilidade? Onde ela se apóia? Ela se apóia até na proposta do próprio desenvolvimento psicossocial dessa faixa que, de maneira muito feliz, foi reunido por alguns autores, o “Nobel” e “Aberastúrias”, especificamente, no que a gente convencionou chamar, dentro da medicina, de síndrome da adolescência normal. E a síndrome da adolescência normal tem de ser conhecida, divulgada. O professor, na escola, tem de conhecer. Os pais têm de

conhecer. Ela vai estabelecer uma forma de atuação dentro da proposta de saúde integral, em que a gente está voltado para o adolescente.

Busca de identidade, tendência grupal, necessidade de intelectualizar e fantasiar, crises religiosas, vivência temporal singular, evolução da sexualidade, atitude social reivindicatória, separação progressiva dos pais e constantes flutuações de humor. Quando a gente fala de adolescência, o primeiro passo talvez seja a gente se liberar dos estigmas. Por exemplo: o adolescente é rebelde; adolescência é sinônimo de problema psicológico; adolescente é sinônimo de problema, erotismo, proposta de drogas. Então, de alguma maneira, o primeiro passo seria a compreensão de uma questão que, às vezes, é reivindicatória, sim, é questionadora, sim, do que está acontecendo em volta dele, mas que pode ser extremamente construtiva. Quando o indivíduo está buscando sua própria personalidade, é muito comum que ele questione os valores vigentes como a autoridade dos pais, dos professores. É claro que, nesse momento, ele vai vincular-se a uma separação progressiva dos pais, mas não é uma ausência de afeto. E os pais teriam que estar compreendendo essa separação progressiva como uma busca de liberdade, com responsabilidade. Agora, os valores já deveriam estar estabelecidos. A responsabilidade das famílias não termina na adolescência, mas seguramente começa muito antes.

De alguma maneira, adolescente tem o que chamamos de tendência grupal. O grupo dá muita força para esses indivíduos. É muito comum, na 6ª, na 5ª série, ver adolescentes que já começam a organizar-se para abaixo-assinado. Eles querem mudar a prova de português, por exemplo. Ninguém leu o livro, então vamos mudar a prova do dia 24 para o dia 25. Não vão ler também, porque não vai dar tempo. Mas, aí, organizam-se, vão na casa da professora. A professora mora depois de Itaquera e tem o prazer, às 10 horas da noite, de ver chegar a comissão montada para a mudança da prova. E ela vai mudar porque, às 10 horas da noite, a gente muda, por uma razão muito simples: a pessoa quer dormir porque para ela não tem mudança do dia seguinte; ela vai ter que dar aula. Então, ela muda a prova

e eles saem vitoriosos: “Pusemos ela na parede; ela nem retrucou.” O grupo dá força ao adolescente. Nós, educadores – e o médico, antes de qualquer coisa é um educador, ou pelo menos deveria ser –, temos de estar olhando a proposta da tendência grupal, não com grandes represálias: “Ah, eles se juntam, vão aprontar, vão conseguir ter forças para roubar o toca-fitas de um carro.” Não! Porque eles se juntam para construir. Muitos adolescentes são agentes de saúde; levam a proposta do que aprendem, por exemplo, na Unidade de Adolescentes, para seu grupo. O único momento real da vida em que se trabalha em equipe, realmente, é a adolescência, porque depois disso são pessoas, de alguma maneira, reunidas, para executar um trabalho e, nem sempre, querem ficar juntas. A primeira proposta da equipe é marcar seus territórios: vamos trabalhar juntos, mas esse pedaço é meu, esse é seu e você não interfira. Freqüentemente, é assim, e sabemos que é assim em todas as profissões, propostas e níveis. O adolescente não. Ele realmente tem uma proposta de se juntar, com o objetivo até de doação de um conhecimento para o outro, para o outro que está ao lado dele e que talvez não tenha a mesma oportunidade. É um momento muito importante para estarmos aproveitando essa síndrome da adolescência, no sentido de construção e não de crítica, que é o que realmente eles recebem. É a hora do desenvolvimento do pensamento conceitual; é a hora que o indivíduo consegue elaborar – não só como a criança que se sente parte de algo concreto – mas ele consegue criar, ele vive coisas novas; ele consegue a experiência nova e consegue vivê-la com bastante sucesso. E é a hora que, teoricamente, é capaz de introjetar e marca seu território. E apesar de acharmos, em primeira instância, que esse quarto está absolutamente desarrumado, talvez para seu dono não esteja. Talvez para o adolescente, a hora que a mãe consegue arrumar, ele nunca mais consegue achar nada, porque isso é muito comum, inclusive, em escritórios. Quando as pessoas arrumam a mesa de alguém, essa pessoa perdeu para sempre seus documentos. A gente carrega um pouco do adolescente. Acho que é importantíssimo que tenhamos prazer nisso, de carregarmos um pouco do adolescente, porque um dos maiores estigmas para um

adolescente é quando um adulto vai mal, quando é irresponsável, quando o adulto não cumpre seus compromissos e a pessoa fala que ele tem um comportamento de adolescente. Ele tem um comportamento de adulto irresponsável mesmo, porque temos muitos adolescentes responsáveis que são, inclusive, arrimo de família. Temos adolescentes com proposta, maravilhosos e que produziram. Mozart foi uma criança e depois um adolescente. Apesar da eventual irresponsabilidade que o caracterizava – ele nunca conseguiu chegar, nem uma vez, no horário – foi uma pessoa que deixou um legado cultural na música inestimável.

A proposta do adolescente é uma questão para pararmos para interpretar, por dois minutos, para não tentar impor todos os nossos valores, como se ele fosse um conteúdo vazio, incapaz de melhorar o que já está estabelecido por nós, que achamos que fizemos o melhor. É importante lembrar da vivência singular da adolescência. Os adolescentes são imediatistas; não são capazes de esperar o jantar ser retirado; eles comem um sanduíche antes; assaltam a geladeira. As famílias têm essa experiência. Não dá tempo de nada; vai tirar, ele já comeu outras coisas. Então, ele tem uma vivência singular, porque imagina que o tempo é dele. É muito comum a adolescente que está angustiadíssima por fazer o vestido de formatura em fevereiro e ela se forma em dezembro, se tudo correr bem. Mas ela já tem ansiedade para comprar o vestido, inferniza a mãe; é como se o comércio fosse desaparecer. Por outro lado, não tem nenhuma urgência de estudar quatro cadernos de física para amanhã. Então, dá tempo de falar ao telefone, de lavar o cabelo, fazer escova, conversar com o namorado dela e, depois, dar uns conselhos para a amiga que está em vésperas de perder o namorado; e ela, muito sábia, vai orientá-la. Com isso, já é meia-noite e, amanhã, é zero. Falam: mas isso é uma irresponsabilidade. Não! Isso é a adolescência e, às vezes, não houve uma intenção de falcaturia. Ela achava que dava tempo, que ia ter todo o tempo do mundo, coisa que, na realidade, não ocorreu. Então, a gente deveria dar tempo às questões da adolescência, para que tenhamos muito claro alguns aspectos que são importantes, como, por exemplo, a educação sexual. A atenção integral à saúde compreende a

prevenção e compreende um momento singular do desenvolvimento da sexualidade, que é a adolescência. A gente sabe que os problemas aqui são sérios. A gente sabe que a educação sexual em nosso meio é impostergável. Aliás, está na mídia, na proposta de todas as escolas. Os médicos nunca foram tão convidados para darem palestras nas escolas como atualmente. E há um êxito, porque eles aplaudem; só se precisa saber se eles gravam. Inclusive, a história da escola é que ela é que tem que administrar essa questão. A escola é um fórum fantástico; ela pode fazer a prevenção. Ela pode tornar legal, no sentido de legalidade, a discussão de aspectos como a sexualidade, como o uso das drogas, como a possibilidade da violência. Quando vêm profissionais da área da saúde, geralmente não vêm falar de prevenção, vêm com um programa estabelecido. Então, é um momento riquíssimo na escola.

Tive o prazer de trabalhar com escola durante 10 anos de minha vida. Foram anos excepcionais para minha formação, senão como médica, pelo menos como ser humano. Houve muita troca. Com a escola aprende-se muito e pode-se, também, ensinar muito. São estratégias que são trocadas em benefício do adolescente.

A questão da sexualidade traz a educação sexual como uma proposta impostergável, mas não é uma educação sexual que tem apenas como objetivo o uso do anticoncepcional ou o uso do preservativo. A educação sexual pressupõe o resgate do indivíduo enquanto sujeito, porque ele vai ter compromisso com o corpo dele e com o corpo do outro, e infelizmente estamos longe de atingir essa meta com nossas propostas atuais, porque a primeira coisa é que as campanhas mostram a sexualidade como coisa de morte, como coisa punitiva. Quem não usa preservativo pega Aids e morre. Primeiro, o adolescente não usa e não pega Aids, porque não é no dia seguinte. Então, ele nem acredita nisso: “Ah, eu amanheci igualzinho; não usei e estou ótimo. Isso é besteira desse povo; não deve ser tão grave.”

E a gente sabe das conseqüências. A única faixa em que a Aids está aumentando, onde ainda há índices muito levados, é de 24 a 30 anos. Se a gente considerar o período de incubação, eles foram atingidos na adolescência. Então, a

questão da adolescência é séria; é muitíssimo séria e não pode ser vista só como uma perspectiva neste ou naquele setor; ela é uma proposta global, uma proposta de atenção ao outro da forma mais integral possível. Se eu resgato o indivíduo enquanto pessoa, se estabeleço propostas de autocuidado em respeito ao corpo do outro, o uso do preservativo, do anticoncepcional são decorrentes dessa questão. Se eu sou sujeito das minhas atitudes, vou ser coerente em me preservar, em preservar o outro, em preservar o sujeito a quem amo, porque atualmente não se fala de amor e é importantíssimo falar de amor enquanto a gente está educando. É importantíssimo que a questão da sexualidade inclua amor, que as coisas não sejam automáticas. O “ficar” é ótimo. Todo mundo fica com todo mundo. Se olharmos as discotecas, danceterias, às duas horas da manhã, é uma “ficagem” geral, é como se o apocalipse se aproximasse e todo mundo tivesse que tomar uma atitude, é quase uma mágica. E essas coisas não aconteceriam no outro dia de jeito nenhum. Se as pessoas tivessem cinco minutos a mais de lucidez isso não aconteceria. Então, o que é o ficar? É uma falta de compromisso, que se insere na vigência de outra falta de compromisso. Talvez o indivíduo não tenha compromisso com nada e nem espere muito. A questão básica é que as questões não podem ser vistas com uma ótica muito estreita, nem pouco abrangente de se dizer que é preciso usar este ou aquele preservativo, esta ou aquela camisinha, porque a coisa é muito maior e não passa somente por essa proposta. A bem da verdade, existem premissas para esta educação sexual. É uma educação para o ser, o indivíduo, é para a introjeção dele, muito mais do que a do ter o que fazer. É uma educação para a formação de autoconsciência e valores internos, é uma educação para troca, é uma educação para amor, é uma educação para a liberdade com responsabilidade, é uma educação para a vida passada, presente e futura. Cecília Cardinal era uma senhora de uma lucidez, de uma inteligência impressionante, era assessora da sexualidade da América Latina e Caribe. Tive o prazer de conhecê-la nos idos anos – porque eu estou naquela fase em que estou usando maturidade e não velhice. Então, a questão básica é que ela tinha uma visão muito clara do outro.

Esse resumo de fundamento de educação sexual é muito feliz, porque, inclusive, inseriu premissas básicas: a liberdade e o amor presentes, apesar do cuidado. É uma questão interessante.

Para se fazer uma educação, para uma proposta integral de saúde, temos que lembrar que não estamos sozinhos, existe uma mídia, valores de transmissão, existe um meio de comunicação que mostra freqüentemente a gravidez como sendo exitosa, inclusive o adolescente consegue ter dois, três indivíduos que têm a proposta de assumir esse filho, fazem filas em termos de proposta de assumir compromisso.

Na vida real, a gente não retira isso nem do pai biológico, a gente não consegue nem que o pai biológico assuma essa criança. São reproduções de infelicidade, são modelos alternativos de falta de estrutura social, inclusive modelos alternativos em que a fome prevalece, a miséria, a falta de identidade, a desestrutura familiar prevalecem. A questão da mídia é séria e a gente tenta imaginar a gravidez na adolescência realmente como um problema muito grave. Em nosso ambulatório, que é um ambulatório de prevenção, a gente estabeleceu um programa de planejamento pelo menos para impedir a segunda gestação e nós atendemos mães adolescentes, matriculamos seus bebês, e estamos, felizmente, tendo êxito, porque em 158 adolescentes que já foram atendidos, ocorreram apenas cinco novas segundas gestações, sendo que três delas são planejadas porque a criança já tem três anos.

Tivemos êxito com esse programa e a única coisa que ele tem é recurso humano: é parar e conversar com elas; é o único segredo do programa. Não temos nem verbas próprias. Conseguimos duas salinhas no Instituto da Criança com um esforço gigantesco, salas cedidas, inclusive, pela Cirurgia. É parar e fazer com que elas conversem, com que retomem a proposta, que voltem para escola, amamentem e assumam a “maternagem”; não dêem o filho para alguém criar, porque elas não vão ter nunca uma experiência, e não se sintam nunca diminuídas por terem esse filho. Não se transformem em objeto de outra pessoa e nem fiquem

gratas, daí para frente, com qualquer insinuação de carinho. Elas têm o direito de continuar o projeto de vida delas e devem ser admiradas por ainda terem a dificuldade de prosseguir tendo um filho no colo.

A questão do uso de drogas incide nas mesmas propostas de atenção integral. O adolescente usa por curiosidade, busca de prazer, tentação de proibido e porque tem uma imagem, o tempo todo subliminar, de nossos meios de comunicação, desde o desenho animado a droga está presente, porque o desenho animado traz, como proposta, a proposta externa; eu nunca vou ser bom o suficiente como eu sou, eu preciso de uma coisa que está fora de mim para me tornar melhor. Se a gente pegar, por exemplo, o He Man, ele é um fracasso, com aquele cachorrinho, todo mundo sabe. Agora ele com a força, que não é dele, que é externa – ele não faz nada para construir –, torna-se um gigante. Os desenhos animados dessa linha dos japoneses, todos são violentos, todos apelam para a proposta externa; todas as pessoas morrem, se estraçalham, a única diferença é que elas se recompõem e o ser humano não. Mas é uma proposta externamente voltada para a força externa. O indivíduo sozinho não é nada, precisa se transformar. O melhor meio de a gente se transformar é por meio da droga.

O adolescente que precisa da droga precisa de uma dose de álcool para ter coragem, uma dose de whisky para abordar a menina que ele gosta, uma dose para passar na escola, vão ser várias doses porque toda hora é uma perspectiva nova. Meu marido é oriental. Meu caçula, quando era muito pequeno, tinha um enorme desgosto de o pai não se transformar em nada. Inclusive ele falava: “Mãe, mas ele não vira nada?” Eu respondia: “Não vira, filho.” “Mas, nem à noite? Ele não fica prateado?” Era uma tristeza o pai não ficar prateado. Demorou muito tempo para eu conseguir mostrar para ele que aquele pai que não se transforma em nada era o pai que o amava, que o amparava, que trazia para ele todo o suporte de sobrevivência e de sobrevivência com qualidade. Ele não precisava virar nada, porque ele tinha o amor. Muitos anos, numa linguagem inicialmente muito simples, e até com exemplos do tipo: se ele fosse de lata e você no colo dele, não seria penoso? É duro, não tem

afeto, é frio. Ai ele falava: “é, acho, que é frio mesmo”. Ele gostaria de uma coisa diferente na casa e essas propostas marcam muito os indivíduos, principalmente se eles não têm uma figura alternativa, um pai que realmente construa alguma coisa ao lado dele.

A questão da violência é outra coisa muito séria em nossa proposta de atenção integral à saúde. É a questão da humanização da violência. De repente, a violência está cada vez mais banalizada; todas as pessoas jantam vendo programa de televisão que é: trinta e duas facadas, cinqüenta e cinco tiros; e a pessoa nem muda de expressão; facada na cabeça, não sei o quê, e as pessoas continuam jantando, faz parte do momento do encontro da família a violência presente dentro de nossas casas. Não há sequer uma palavra de crítica dizendo: “Veja, isto é violência. Isso é submissão das pessoas.” Estamos aterrorizados; eu estou aterrorizada, porque não posso ajudar meu filho. Não há essa citação. É como se fosse o nosso dia-a-dia, é como se fosse uma fatalidade, que nem criança da favela que morre de diarreia por vontade de Deus – é que Deus não vem aqui pessoalmente para dizer o que ele acha da frase: “É, mas isso foi a vontade de Deus.” Além da falta de saneamento, além da falta de tudo, da falta de higiene, da falta de projeto, a falta da família e a falta de estrutura da saúde. Tirando todas essas questões, realmente é possível que Deus tenha alguma coisa a ver, quando finalmente ele recolheu a criança que sofria tanto; deve ser essa a participação Dele. De alguma maneira a gente imagina a violência como um processo final, só a resultante final. Mas a gente não vê tudo o que foi produzido, o processo grande que as coisas atravessaram para chegar na violência. E é importantíssima a questão da violência na adolescência. Por quê? Porque os adolescentes morrem de causa externa. Eles não morrem das outras causas; é muito difícil, mesmo em nosso meio, um país tido em desenvolvimento, é lógico que eles morrem mais de infecção que nos países desenvolvidos, mais de falta de vacinas que nos países desenvolvidos, morrem de aborto, gravidez, mas eu imagino que morrer por causa da gravidez também é uma forma violenta; não ter socorro diante dessa questão;

não ter atendimento médico adequado é uma forma de violência. Acho que eles morrem de causas violentas: homicídios, suicídios, acidentes. É muito difícil a gente separar o acidente do adolescente. Adolescentes não são só vítimas, mas podem tornar-se os grandes agressores, e isso é uma outra grande complicação na proposta de atenção a saúde. Podemos montar, construir com muita perfeição o menor agressor; estamos vivenciando a questão de agressão dos menores, vivendo o momento Febem; todos estamos vivendo isso. A gente não pode imaginar que ele foi agressivo ontem, a gente tem que imaginar um processo muito grande que levou todo mundo à agressividade. Agora, a coisa da responsabilidade, será que é só o indivíduo que esteve lá e que não se conduziu adequadamente? Ou em parte vai tendo uma abrangência cada vez maior até envolver todos nós? Por que, como eles chegaram lá? É muito simplista achar que é esse ou aquele monitor ou supervisor, ou porque não tinha cerca e todas as questões que antecederam essa primeira proposta. Então, o que fazer? Como é que uma atenção integral pode realmente orientar o adolescente. Ela é basicamente o processo pelo qual o indivíduo vai receber ajuda por meio da informação, a família, escola, saúde, todos os segmentos sociais informando de maneira adequada. A própria mídia tem que ser utilizada, e as pessoas, às vezes, responsabilizam essa mídia, a gente ouve muito falar isso. Vou pegar a Rede Globo porque é muito falada. Vou informar dois, três, e a Rede Globo está informando um milhão, não está informando adequadamente, isso ou aquilo. Nunca vi ninguém da Rede Globo, nem mesmo o próprio Roberto Marinho, vir a público dizendo que ele é só educador, que daí para frente a Rede Globo iria só educar; ele nunca teve essa proposição. Agora, é complicado a gente criticar as redes de televisão porque informam inadequadamente, sendo que eu atendi cinco pessoas naquela tarde e não informei nenhuma delas. Então, enquanto eu criticava o meio de comunicação, eu deixei de informar adequadamente cinco adolescentes – minha faixa é esta: ou cinco crianças ou cinco famílias. É muito pior, porque deixei de multiplicar uma informação adequada que eles poderiam levar para outros adolescentes.

A questão básica é que a gente não informa só o adolescente. Diálogo e informação se estabelece na infância. Os adolescentes devem encontrar dentro da questão da saúde o que a gente chama de princípios éticos para o exercício dessa proposta de atenção integral. Quais são os princípios éticos para o atendimento de adolescente? Eles passam por processo de autonomia e respeito ao outro. Ao adolescente é garantido, inclusive, o sigilo médico. A proposta é de que ele tenha um espaço reservado de consulta, que ele entre sozinho na sala, que ele seja capaz, progressivamente, de ir arcando com a responsabilidade sobre sua saúde. É importante que a gente, frente ao código de ética médica, comece a refletir sobre nosso código de ética penal, porque o que estou levando aqui é o código de ética médica, pelo código penal não posso fazer isso, não posso dar a ele autonomia, tudo que eu falar ou fizer tenho que informar aos pais, que, freqüentemente, não estão presentes, não levam o adolescente para atenção à saúde. E, se eu retiro dele o princípio de autonomia, muito provavelmente vou tirar a oportunidade à saúde, vista dessa forma que estamos vendo aqui, respeitando-o como um todo, fazendo com que ele possa criar alternativas, escolhas melhores para que a saúde continue com ele.

Basicamente, a confidencialidade e a privacidade vão estar presentes desde que a gente reconheça o adolescente como capaz, e isto é onde entra a formação do profissional, porque reconhecer o outro como capaz é assumir uma responsabilidade frente a esse outro, frente à questão do sigilo. As leis, às vezes, são feitas em alguns momentos muito anteriores ao momento atual.

Nosso código é da época de Getúlio Vargas. Talvez ele não sirva ao país da mesma forma que serviu anteriormente – é uma crítica que a gente tem que fazer. O técnico teria que se posicionar também para ajudar e levar a discussão. Tenho falado em vários lugares com promotores, juízes e as pessoas sentem a mesma necessidade de rever posições que, se estanques, podem prejudicar os indivíduos de massa.

A universidade tem que ser inovadora. Junto com essa proposta de tecnologia tem que vir o respeito ao outro. Nenhum computador vai substituir a relação médico-paciente. O dia que o computador substituir o médico, não vamos mais precisar de médicos e quando a gente não precisar mais da relação médico-paciente, de quantas outras relações a gente poderá abdicar? Daqui a pouco não precisaremos mais da relação mães e filhos, pais e filhos. Agora, dizer que o adolescente é responsável... não está dentro de nossa proposta de atenção retirar a responsabilidade da família. A família tem que ser acolhida, ouvida, só que ela não pode ser o juiz, o mentor, a opinião do médico não pode passar através da família; aliás, nem para pediatria isso é válido, porque tem criança que vai ao pediatra e assiste sua própria consulta.

Inclusive, tem mãe que mostra nela onde dói. O menino já tem oito anos e a mãe fala: “Doutor, está doendo aqui nele.” Ai o menino fala: “Não, mãe, está doendo...” E a mãe: “Não é aqui, sei o que estou falando.” Tem risco de fazer cirurgia de apendicite, porque não estava doendo do lado direito. Muitos de nós somos apenas observadores, observadores em situações que a gente deveria estar vivendo para poder ter realmente um juízo de valor.

Para atenção à saúde do adolescente, a gente não poderia se basear apenas no referencial dos adultos e, sim, conseguir do adolescente a participação e a responsabilidade. Devemos nos livrar dos estereótipos, porque o estereótipo não é novo, o estereótipo é desde o Herildo, é de antes de Cristo. Se a gente analisar essa frase, que a gente costuma dizer atualmente: “A gente não vê esperança para o futuro do povo, porque vai estar na mão dos adolescentes.” Aquela história que no meu tempo a gente tinha educação, respeitava os mais velhos, isso e aquilo, está bem antiga. O Herildo achava isso na época dele. E a humanidade sobreviveu, provavelmente, devido, muitas vezes, às propostas dos jovens.

Talvez seja muito mais interessante a parceria entre o novo e o velho; seria o ideal a gente poder ter a cultura e a experiência e poder transmitir essa cultura e essa experiência para o mais jovem. Seria muito interessante que a gente, por

exemplo, fizesse orientações que não criassem no adolescente apenas a proposta de desafios, de nos desafiar, de nos desautorizar. E quando é que nós tendemos a ser desautorizados? Quando somos autoritários frente ao jovem. Autoridade é sinônimo de competência; autoritarismo, não. Frequentemente, somos autoritários, não só frente ao jovem, frente a todos os demais. Porque muitos de nós estão muito ciosos dos nossos espaços, do nosso poder, dos nossos pequenos feudos.

A proposta é de uma abertura maior, onde possa caber pelo menos duas pessoas – o adolescente e seu interlocutor, seu educador – inclusive, valores nossos não são transmitidos a ele como se ele fosse um conteúdo vazio, porque ele tem outra história de vida, outros valores, outras vivências. Alguns adolescentes que não são meus clientes, têm história de vida onde me questiono se eu teria sobrevivido da maneira íntegra como eles sobreviveram. A proposta é ter muito cuidado na questão do adulto frente ao jovem. O jovem, por sua própria condição, desempenha simultaneamente o papel de vítima e testemunha das atrocidades, geralmente cometidas pelos adultos, contra todas as suas manifestações existenciais.

A experiência do jovem é preciosa, é onde vamos criar possibilidades para que essa experiência realmente cresça, se hipertrofie, traga para nós substratos de que nossa missão realmente foi, pelo menos em parte, cumprida, com um projeto de vida que envolveu o outro, fez crescer, fez com que a gente tivesse tido alguma importância nesse crescimento. Atenção integral à saúde é o resgate da cidadania, a partir do fortalecimento do indivíduo, por meio de um processo social que envolve respeito e compromisso em relação ao ser humano. Reservo-me, aqui, o direito de colocar minha definição de adolescência, como eu os vejo e como eu procuro que eles também se vejam. Seres especiais que nos ensinam a vivenciar as mudanças do presente, plenos de fé no futuro. Para eles o futuro é agora, o presente para sempre e o tempo uma variável e lógica entre o poder e a escolha, entre o sonho e a realidade.

Peço que todos vocês carreguem dentro de si um pouco do sonho da adolescência, porque esse sonho nunca é trocado. Muito obrigada pela atenção de todos. (Palmas.)

SR. ALBERTO CALVO – Doutora, foi magnífica sua exposição, de forma extremamente assimilável; entrou tanto raciocinadamente quanto subliminarmente, tal a maestria com que foi feita essa exposição. Gostaria de fazer uma pergunta para a senhora, doutora. Como se explicaria esse fascínio do adolescente pela velocidade?

SRA. MARIA IGNEZ SAITO – Faz parte da vida do adolescente normal, também, a noção de que ele é indestrutível. A bem da verdade, não é só a velocidade, ele tem outros desafios que cumpre no dia-a-dia. A velocidade é um deles. É aquela coisa de poder sobrepujar em parte a própria morte, o próprio risco, com uma crença, às vezes, totalmente racional de que ele é indestrutível. É aquela história da própria gravidez, que com ele não acontece, da Aids, que não acontece. Talvez com um amigo distante aconteça, com ele, jamais. O fascínio pela velocidade é como o fascínio de todos os demais desafios, é a vivência do novo. Adolescentes têm uma extrema vontade de viver o novo. É a mesma coisa de experimentar a droga. É aquela fase que eles falam: largo a hora que eu quiser. Estou vivendo isso hoje, amanhã, já larguei, amanhã, inclusive o amanhã está tão longe. É o desafio do novo, é a idéia de ser indestrutível.

SR. PRESIDENTE – Obrigado, doutora. Queremos convidar agora o Doutor Luís Amadeu Bragante que é psicólogo, psicodramatista, membro do Conselho do Instituto Capla e supervisor da área do adolescente. Doutora, queremos que a senhora continue conosco, porque depois da palestra do Dr. Luís Amadeu iremos abrir o debate e gostaríamos que nossos dois especialistas pudessem estar participando. Vamos passar a palavra imediatamente ao Dr. Luís Amadeu Bragante.

DR. LUIZ AMADEU BRAGANTE – Boa tarde. Queria agradecer a todos, agradecer ao Deputado Gondim, que me fez o convite para estar aqui, e dizer que continuo achando que a Maria Ignez, que me antecedeu, é absolutamente clara, como disse o Deputado Calvo, e não tenho a mínima pretensão de ser tão claro, objetivo e didático como ela. Acho que isso é uma característica muito bem desenvolvida e explorada por ela e eu não sou tão organizadinho assim.

Segunda coisa, queria dizer é que acho que hoje é o dia certo para a gente estar falando de adolescência, para a gente estar falando de família, para falar dessas coisas todas. Acho que a gente está vivendo no mínimo um período de luto muito forte. Estamos submetidos ao que nossos adolescentes estão submetidos hoje, dentro da Febem, e a sociedade, não é só o adolescente, está submetida hoje a essa violência que a gente tem assistido, a essa exibição de crueldade que a gente tem visto, acho que esse é o plenário certo, no dia certo, para a gente poder conversar, discutir e sair daqui com algum tipo de postura, com algum tipo de solução, ou pelo menos com algum tipo de atenção voltada para isso.

Dizer que os adolescentes que estão lá dentro são rebeldes, criminosos, mal educados e todos esses epítetos que jogam contra eles, talvez seja absolutamente verdadeiro. E o que a gente tem que entender é por que aconteceu isso com eles, o que aconteceu com esses meninos e meninas que foram para e que estão dentro daquele lugar. Não acho que aquilo é um colégio de freiras, não acho que a situação, no momento, do jeito que está, permita algo, como a gente fazia no meu tempo – eu estudava em colégios de padres, naquele tempo colégio de padre era uma coisa e colégio de freiras era outra, estudava em colégio de padres, e se alguém fizesse algo que não fosse aceito pelo colégio ou eles já sabiam o nome da gente ou eles perguntavam, nome, número e série e, quando a gente falava nome, número e série, a gente já estava congelando por dentro de medo. Só ao falar o nome, número e série já era uma coisa que a gente parava de fazer o que estivesse fazendo; até rezando o terço, já dava medo, porque achava que estava fazendo alguma coisa errada. Hoje a coisa está de tal modo alterada, que não dá para

chegar dentro da Febem e pedir nome, número e série, mas também a gente tem que entender o que está acontecendo, porque senão vamos ficar justificando a violência. Vamos ficar facilmente presos a esse leve e descomprometido “achar que é possível entrar” e que isso é um caso de polícia. Evidentemente, isso não é um caso de polícia. A polícia, quando é chamada a intervir – e sei lá se intervém certo ou não – é porque a coisa... como disse a Maria Ignez há pouco, quando chega no nosso consultório, já chega porque a prevenção falhou. Se a polícia está sendo chamada para intervir na Febem é porque as coisas já deviam ter sido feitas de outra maneira muito tempo atrás.

Acho que a gente tem que olhar um pouco o momento que a gente está vivendo para exatamente tentar entender o que está acontecendo. Que momento é esse que a gente está vivendo? Cansei de ser chamado para fazer palestras e atividades nas escolas, em congressos médicos, em congressos de psicólogos para falar a respeito da virada do terceiro milênio, cansei, e acho uma bobagem falar da virada do terceiro milênio. É bom para vender pacote de turismo; é bom para vender roupa branca para o *réveillon*; é bom para vender champanhe, talvez seja absolutamente interessante. Não vai mudar coisa nenhuma. Virar o calendário não vai deixar ninguém que está embaixo da ponte morando dentro de uma casa, ninguém que está sofrendo deixar de sofrer, pelo contrário, o que acontece com essa propaganda toda dessa virada de milênio, o que vai acontecer é que você, que não pode, vai ficar vendo a mim, que posso. E aí você vai ficar sofrendo porque eu posso e você não.

Quem trabalha com psicoterapia, com psiquiatria, sabe que nas vésperas e nas proximidades das efemérides, dia dos pais, dia das mães, natal, *réveillon*, dia dos namorados, sobe imensamente o número de suicídios. Se nós estamos, agora, criando uma efeméride maior, que é a virada do milênio, é óbvio que um pedaço da gente fica emocionado, que um pedaço da gente fique tocado; a gente não é um ser humano completamente alienado, que não é atingido pela publicidade. Afinal de contas, os caras ganham milhões de dólares para ficar fazendo publicidade e a

gente ganha uma centeninha de reais, então é óbvio que a gente tem que se submeter; esses caras são absolutamente geniais, eles fazem coisas maravilhosas. Alcançam a gente em algum lugar. Mas, o que acho é que a gente está deixando de lado as coisas importantes. Quem trabalha com esse tipo de atenção ao público percebe que, na efeméride, como estava dizendo, cresce muito o número de suicídios. Será que com essa pressão que a gente está tendo, de um lado a virada do milênio, de ter que fazer um *réveillon*, que tem que fazer uma vida nova, que tem que fazer tudo diferente, que o mundo vai ser outro, que o ano que vem todos nós vamos ser do século passado, talvez ai tenha uma coisa boa, todos vamos ser de fato do século passado... Acho que é um momento para a gente prestar atenção e saber o que, efetivamente, a gente está construindo para tirar o adolescente da rua, para fazer com que as crianças tenham atenção necessária e não para a gente fazer um *réveillon* mais bonito ou mais gostoso. Acho que fazer um *réveillon* mais bonito e mais gostoso a gente consegue fazer, não é muito difícil. No Brasil a gente é muito boa para fazer festa; acho difícil dar atenção a essas pessoas.

Como a gente está vivendo agora, que idade a gente está vivendo agora? A gente está vivendo uma nova idade no que tange à filosofia, à ciência, ao momento, à arte, estamos vivendo o momento que é o Pós-modernismo. Falar um pouco em Pós-modernismo parece um pouco pedante, um pouco arrogante, porque as pessoas acham que é só uma coisa falada na Folha Ilustrada ou no Caderno Dois do Estadão, onde fazem aqueles artigos que ninguém lê e que são difíceis, maçantes e chatos. De fato são mesmo e acho que é um pouquinho arrogante falarmos de Pós-modernismo, mas acho necessário.

A gente viveu, desde pelo menos os filósofos gregos, em busca de uma única verdade. A busca da filosofia grega, da maioria dos filósofos era a da única verdade, era a “justa medida” esteticamente, filosoficamente, poeticamente. Há 20 ou 25 anos a ciência também era assim, buscava a verdade, tinha um jeito de fazer ciência, um jeito que era de aprender e fazer as coisas. Fiz psicologia e anteontem comemorei 25 anos de formado. Há 25 anos eu era o único homem da classe. Isso

era absolutamente interessante, tinha um monte de trabalhos que apareciam lá com meu nome, eu era o único da classe e as meninas colocavam meu nome, era ótimo, tirava só 10. Todo mundo pensava: “Nossa, esse moço é tão esforçado.” E eram as meninas que faziam para mim.

Quando estudei psicologia, tinha três anos de estatística no currículo. Por quê? Porque se a gente não comprovasse alguma coisa com um número absolutamente imbatível, não valia. Então, toda experiência, toda situação científica era submetida a um único número; o que se buscava era que se tivesse uma porcentagem X, X igual a muito, o que se buscava era que tudo fosse traduzido por um número. O que a gente está vivendo agora? Um outro momento, onde não se busca mais a verdade, mas se busca uma verdade, que é a verdade de cada um de nós, de cada uma das correntes possíveis.

A gente está um pouco batido e cansado de ver qualquer autoritarismo, não só o autoritarismo político, da ditadura, mas da ditadura da moda, da estética, tem que por uma roupa assim, nossas meninas tem que ser loirinhas e de olhos azuis. Quantas loirinhas de olhos azuis têm aqui agora? De verdade, não loirinha de água oxigenada. Quantas têm? Poucas. Nossa menina é de outro jeito, nossa menina é mais baixinha, mais moreninha, mais bundudinha, mas não, tem que seguir, a regra é essa, tem que ser loirinha para sair na capa da Capricho. Tem a ditadura disso tudo. A gente viveu uma ditadura muito grande, o tempo todo. Agora, a Pós-modernidade está trazendo outras possibilidades de vida. Ela está trazendo um momento onde o homem é submetido a uma grande perplexidade. O homem de nossa era, o homem dos últimos 15 ou 20 anos é, antes de qualquer coisa, um perplexo. Toda manhã acorda e fala assim: “Meu Deus! O que aconteceu? O que é isso? Cortaram a cabeça do rapaz da Febem e jogaram pela janela. Onde isso vai parar?” Embora isso pareça uma frase um pouco reacionária, é exatamente o que a gente pensa toda manhã: “Não, agora chegou o fim, mais do que isso não pode.” E aí acontece alguma coisa. Ontem aconteceu outra coisa, anteontem outra e a gente

vai andando para trás e vai vendo que todo dia a gente fica completamente perplexo.

Junto com essa perplexidade, o que a gente tem? A multiplicidade, uma evidentemente em função da outra. A gente vive perplexo porque o mundo virou múltiplo. Falei das mocinhas loirinhas e de olhos azuis, mas como estariam vestidos esses lindos jovens que estão aqui há alguns anos? Todo mundo estaria de terno azul marinho, ou cinza, gravata escura e camisa branca. Era esse o uniforme. Duvido que o deputado andasse de outro jeito. Vamos pegar fotografias para vermos. Mas acho que deveriam estar todos com essa roupinha. E não é só deputado, qualquer pessoa andava assim. Havia um certo uniforme. Hoje como vivemos? Vivemos perplexos por causa da multiplicidade na qual estamos metidos. Antigamente, tínhamos rádio nacional, e hoje temos 200 rádios, mais as piratas. Antigamente, tínhamos o canal de televisão 5. Falávamos os canais de televisão pelo número. “Põe no canal 4, põe no canal 5.” E quem tem mais idade ainda continua falando: “Põe no cinco.” Então, o filho olha e diz: “Que cinco?”. Cinco não existe; é outra coisa; é outro canal, porque hoje temos 200 mil canais na televisão. Essa multiplicidade está fazendo com que a gente, além de perplexos, os mais velhos e os mais novos também, vivamos sem princípios absolutamente claros, como eram os princípios nos quais vivíamos há alguns anos. Papai e mamãe tinham clareza nos princípios; sabiam exatamente o que tinham que fazer, o que estava certo, errado, como fazia, como não fazia. Isso tudo que a Maria Ighes falou, que é uma coisa muito boa, condensada, de alto valor. Há uns 30, 40 anos, ela não diria isso, porque não existia isso que ela está falando hoje, não existia essa possibilidade. As pessoas, os meninos e meninas não transavam; usavam pouquíssima droga, comparando com o que vivemos hoje. Usavam droga? Lógico. Transavam? Transavam. Mas era infinitamente menos, as coisas eram mais claras. Eram melhores? Não sei. Como estou dizendo, vivemos momentos de perplexidade e multiplicidade. É difícil dizer se era melhor ou pior. Acho que havia algumas coisas que eram mais românticas, talvez.

Um dia desses, estávamos tomando café da manhã em casa, meu filho e a namorada, minha filha e o namorado, que haviam dormido lá, cada um no quarto com seus respectivos namorados. Quando os quatro foram embora, ficamos olhando, eu e minha esposa, e ela me disse assim: “Eles perderam aquele gostinho do proibido.” É verdade. Podiam tomar café com o pai e a mãe depois de terem passado a noite juntos, mas perderam aquele gostinho. Óbvio que foi trocado por outra coisa. O que estamos vivendo, então? Para nós, enquanto indivíduos, viver essa situação é extremamente difícil, complicado. Se continuarmos a fazer a analogia e a metáfora da roupa, antigamente era assim: gravata azul marinho, camisa branca, e estava resolvido. E hoje é extremamente complicado, a cada hora há uma coisa. Combinar valores éticos e morais, quando estamos vivendo o dia de hoje, está muito difícil. O que não quer dizer que seja impossível. O que não quer dizer que não devemos tê-los, que não devemos discuti-los. Mas é que está realmente muito difícil. Estamos vivendo essa idade em que as coisas são muito mais fluídas, muito mais flexíveis.

Quando eu estava na faculdade, era assim: chegava um menino, e tínhamos que fazer uma anamnese, um diagnóstico, e fazíamos algumas perguntas, como havia sido o parto, até chegar num ponto e perguntar: “Como é a família?” A família é estruturada? E se fizéssemos, hoje, as mesmas perguntas que fazíamos há 27 anos, nenhum daqueles meninos, que passavam pela clínica psicológica da PUC, teria a família estruturada. Família estruturada há uns anos queria dizer, papai, mamãe e irmão, todos morando juntos na mesma casa, e hoje não é assim que vivemos. A porcentagem de famílias que continuam sendo famílias e que continuam tendo valores fortes e que moram separados, papai mora separado de mamãe; mamãe tem outro namorado ou marido, papai tem outra namorada ou esposa... Antigamente, papai casava-se com mulher, mamãe com homem. Hoje, papai pode casar-se com um rapaz e mamãe com uma moça. E isso, quando falamos em uma população enorme, não falamos em pouca gente, falamos de bastante gente. Então, como ficaria aquele pobre estudante de 25 anos atrás, fazendo essa anamnese,

quando chegasse alguém e dissesse: “Papai é casado com um rapaz.” Ou: “É o segundo, terceiro marido da mamãe.” Não é uma coisa tão absurda, com uma estatística tão pequena hoje em dia, pelo contrário. Essa família é estruturada ou não? É óbvio que essa família tem uma estrutura, e tem uma estrutura bastante boa e que continua funcionando. De novo vou falar que estou me sentindo de luto hoje. Estou falando de uma família que consegue ter seus filhos dentro de casa, próximos. Consegue ter uma certa relação afetiva, uma relação de proximidade com os filhos e não tem que ficar atrás de um alambrado tomando porrada de guarda para saber se o filho está morto ou vivo. Sinto-me até um pouco mal por estar falando desse tipo de família aqui, hoje, em virtude do que estamos passando. Não sei se meu compadre Cemetiba veio aqui hoje de manhã. Ele veio? A esposa dele, minha comadre, está muito doente. Ela é madrinha da minha filha e eu sou padrinho da filha dela. Esse meu compadre sempre foi meu professor, ensinou-me muitas coisas, ele diz assim: “Filho de gente rica também sofre e alguém tem que atendê-los.” O que acho absolutamente verdadeiro. Sinto-me um pouco no lugar dele. Falar hoje de relações familiares, num momento em que estamos sofrendo essa violência, porque todos nós estamos sofrendo essa violência, é algo que me deixa ligeiramente constrangido. Então, de que estamos falando? De uma família que está, de fato, perplexa. De uma família que foi educada por pais e mães que têm hoje 40, 50 anos. Os pais dos adolescentes que a Maria Ignes acabou de falar, têm 40, 35 anos – os clientes da Maria Ignes já estão com muito menos idade, porque tiveram filho com 15; com 35 já são quase avós, já está na segunda geração – não é desses novos que estou falando, senão vou ficar mais constrangido e daqui a pouco não falo mais nada aqui. Não irei falar mais em idade, porque acabei de pedir que não é para se falar de números.

Estamos falando dessas famílias, dos pais que foram educados com alguns padrões éticos e religiosos, que eram muito sérios, rígidos e que hoje não existem mais, e que foram educados daquele jeito. Um dia você vai buscar seu filho na escola e ele sai de lá sem camisa, que é uma coisa impensável para quem tem a

minha idade. Eu ia para a escola de gravata, camisa de manga comprida, sapatos Vulcabras, que pesava 500 quilos, meia até a canela, calça azul-marinho e sentia-me ridículo, porque eu já era grandão e com aquela roupa de débil mental. Mas aquela era a roupa; todo mundo andava daquele jeito; eu fui educado desse jeito. Chamava-se pai e mãe de senhor. E aí o mundo me surpreende e eu fui um daqueles – depois mostro para vocês minha carteira de identidade com o cabelo comprido – fui um jovem que lutava contra essas coisas, lutei contra todas essas coisas, preguei que deviam transar quando bem entendessem, preguei que as pessoas podiam ter namorados ou namoradas e tudo bem, tanto fazia; fiz tudo e agora sou obrigado a conviver com meus filhos e dizer para eles para não transarem; ou tem que usar camisinha para transar, tem que se cuidar, tem que se preservar, tem que usar preservativo. Tudo isso, quem foi educado de determinado jeito está vivendo de uma outra maneira.

Maria Ignes falou uma coisa bem interessante a respeito da autoridade e autoritarismo. É verdade, toda família que enrijecer, quando o adolescente tem esse momento de crise de adolescência – e na verdade crise de adolescente é muito mais a crise da família e da instituição na qual esse adolescente está inserido do que a crise do adolescente. O adolescente se perde um pouco? Se perde, mas é um pouco. Se as coisas estiverem mais ou menos claras, se os parâmetros forem mais ou menos claros, ele se ajeita e vai.

Antigamente, mamãe e papai iam passear e diziam: “Júnior, entra no carro que a gente vai almoçar na casa da vovó.” O que acontecia? O Juninho entrava no carro e pronto, estava feito. E quando ele tem doze anos? Falam: “Júnior, entra no carro que vamos almoçar na casa da vovó.” Ele fala: “Não vou, não vou, não quero ir, é muito chato ir na casa da vovó. Chega lá, a mamãe fica brigando com a vovó, você toma umas duas ou três e vai dormir e eu sobro. Não quero ir.” E o argumento é um argumento verdadeiro. Nesse momento, a criança deixou de ter um pensamento só concreto e consegue ter um pensamento abstrato, consegue ter argumentação para discutir com as pessoas. Se a família, quando a criança está

passando para a adolescência, faz isso e enrijece e deixa as coisas absolutamente rígidas, é óbvio que isso vai romper. A coisa mais rígida que a gente conhece é o diamante, a segunda coisa mais rígida é o vidro. – Experimente pegar um vidro e fazer assim (demonstração), para ver se ele faz. Em compensação, uma folha de aço, de titânio, se você fizer assim (demonstração), ela faz. Tudo que verga não quebra. As famílias estão vivendo momentos em que elas não se dão conta e preferem quebrar a vergar. É verdade, a gente está sendo submetido a várias mudanças e a família não quer se modificar. Faz uma estrutura absolutamente rígida e sólida que não permite modificação, não deixa que entre nenhum tipo de oxigênio. O que está acontecendo lá fora? O pai e a mãe estão vivendo um momento de trabalho; está duro de pagar as contas no fim do mês. A gente tem que trabalhar muito; pai e mãe estão trabalhando muito, têm pouco tempo, às vezes, para ficar ligado no que está acontecendo no social, porque estão muito ligados para ver o que está acontecendo no banco, o cheque especial está no vermelho e a gente tem que correr atrás e tal; fica difícil ver o que está acontecendo no social. É o filho da gente que traz isso para cá, é o filho da gente que traz essa conversa, que traz o jeito, que traz esse oxigênio novo para a mesa do jantar. Quando a gente janta junto, quando não está assistindo as 52 facadas na cabeça, não está correndo atrás de outras coisas, quando a gente consegue ficar junto, é o filho da gente que traz essa notícia, que traz o novo, o oxigênio, e a família fica, às vezes, muito assustada, às vezes, muito perplexa e não permite que esse novo entre. O que acontece? Enrijece e quebra. E aí é mais um garoto que acaba saindo. Quantas vezes a gente viu isso? O pai e a mãe muito rígidos não permitem que o menino ou a menina namore e, evidentemente, o menino ou a menina vão-se dirigindo para a casa do outro. Você tem um pai, tem um filho, e esse menino arruma uma namorada que você não gosta, às vezes nem tem muito bem por que não gostar, mas você não gosta. O que acontece? Você vai dificultando a vida desse cara de tal ordem e de tal forma que ele vai se dirigindo para casa da namorada dele. Quando você vai olhar, praticamente seu filho foi adotado pela família da namora dele. É

ótimo. É melhor do que ele estar na rua. Você acabou de perder a chance de ter seu filho consigo. Nem vou dizer aquela coisa hipócrita de ganhar uma filha, é meio hipocrisia isso aí. Nora é nora, sogra é sogra. Você perder a chance de ter seu filho a seu lado, porque enrijeceu, porque não permitiu isso ou aquilo, porque não deixou entrar o novo que esse garoto tinha a possibilidade de trazer. Não vi a que horas comecei a falar e nem a que horas tenho que parar. A noite é ainda uma criança.

A perseguição dos modelos familiares que a gente tinha... A perseguição desses modelos familiares antigos e que não se renovaram vai acabar levando a gente para um distanciamento muito grande. É óbvio.

Vamos falar de relação afetiva se meu filho está longe? É impossível. Vamos falar de relação afetiva quando olho para ele e começo a cobrar coisas, quando ele olha para mim e vê, em vez do pai, de alguém que tem de ser o conselheiro, seu parceiro, o cúmplice, ele olha para mim e me vê simplesmente como o repressor, como aquele de quem as coisas devem ser escondidas. É muito difícil. Fico muito bravo quando vejo as pessoas dizerem assim: não sou pai de meus filhos, sou amigo de meus filhos. Quem é o pai? Alguém tem que ser pai. Seu filho está ferrado, porque se ele só tem amigo, está mal. A gente precisa de pai e mãe. É óbvio que a gente precisa de amigos, é uma maravilha ter amigos; quem não tem amigos está mal. Mas se você não tem nem pai nem mãe, quando você tem 12 ou 14 anos... É isso o que você precisa de verdade. É óbvio, o adolescente é um ser gregário, ele vai fazer as coisas, ele vai se juntar com o bando dele, com a turma dele e vai andar sempre em bando. É verdade. Mas esse menino precisa ter pai e mãe. Amigo ele tem de monte; amigo não fala as coisas que pai e mãe falam e que pai e mãe têm que falar e que têm que mostrar. Há tempos, falava-se que devia existir um diálogo entre pais e filhos, a gente vivia falando isso e os pais diziam: “Mas eu converso muito com ele.” É verdade, chamava todo mundo e descia uma bronca, fazia um sermão da montanha, quando alguém falasse qualquer coisa, não podia e fim, saía todo mundo fazendo o que bem entendia. Conversa é outra coisa, conversa é você estar poroso, permissível ao outro. Se você não for permeável

numa conversa, numa discussão, não houve conversa. Pressupõe-se dois pólos, e dois pólos que possam trocar alguma coisa. Se você acha que só vai ter seu filho e que ele só tem aquela postura de depender de você, que ele só tem aquela postura de olhar para você como algo ruim e que ele deve esconder-se, isso é muito ruim; você está distanciando-se de seu filho, está fazendo com que essa possibilidade de diálogo e de convivência, que é o fundamental, não aconteça. Todos nós sabemos que as crianças crescem – o ser humano cresce – por dois motivos, têm dois modelos de crescimento. O primeiro crescimento é o modelo da oposição e o segundo é o da cópia. A gente vai intercalando isso, vai trocando. Um pouco me oponho, vejo como é o papai e me comporto diferente; vejo como é mamãe e me comporto igual, depois olho para meu pai e me comporto igual a ele, olho para minha mãe e me comporto diferente dela. Por cópia e por oposição, vou crescendo na vida, vou me formando, me moldando. Dei uma ligeira simplificada, mas é mais ou menos isso. Se você dá a seu filho só um modelo que é impossível ele seguir, aí não vai dar mesmo. Se você faz com que ele se distancie de você e que a oposição, em vez de ser algo exercitado, seja algo que tenha que ser escondido, isso vai aparecer em outro lugar, não tenha a menor dúvida. Uma hora, você vai pegar uma trouxinha de maconha no bolso do garoto, tua filha vai aparecer grávida, ou teu filho vai aparecer contaminado, soropositivo. Vai ter alguma coisa desse jeito, porque ficou impossibilitado das pessoas comunicarem-se e de conversarem, de estarem afetivamente próximas. Geograficamente não quer dizer afetivamente. Morar junto não garante a ninguém intimidade. Intimidade é algo que a gente constrói. Quantas mil vezes já ouvimos falar de gente que teve uma relação sexual, mas não teve nenhuma intimidade. Isso acontece um bilhão de vezes. A Maria Ignez estava falando agora do “ficar”. “Ficar” é algo que pressupõe uma intimidade física enorme. Ponho a mão, ponho a língua, ponho cada coisa em cada lugar do outro, mas a intimidade afetiva, a intimidade psicológica é zero, é só uma coisa física, e a intimidade é algo que se constrói, e dentro de casa se constrói também. Se a gente fica se escondendo, fica morrendo de medo dos filhos e os filhos morrendo de medo

da gente, não vai se constituir essa família como algo que tenha intimidade. Acho que a gente poderia conversar e discutir um pouco. Acho que é mais legal o debate. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE ALBERTO CALVO – Vamos passar para a fase de debate. Fiquem à vontade, caso queiram fazer perguntas ou até colocar alguma coisa que seja contrária, para que nossos expositores possam responder.

SRA. VALÉRIA – Dra. Maria Ignez, queria falar uma coisa. Há duas semanas, mais ou menos, passou no “Você Decide” aquela situação em que a menina namorava um rapaz de 15 ou 16 anos e o namorado queria transar com ela. E ela vai e tenta conversar com o pai e a mãe sobre se ela deveria ou não transar. O maior número de ligações, mas um número absurdo, mais da metade, dizia que a menina deveria transar; então, a menina acaba transando. Eu tive a oportunidade de ver várias adolescentes conversando, e adolescentes de 12, 13 anos, diziam: “Todo mundo acha que pode transar, então, vou transar.” Uma coisa que tinha ficado liberado. Elas falam do problema da mídia, que passa a violência, mas eu acho que a mídia está entrando muito nesse campo, levando as adolescentes para esse caminho, e não sei que tipo de resposta dar para uma adolescente dessas. “Você deve transar, você não deve.” É uma coisa difícil.

SRA. MARIA IGNEZ – Imagino que a proposta da mídia não possa ser única, quer dizer, todos somos a mídia. A construção da mídia é uma participação do coletivo. Algumas coisas são importantes nesses programas. Por exemplo, o quanto o programa estimulou à reflexão? Já é um grande passo para o programa, porque, geralmente é automático transar. Inclusive, todas as novelas têm como tema principal a transa, e, geralmente, sem afeto, como se fosse motivo de orgulho nacional. A exposição do corpo dos artistas, a perfeição da transa em si, do ato sexual, e acaba misturando-se muito na cabeça dos jovens que sexualidade é igual

ao ato sexual. Sexualidade faz parte do desenvolvimento da personalidade, uns dos aspectos mais relevantes do desenvolvimento. Sexualidade é coisa de vida, é uns dos resgates que temos feito. Agora, quando é que vai transar, quando vai perder a tal virgindade, esse é um outro tema, em que discordo muito, porque, às vezes, é um enorme ganho, depende, porque tem o: “Perder a virgindade fez muito mal a fulana.” Em minha época de juventude havia esta frase: “Fez mal.” Você me trouxe essa questão da juventude remota.

SR. LUIZ AMADEU BRAGANTE – Eu não.

SRA. MARIA IGNEZ SAITO – Você tem 25 anos de formado, eu tenho 30, fiz a semana passada. Então, de alguma maneira, essa proposta toda é assim: quando é que dentro da evolução, até da proposta da mulher, ela vai, finalmente, apossar-se da própria sexualidade, deixando de ser o objeto sexual do homem para assumir com ele uma proposta de divisão? A mulher é muito boa para dividir trabalho, inclusive, elas se orgulham de ter o mesmo papel no mercado de trabalho – acho isso extremamente cansativo, porque, em casa, ela continua com a carga inteira, porque o homem trabalha, volta para casa e vai ler o jornal; a mulher volta para a casa para a segunda jornada. Eu acho isso... Não sei do que tanto se orgulham.

O relacionamento dos indivíduos só pode ser feito quando ele é sujeito de uma situação. Decidir por transar ou não transar é uma proposta do casal, que pressupõe um diálogo anterior entre ele e com quem pudesse tê-los orientado na escolha. É uma proposta que ainda deveria estar respaldada no amor. As pessoas dizem que falo demais sobre amor com os adolescentes. Acho que não falo o suficiente. Mesmo que seja um amor de adolescente que dure cinco dias, é importante que ele exista enquanto sentimento, porque ele faz da relação uma relação de escolha, e não uma relação automática, em que isso vai acabar nisso mesmo. Como vai acabar nisso mesmo? Inclusive, é certo que o “ficar” se apropria do corpo do outro, mas não se apropria da alma. É verdade, inclusive, que estamos

vivendo um momento de total desinteresse do sexo masculino, porque a mulher passou a ser predadora. Aquelas historinhas que meus adolescentes me contavam a não sei quantos anos atrás: “Olha, eu levei a namorada cedo para casa e voltei para festa”, eu desaconselho atualmente. Ela sai de novo. Falo para eles: “Fez muito mal, muito mal, porque ela saiu de novo.” Vivemos num contexto em que talvez seja interessante que a pessoa possa apropriar-se do próprio corpo, e a mulher possa apropriar-se dessa parte de seu corpo – é uma pele afinal – dita virgindade, que atualmente passa por territórios de modismo.

Quando dava aula para o terceiro ano da faculdade de medicina, há não sei quanto tempo – vou deixar vago –, havia um olhar dos jovens, quando a gente falava em sexualidade, para as colegas que eles imaginavam que não eram virgens. Hoje, há o mesmo olhar, inclusive piedoso, para as que eles acham que são. Vivemos numa época em que todo mundo não deveria ter essa coisa difícil de conviver, que é a questão da virgindade. Agora, quantas adolescentes têm prazer? Quantas adolescentes não se sentem objetos? Quantas adolescentes não fazem o papel de porta-esperma? Aliás, quantas mulheres?

A questão básica é que a televisão coloca a coisa em discussão e a mídia responde do jeito que ela sabe. A única coisa boa do programa: colocou em discussão. Atualmente, nem coloca em discussão. Já é uma verdade absoluta que tem que transar. Ele colocou em discussão. Aventou que aquilo tinha alguns risco e aventou uma coisa muito bonita, que era o amor, que de alguma forma a escolhida, ele a escolheu por amor. O programa, inclusive, mostrou que a transa gratuita seria com a amiga – já não é a mesma amizade de antes, aquela coisa de irmã do amigo, nada desse conceito está valendo mais; é “geralção”, atualmente. Esse programa até que mostrou algumas coisas boas; mostrou a resposta avassaladora que todo mundo transa, porque é essa mensagem, todo mundo transa com todo mundo. Era o esperado. Mas mostrou reflexão, mostrou alguma dúvida por parte da menina, mostrou muita dúvida, mostrou a preocupação dos pais e mostrou uma coisa que foi muito bonita, como a presença do amor na filha pôde fazer reviver um sentimento

nos pais, porque, na realidade, os pais não deveriam se envergonhar do amor e nós não deveríamos ter famílias assexuadas como temos; que os pais nem se tocam perto dos filhos, porque isso é estranho para o comportamento dos pais. Acho que seria interessantíssimo que fôssemos pais, não assexuados, mas sexuados, sim, na questão da sexualidade como um bem, uma coisa da vida, uma proposta bastante importante de complementação que é vivida dentro do amor, do afeto, até da atividade sexual. Então, eventualmente, esse programa não foi tão ruim como os outros, porque ele trouxe esse tipo de reflexão, e que é possível, inclusive, dizer não, coisa que para a mulher é um aprendizado.

SR. ALBERTO CALVO – Parece-me que a Doutora Valéria fica temerosa pelo fato de poder-se, com isso, estimular o sexo precoce a partir de 10, 11, 12 anos, a promiscuidade, a irresponsabilidade e, o que é pior de tudo, a gravidez precoce.

SRA. MARIA IGNEZ SAITO – A conscientização deveria ser auxiliada pelos meios de comunicação. Deveríamos ter no meio de comunicação uma parceria para nossas ações enquanto pais, educadores, e eu incluo os médicos, psiquiatras, psicólogos, como educadores, porque imagino que a única proposta seja mesmo de educação. Minha proposta é de prevenção. Apesar de estar em um hospital terciário e ter patologias muito sérias, faço prevenção sistematicamente. A mídia, a televisão está trazendo uma mensagem de liberalidade, não de liberdade.

Liberalidade é diferente de liberdade. Liberdade tem escolhas. Estou estimulando que o sexo seja uma coisa indiscriminada, absolutamente descompromissada. Realmente estamos aumentando nossa gravidez porque ela é sucesso em nossa televisão. Inclusive, tivemos um seminário em Brasília, recentemente, em que existiu uma questão entre o Ministro Serra e a apresentadora Xuxa, na questão da produção independente. Já vi adolescentes minhas, no ambulatório, que são extremamente miseráveis, com condições de vida

precaríssimas, me dizerem que a produção do filho era independente, como a Sasha. É claro que os apresentadores de televisão deveriam ter uma responsabilidade maior. É lógico que ela decide o que ela quiser da vida dela enquanto mulher, mas enquanto formadora de opinião, a reflexão teria que ser maior. Qual produção independente pode ter uma menina miserável de 13 anos num serviço público e com perspectiva nula de vida, inclusive para essa criança? Jamais ela terá uma festa de aniversário como a Sasha teve! Jamais! Não sei nem se ela chega no primeiro ano de vida. Se chegar, estará desnutrida. A atenção que o meio de comunicação devia ter é o de parceria. Entretanto, nós, que não somos o meio de comunicação, muitas vezes nos furtamos também a nossas responsabilidades. É difícil querermos ir à televisão, às vezes perdemos a oportunidade de debater e informar. Tenho um filho de 21 anos, meu caçula, e ele é produtor de uma peça, junto com um amigo, de prevenção de gravidez e drogas. Existem jovens que estão, a bem da verdade, dois passos a nossa frente, na tentativa de modificar a relação que se tem com a coletividade, com a sociedade, levando os ensinamentos de uma forma diferente: é de jovem para jovem. E acredito nesse tipo de proposta, porque eles agenciam rapidamente a atenção de um outro jovem, coisa que, às vezes, demoramos um pouco para fazer. Nossa responsabilidade é de estabelecer parcerias, e não apenas críticas, com o meio de comunicação. Eles ocupam um lugar enorme. E volto a questionar: que lugar estamos ocupando, nós, o restante da sociedade: profissionais, educadores, os próprios deputados, as pessoas que, eventualmente, também têm suas responsabilidades? Não é só no meio de comunicação, porque falhamos, às vezes, como pais, porque na hora que entra esse programa em nossas casas, não questionamos com nossa filha.

Inclusive, muitas das mães batem na porta do consultório para saber se as filhas são virgens. Não sou obrigada a informar. Primeiramente, não sou perito do Instituto Médico Legal. Só eles informam, por lei. Tenho direito a sigilo médico. O que coloco para essa senhora é o seguinte: “A senhora conviveu 16 anos com sua

filha. Não é estranhíssimo que a senhora pergunte a uma pessoa que a conhece há 10 minutos uma coisa tão particular e pessoal, que em nenhuma conversa que a senhora teve com ela a senhora conseguiu avançar um milímetro? Só porque eu tenho o poder do exame físico e eu posso visualizar o local? Então, senhora, o que acontece com o relacionamento? Onde a senhora estava nesses 16 anos?” Se é virgem ou não é a resultante final. E se transa ou não, e se tem valor ou não... Tenho três mães de 11 anos, infelizmente. E não é estupro; é relação consentida. Até bem arquitetada. Uma delas, praticamente, foi a Lolita da história. A bem da verdade, a parada de reflexão, acho, envolve o meio de comunicação, sim, por ele difundir uma proposta com talvez pouca responsabilidade, mas envolve a sociedade como um todo, desde os outros grupos de referências, também, inclusive a família. As pessoas dizem que os pais trabalham fora o tempo inteiro, não têm tempo, têm que olhar o saldo bancário. Mas nunca achei que fosse quantidade de tempo, sempre achei que fosse qualidade. Acho que, às vezes, 10 minutos bem vividos com sua família substituem, em parte, as horas que você ficou fora. Agora, chegar exausto, cobrar do filho cansado, dizer que está se esforçando só por ele, que todo seu cansaço, toda sua amargura, todos os seus questionamentos devem-se a ele, isso fará dele um filho do sofrimento. Não adianta nada você contribuir com um cheque no fim do mês, porque já foi destruída a proposta. Não sei se respondi, mas é uma coisa de nós todos, não é só da televisão.

SR. LUIZ AMADEU BRAGANTE – Posso dar um palpite? Primeiro quero falar da Sasha, da Xuxa. Se ela serve para vender sandalhinha da Xuxinha, ela não serve para vender modelo de comportamento? É óbvio que não. Também acho que ela deve ter filhos com quem ela bem entender, da maneira que ela bem entender. Não admitiria que o Ministro Serra desse palpite na minha vida particular. Mas, que ela tem responsabilidade a respeito da figura pública que ela é, assim como ele, que como Ministro também tem que ter, é óbvio. Se ela serve para vender os produtos da Arisco, ela também serve para vender o modelo das meninas ficarem grávidas

aos 11 anos de idade e falarem que é produção independente e não poderem cumprir o primeiro aniversário. Isso é absolutamente muito claro. E a outra coisa que a Maria Ighes falou a respeito do tempo dedicado aos filhos... acho que deve fazer-se um cruzamento da qualidade e da quantidade. Um bom vinho, se você tomar uma só gota, não dá para saber se é bom vinho. Precisa de um pouco mais para saber se aquele vinho é de boa qualidade. Uma gotinha só na língua, não dá para saber. Então, creio que se precisa muito de qualidade, mas também, um pouco de quantidade, para essa qualidade ser sentida, senão, fica difícil perceber.

SR. PRESIDENTE ALBERTO CALVO – Continuam com a palavra as pessoas que queiram perguntar, debater, discutir.

SR.– Boa-tarde a todos. Sou representante do Fórum Nacional da Terceira Idade e quero, primeiramente, cumprimentar a Doutora Maria Ighes e o Dr. Luís Amadeu Bragante. Durante esse pequeno tempo em que eu estava ouvindo o esclarecimento da senhora, estava refletindo sobre o panorama, o mapa social. As mudanças ocorreram rapidamente. É impressionante como nos sentimos impotentes diante de tantas mudanças. Parece-me que precisamos rever constantemente esse papel, tanto o político, como o social, o do médico, o dos pais; dá a impressão de que precisamos estreitar relações e que não é possível que a mídia seja usada mais para fazer a opinião pública, e que não podemos atuar para melhorar a qualidade disso. Até acho que esse processo vai ocorrer à medida que formos tomando consciência, ao longo de alguns anos, ao longo do tempo, até passar esse período de mudanças. Tenho a impressão pessoal, em minha experiência, que dentro de alguns anos, possivelmente até poucos, estejamos colhendo frutos. A gente se sente cada vez mais impotente, existe um distanciamento em todos os sentidos. Até o futebol...

SR. PRESIDENTE ALBERTO CALVO – Gostaria que o senhor fosse direto em sua questão, pois temos outras pessoas querendo fazer perguntas.

SR.– O que poderia fazer uma entidade, por exemplo, junto com vocês? Eu, por exemplo, trabalho com a terceira idade, e eu vejo ali pessoas que possuem qualidades, mas se sentem inseguras. O que temos que fazer para estreitar relações, mostrar os valores que trouxe esse pessoal, que, hoje, já está na terceira idade, para estreitar relações com o jovem, e mostrar exemplos?

SR. LUIZ AMADEU BRAGANTE – Mostrar exemplo para adolescente é um pouco difícil. Para ele aprender com exemplo tem que ser uma coisa repetida. Tem que ficar junto com ele. O pai, a mãe, a Xuxa, que está todos os dias na televisão, isso, sim, passa para o adolescente como exemplo. O professor. Esse é o modelo que o adolescente acaba seguindo. Você poderia inserir-se onde houvesse adolescentes e onde vocês pudessem estar junto bastante tempo. Só assim, rapidinho e passando, o adolescente perde mesmo. Adolescente tem uma capacidade de pensar, que é como se pegasse a cabeça da gente e botasse um turbo. Ele pensa muito rápido e em muitas coisas, e não dá tempo para digerir tudo isso. Precisa ser repetido e estar junto para isso ir-se sedimentando. Talvez, se você representa o pessoal da terceira idade, seria interessante se eles tivessem relação com alguma ONG, com algum serviço, em que pudessem estar próximos dos adolescentes. Há inúmeras ONGs que trabalham com adolescentes. Acho que seria bastante útil. Seria bastante útil para os dois. O pessoal da terceira idade que pudesse contaminar-se um pouco com a vivacidade do adolescente, seria muito legal.

SRA. CLEIDE – Sou professora. Convivo com adolescentes e diante da exposição da doutora, e depois do Dr Luís, realmente fico mais preocupada ainda. Não estou conseguindo atingir esses adolescentes, porque temos valores diferentes dos deles. Como fazer com que esses adolescentes não se tornem esses pais, que

eu vi, como o senhor colocou em sua exposição, que estava de luto, em virtude do que está acontecendo na Febem? Tenho um parecer. A culpa é da família. Eles não têm família. E o que a escola poderia estar fazendo, e também a sociedade, para reverter isso? Porque esses adolescentes serão pais, e eu fico, realmente, preocupada em pensar como será esse futuro.

SR. – Queria até comentar com você, que é professora e diretora, que nesse Fórum, o pensamento é nesse sentido. Queria que vocês, Maria Ignez e Luís, que todos deixassem sua participação, para formamos e ajudarmos o cidadão do século 21. Para isso é que estamos fazendo esse encontro, faremos outro da terceira idade, e sempre trazendo a família, porque estamos achando que a família seria a solução. Porém, precisamos da participação de vocês, com suas idéias para o Fórum. Por favor, deixem os endereços aqui e tragam as propostas de vocês.

SR. LUIZ AMADEU BRAGANTE – Eu falei naquela hora que estava de luto porque é mesmo muito constrangedor. Eu vinha pensando, quando vi essa história da Febem estourar... Quando isso começou? Evidentemente, isso não começou agora. Isso é muito antigo. O que foi se perdendo foi essa possibilidade das pessoas fazerem ligações, e ligações que se mantivessem mesmo, o que não quer dizer que as pessoas devem ficar amarradas umas às outras o resto das vidas. Quem está casado e está infeliz no casamento que se separe. Acho que a separação é uma boa saída para quem está sofrendo no casamento. Hoje, eu posso falar em separação tranquilamente, porque faço bodas de prata. Faz 25 anos que estou casado com a mesma mulher, que é essa que está aí, atrás de você, que veio me vigiar. Então é assim, se não deu certo, separa. Filho foi feito não para ficar grudado no pai, mas para poder alçar vôo e ir embora. É verdade, por mais que as ligações sejam afetivas mesmo. Isso que está acontecendo agora, essa violência, que a gente está vendo, não é agora que começou. Isso é uma coisa velha, que vem de há muito tempo. As pessoas vão-se perdendo atrás de muitas coisas, de

causas políticas, econômicas, sociais, afetivas, ideológicas, que fizeram tudo isso. Sua pergunta como professora, que é uma ponta muito difícil de segurar, que é a ponta que está direto, na frente com os adolescentes, os adolescentes que estão em uma situação, em que, provavelmente, eles sejam mais inquietos, que é quando estão dentro da sala de aula, é uma pergunta interessante, porque é você que está lá com eles o tempo todo. E você está vendo que faz tempo que eles vêm decaindo. A qualidade da relação das pessoas vem decaindo, porque também vem decaindo a qualidade das escolas, dos professores. Não a qualidade do professor como gente, mas a possibilidade de treinamento dele, de formação, do salário. Tudo isso vêm caindo mesmo, de 5, 10 anos para cá. Talvez seja mais, de 30 a 40 anos para cá que isso vem se modificando e se deteriorando. Se todo mundo puder trabalhar, se todo mundo puder fazer alguma coisa, teremos uma educação. Não adianta tentar um pouquinho e depois largar, porque realmente não vai funcionar. Temos que nos articular, todo mundo que trabalha com adolescentes, com famílias, com terceira idade, com o meio ambiente. Temos de fato que nos articular para poder pedir, cobrar, exigir, ter propostas claras, que a gente vá discutir de verdade; falar da questão da droga. A questão da droga é uma questão de polícia? Não, não é uma questão de polícia. Nos Estados Unidos, eles gastam U\$ 1 bilhão e 200 milhões? Não, eles gastam 200 milhões de dólares no combate direto de polícia à droga. A droga roda lá em um Orçamento de 1 bilhão e 200 milhões de dólares, e eles gastam 200 milhões; vão ganhar de 1 bilhão e 200? É óbvio que não. Se eles, em vez de gastarem com a polícia, tivessem gastando na formação da família, das pessoas, dos centros onde as pessoas pudessem estar mais juntas, seria muito mais fácil. Mas não conseguem fazer isso. Acho que a gente, como ser humano social, distancia-se do outro e aí vem a pergunta que ela fez: “Por que a Rede Globo faz isso, aquilo?” A Rede Globo não está destacada da sociedade. A Polícia não está destacada da sociedade. A escola não está destacada da sociedade. Se a escola é ruim, é porque ela está dentro de uma sociedade que é ruim. Se a Rede Globo é ruim, é porque a gente, que é a sociedade, continua mantendo-a ruim. Se a

gente fizesse alguma coisa para tentar dar uma melhorada, aí, sim. Mas a gente fala mal e depois não faz mais nada. Vai e assiste. Vai lá e não assiste, então. Faça um movimento para que as pessoas não assistam. Mas, não. A gente fala mal o tempo todo. Todo mundo vive falando mal do Galvão Bueno, mas quando você vê, todo mundo leva cartaz para o Galvão Bueno focalizar e falar o que está escrito no num jogo de futebol. Todo mundo xinga e todo mundo leva o cartaz para ele.

A Rede Globo é extra-social? Não! Ela faz parte da sociedade, igualzinha a você e eu. Sua escola também. Todas as escolas. Quando as pessoas falam da política, da saúde; isso faz parte da sociedade. Por que a gente não se organiza? Por que a gente não se articula? Falam mal dos políticos. Toda hora a gente fala mal dos políticos. Aqui é um bom lugar para falar disso. Por que a gente não se organiza? Meu deputado eu marco em cima. Ele que cisque fora para ver se não leva uma bolacha. Vou cobrar dele. É lógico que vou cobrar. Se a gente fizer, se todo mundo fizer isso, a coisa vai melhorar. Precisa, de fato, de uma articulação. Isso é independente da ideologia. Não estou dizendo que é a esquerda, a direita, o centro. Não estou dizendo isso, mas a gente tem que se organizar. Se a escola ficar esperando que vá chegar lá uma fada luminosa e que vá transformar aquela escola no castelo da Branca de Neve, maravilhoso, onde terão todos os apetrechos para um laboratório funcionar, vai morrer esperando isso. É a escola que tem que se virar e fazer. E, assim como a escola, acho que todos nós. Saí um pouco de sua resposta.

SRA. MARIA IGNEZ – Acho que, quando a gente faz esse tipo de reunião, de seminário, a gente cria expectativas na platéia, até de respostas mais precisas. Agora, a primeira coisa que acontece é realmente instigar a reflexão de cada um sobre o que ele faz frente à angústia em que vive. Por exemplo, você está dizendo que está difícil, porque vê poucas possibilidades de atuação até frente ao contexto de seus alunos, à singularidade dessa escola. Fico pensando o seguinte: o que já foi tentado na escola? O que diferenciou essa escola de um conteúdo formal

passado, só aquele conteúdo de matemática, português, e foi atentado para o indivíduo dentro desses conteúdos? Quanto tempo a escola está com o aluno, não com a matéria? Como é o tipo de aprendizado? Ele aprende com o erro ou é massacrado cada vez que fracassa e só é aplaudido quando acerta? Porque a pedagogia moderna, atualmente, sustenta-se no erro, não no acerto. É muito mais freqüente a gente errar, inclusive, e tentar sair a partir do erro, do que a partir dos acertos, quando existe um convívio social dentro da escola, onde os adolescentes e crianças – e isso começa bem quando é criança – podem identificar no professor um aspecto de parceria, além da relação docente/aluno. Então, mudar o perfil da escola é uma proposta que tem que partir da escola.

Trabalhei 10 anos com escola. E não íamos à escola mudar o perfil, mas discutir alternativas. Quais eram as alternativas? Que conhecimento a escola tinha sobre a adolescência? Porque a escola geralmente tem um modelo muito distante, tipo: autoridade a ser obedecida. Freqüentemente, o diretor de escola está em fim de carreira. Ele não quer muita mudança. Ele quer se aposentar e não está querendo muitas mudanças. Agora, muitos diretores estão a fim, mesmo próximos à aposentadoria. Então, que mudanças têm que haver? Primeiro, têm que partir de dentro da escola. Ninguém vai lá legislar por vocês. Quanto tempo vocês se dedicam ao aluno e não à matéria? Qual é a convivência do aluno dentro da escola? Como são feitos os relacionamentos? Com quem ele se identifica? Quem é o modelo de professor naquela escola? Às vezes é o de educação física, às vezes o de biologia, que é o sexólogo das escolas, geralmente. Coitado do professor de biologia; tem que saber cada coisa incrível.

A proposta é como a escola se organiza como grupo de referência, porque dizer que não vão aderir, que são todos criminosos em potencial, bandidos que não aderem à escola, não é verdadeiro. É a mesma coisa que afirmar o desinteresse de todos os professores porque o salário é baixo. Já vi professor fazer coisas incríveis, de mudança, de articulação. A escola tem que se articular para encontrar soluções. Inclusive a escola tem espaços preciosos de contato com as famílias. Aquela

reunião de pais e mestres, por exemplo, na época de escola de meus filhos, era uma coisa terrível, porque eram aquelas filas enormes para ver nota de matemática e física, aonde as pessoas iam mal. E eu nunca vi ninguém aplaudir o professor que não tinha reclamação. O indivíduo se sente até mal. Ninguém pergunta nada para ele. O sucesso é de quem consegue aprovar; não de quem reprovou 2/3. Quem reprovou 2/3 é péssimo professor. Nunca aprendi Física na minha vida, porque a professora de Física que tinha no Colegial era péssima. Ela reprovava 90% do Colégio e era tida como “a professora”, a que reprovava. Eu entrei na faculdade com 5 de Física; aquela nota mínima. Quase não entro porque não entendia Física e, inclusive, falava isso para meus filhos. Mãe, você lembra tal coisa? Não lembro porque nunca soube; não é que esqueci, mas nunca aprendi. É diferente. Então, às vezes, a escola não chega no aluno, e dizer que não dá para fazer nada por eles não é verdade. A gente diz que não dá para fazer nada quando a gente já tentou muito e muitas coisas diferentes dessa imposição só de uma relação educador orientando, porque você mesmo diz que os valores são outros. Agora, valor diferente não impede diálogo. Ao contrário, enriquece o diálogo. Já vi escolas que chegam a posições bastante satisfatórias em relação a seus alunos como grupo de referência. Inclusive, na época que a gente dava palestras, que montou esse esquema com escola, eram 37 escolas de Estado, onde até o policial da escola, que ficava na rua, participava das palestras, da proposta da escola de mudança, de acolhimento do aluno. Se você vê como perdido, não dá para fazer nada. Se o tempo todo eu achar que ganho mal – a gente ganha mal e todos sabem disso –, não adianta basear minha atividade, minha atitude em meu salário. Quero fazer esse tipo de medicina que faço, quero ter uma proposta em relação aos adolescentes e não tenho arrependimento por trabalhar no Hospital das Clínicas, com todas as dificuldades, porque é maior o que pretendo fazer. Não posso basear minha orientação em meu salário, porque, coitados, vão ficar mal orientados, com uma orientação pequenininha, do tamanho do meu holerite. Mas não dimensiono

minha postura profissional pelo meu salário, mas pela minha maneira de ser, pelos valores nos quais acredito.

A escola está sendo agredida. Tem-se medo da escola, dos alunos, só que existe uma possibilidade de mudança em cada ser humano. Isso a gente tem que ter presente, tem que acreditar. Se a gente não tiver nenhuma fé, não vai modificar coisa alguma. E a articulação da escola com outros professores é importantíssima. A divisão de sua preocupação com outro professor é importantíssima. Você não fica tão sozinho; você vai descobrir que todos eles pensam parecido, apesar do salário baixo.

O problema está lá. As soluções vêm de cada pedaço da sociedade. A escola tem caminhos a trilhar e pode organizar-se para algumas soluções. Essa coisa do espaço pais e mestres ser desperdiçado por nota é uma barbaridade. Dever-se-ia conversar sobre possibilidades de atenção àquela criança e adolescente, sobre as carências daquele adolescente, daquela família, no que a escola e a família poderiam articular, conversar sobre o que é prevenção. A escola deveria ensinar os pais sobre as drogas, sobre a sexualidade. Agora, a escola sabe isso? Ela busca esse conhecimento? Ser um educador é muito mais do que passar um conteúdo formal. Enquanto a escola for informativa e não formativa, fracassa, porque ela não constrói pessoas, mas passa conteúdos, pura e simplesmente, sem formar opinião. Quando o aluno discorda do professor, é nele que, talvez, reside a esperança da escola. É o cliente que discorda do médico. É o adolescente que fala que a consulta está chata, porque o adulto nunca fala que a consulta está chata, mas o adolescente fala que quer ir embora, que aquilo é muito chato. Quer dizer, temos que mudar alguma coisa. Acho que se você tem a percepção que está difícil, já é um passo. Se imagina que ainda tem alguma coisa a fazer é um outro passo. Se acha que pode se articular, é outro passo. Se você acredita em você como agente de mudança, já que você é um educador, é um outro passo. Se você se articula com a família, muito mais do que um passo. E a escola tem que fazer isso. A

solução está dentro da escola; não é fora dela, nem na palestra de nenhum médico que vá lá.

SR.– Mas pode colaborar.

SRA. MARIA IGNEZ SAITO – Pode, e aí vem para o pedaço da gente. Enquanto profissional, não tenho que ficar dentro do consultório. Um hospital como o Instituto da Criança não tem que ficar enclausurado no saber da universidade. Aliás o saber só é útil quando é passado para frente, porque senão ele é um saber detentor de poder, e isso é inútil. Então, o Instituto da Criança é um hospital que se propõe a ir para a comunidade, em contato com várias de suas situações. E houve um ganho muito grande no instituto, enquanto parte da comunidade, além de parte da Universidade de São Paulo. Acho que a universidade tem que ser inovadora. Sua unidade é a pioneira no atendimento a adolescentes. Deus me livre de me conformar com esse pioneirismo, porque pioneirismo é luta pelo futuro, não é glória do passado.

A solução, apesar da palestra, apesar da boa vontade de todos os demais, é da escola, porque cada um tem um pedaço da solução para a formação do outro. Então, ela tem que se mobilizar para conseguir as coisas.

SRA. NIZIA – Gostaria de completar, no caso. Sou professora também e não sei se discordo ou se complemento, porque, como professora, não acho que seja babá de creche. Eu não pari todos aqueles filhos. Sou professora formada para dar aula de inglês. Você é formada para ser médica. O outro teve o cargo dele para ser isso ou aquilo. Não podemos tirar dos pais aquilo que é deles, o direito de educar seus filhos. Gostaria de agradecer, porque foi ótimo abrir um leque aqui. Pena que ficou focado em escola e fica a sugestão para que façamos um outro fórum sobre o adolescente e a escola, o adolescente no aspecto médico. Sabemos que, no momento de dor, o médico tem uma função vital para o restabelecimento daquele

jovem, também. Não posso jogar também uma escola como responsável. Cada um tem realmente uma parcela. Não que a escola seja responsável por tudo. Esse pedacinho, não concordo muito. Acho que o que está havendo hoje em dia é a total inversão de valores e estamos assistindo passivamente as coisas. Temos, aqui, um auditório onde cabem 122 pessoas, e pude verificar lá fora um cartaz imenso, um *banner* – acredito que não foi colocado hoje –, e onde estão as pessoas? Onde está o povo? Onde estão os pais desses adolescentes? Então, realmente, a mídia somos todos nós. A senhora tem razão. A mídia sou eu, na hora que assisto um “Você Decide” e dialogo com minha família, sento com ela e à hora que for, porque a hora que vou para um baile fico até tarde, está muito gostoso, vou, fico com o cara, converso com ele, agora, com meu filho, não tenho tempo para ele. Até que ponto está valendo a pena sacrificar, hoje em dia, o trabalho para comprar a melhor marca, para um Nike, para um 775, para um Fórum, em detrimento de eu ter uma sociedade debilitada, uma juventude abandonada, lares totalmente destruídos. Prefiro estar usando saco, vestindo-me com simplicidade, do que esbanjar um luxo às custas de ter meu filho completamente largado e deixado de lado. É preciso levar em consideração no que estamos contribuindo nesse sentido, também. É importante estar aqui diante de legisladores. Fiquei feliz ao saber que houve um intercâmbio entre eles, porque não era só de um partido a representação. Isso é muito bom. Da próxima vez, que haja mais outros. É importante viver mais de perto e saber que os políticos estão fazendo alguma coisa. Não dá para fazer tudo. É fácil falar mal, que a escola dá para isso. Vão lá viver, gente! Vão lá dar aula a 45 alunos dentro de uma sala para verem o que é bom para tosse! Não está fácil não. Eu tenho aluno de colegial – dou aula há 20 anos, à noite – que chegou para mim e falou que roubaram seu caderno; um aluno de 20 anos que veio do trabalho. Respondi para ele: “Filho, esse problema só sua mãe pode resolver.” Que professora de merda – desculpem – é você, que não sabe resolver uma situação dessas? E daí para frente. Isso é fichinha o que está levando, porque a gente vai para a sala de aula, com uma alta tensão, com medo, porque se você mexer... Eu costumo dizer que o

adolescente é aborrecente, porque ele se aborrece e aborrece. Então, se você aborrecê-lo... Por exemplo, por causa de faltas; já dei falta para um aluno porque estava conversando e não respondeu. Ele falou para eu tirar a falta, e eu falei: “Filho, mas eu já pus aqui, na caderneta.” E ele jogou a carteira. Eu pensei: “Pronto, amanhã estou levando na cara.” Estamos enfrentando isso lá dentro. O negócio não está tão simples. Precisa-se viver um pouco mais lá dentro. Esses fóruns, eu até tinha colocado na pesquisa que achava ótimo local, mas acabei mudando de idéia, e gostaria de chamar vocês para estarem onde a gente convive, lá na escola, para conviver com aquele barulho todo, para ver se a gente tem possibilidade de fazer alguma coisa sem a mínima condição. Estou em final de carreira. Tentei e consegui, depois de quatro anos, uma sala ambiente. O Governo tem falado que tem, mas não existe a sala ambiente. Quem é professor sabe disso. Três ou quatro escolas funcionam com sala ambiente, pelo menos na minha cidade. É difícil, mas temos tentado fazer alguma coisa. Temos juntado a comunidade. Não é só esperar dos órgãos governamentais, mas a gente, como particular, tem-se juntado com o Dr. Gondim, e outras pessoas, outros profissionais da cidade, da gama toda da sociedade, e estamos tentando começar um trabalho lá. Temos tentado buscar saídas. Mas não joguem tudo para escola. Nós, professores, temos feito o que podemos, porque somos pressionados pelos pais e pressionados pela Delegacia de Ensino, que nos pede todo um avanço de informação e de convívio com o aluno, rumo ao ano 2000, ao novo milênio, mas nos mandam fazer um serviço “burocrático” de mil novecentos e antes. E ela sabe disso. Ela é professora e sabe do que estou falando. E é verdade. Temos toda uma carga burocrática para cumprir e, se você não cumprir, não é um bom professor. Mandam que você tenha transversalidade, que você tenha nomes estrambóticos, doidos, que você tenha que falar de todos os assuntos, conhecer todos os assuntos, e não sou especialista nisso.

SR. PRESIDENTE ALBERTO CALVO – Antes da resposta dos professores, queria esclarecer que o menor número de pessoas hoje se deve ao fato de que foi a primeira apresentação. Foi feito, não de afogadinho, mas estávamos preparados há muito tempo. Os convites só nos foram dados na quinta-feira, quatro dias antes do evento de hoje, com um sábado e um domingo pela frente. Muita gente já estava agendada para outros compromissos. Mas, no próximo, estaremos mais bem preparados.

O Fórum tem que ser aqui mesmo. O Fórum é justamente para envolver as camadas da população e todos os especialistas ou não de todas as camadas da população, porque só a pressão de todos é que conseguirá convencer os executivos a por em prática o que aqui ressaltarem como importantes.

SRA. – (Manifestação fora do microfone) Vamos ficar aqui a tarde toda, tudo bem. Ouvimos os professores, ótimo. Esta é a primeira pergunta: a quem vamos nos reportar? Vamos conseguir elaborar um documento para tocar a coisa para adiante? Essas coisas que estão falando da escola são muito graves, muito sérias. Minha região é Oeste. Crianças estão dentro das classes, das salas de aula, agredindo-se, seja a idade que for. Professor não fala nada. Criança sai sangrando para o hospital. É em Pinheiros, na Paulista, no Rodrigues Alves, no Caxingui. São coisas que não sou eu, nem a professora, nem a diretora, mas acho que é alguma coisa de Governo, sim. A obrigação é dele. Onde está aquela escola antiga e pública? Minha pergunta é essa: em primeiro lugar, vai ter algum final feliz esta reunião? Depois, onde está aquela escola, não digo antiga, mas a escola do Governo, a escola pública? Era a escola pública que realmente ensinava. Quantos que saíam dali e entravam para a universidade porque sabiam. Era muito diferente. De repente, houve um transtorno e instalou-se a confusão no pedaço.

A outra pergunta seria para os dois professores que estão aqui: por que não sacudir um pouco a moleza dessa gente? Banda de música, esporte, pintura, teatro, como foi falado. Por que não nessas escolas? Quanto espaço vazio lá no meu

pedaço e em outros e nada se faz. Quem? Eu vou fazer? A sociedade vai fazer? Já pagamos impostos e agora estão querendo mais dois reais para imposto não sei do quê. Sou uma pessoa muito cordial, inserida na comunidade, sou líder comunitária, faço o que for preciso, mas acho que não é para nós arregaçarmos as mangas, nós, sociedade, quando o resto está descansando em berço esplêndido.

SR. PRESIDENTE ALBERTO CALVO – Vamos deixar claro para nossa companheira, nossa amiga, que antes do Deputado Gondim colocar o que estávamos fazendo, eu dizia que tudo aquilo que é exposto aqui será utilizado para apresentarmos a quem de direito, sempre com o respaldo de toda a comunidade, para podermos estabelecer condições para o próximo século.

SRA. MARIA IGNEZ SAITO – Quero um pouco de tempo para resposta em relação às colocações. Quando a gente fala da escola – acho que talvez não tenha me feito entender, porque a proposta é o oposto do que você está colocando –, acho que a idéia não é responsabilizar a escola, mas devolver-lhe o que já foi seu, que é a proposta de educação, do professor como educador. Quando você fala que é professora de inglês, inglês é seu conteúdo, mas antes você falou: “sou professora” antes do inglês, e eu pressuponho que o professor é um educador que vai além do inglês. A idéia aqui é a do resgate da escola para a proposta que se coloca como a principal: a formação do cidadão. Agora, não se está dizendo aqui que a responsabilidade pelos males do mundo é da escola, ou da incompetência dos professores. E quando vocês dizem: “Vão lá para verem...”, sinceramente – você vai me desculpar, mas sou uma pessoa absolutamente franca, e agora estou mais que franca, porque a idade acentua alguns vícios, estou além da franqueza –, não acho que isso seja uma proposta. Vou pedir para você ir ao Pronto-Socorro? Eu convivo com a miséria permanente das pessoas, porque trabalho no HC e o risco que os professores correm ao enfrentarem alunos, corro com adolescentes e pais quando denuncio. E denuncio freqüentemente, porque há abusos. A gente não

entrou nesse aspecto aqui, mas tenho inúmeros adolescentes abusados, inúmeros adolescentes agredidos e denuncio todos eles; inclusive já fui ameaçada milhões de vezes por pais. Eu já fui ameaçada, inclusive, dentro de um consultório. A pessoa me falou: “Você não sabe quem é meu marido. Ele é uma pessoa extremamente influente de uma multinacional. Você sabe quem ele é?” Eu disse: eu sei. Ele é um estuprador. Eu sei quem é seu marido. Ele é um estuprador. Então, a questão da escola não é responsabilizá-la pelos males do mundo, e nem pela falha na construção do ser humano, mas devolver a ela a proposta de educar e de formar, além de informar e, às vezes, informar mal.

Agora, que o professor deveria capacitar-se numa série de assuntos, deveria. Se não tem tempo para fazer isso, infelizmente não é perguntado a nenhum de nós se a gente tem tempo que vai resolver. Inclusive, sou autodidata, porque sou antiga o suficiente; comecei em 1974 a trabalhar com adolescentes. Não tinha nada escrito em termos do adolescente brasileiro e não acho que o americano seja um modelo para nós; não tenho mentalidade colonialista. Lamento muito quando vou em seminários e falam: “Agora os professores americanos vêm aqui ensinar para gente.” Eles não vêm, porque eles já falharam. Eles têm um número enorme de grávidas; eles têm uma enorme quantidade de drogas, eles têm obesidade de matar. A obesidade dos Estado Unidos é problema do Senado Americano, atualmente. Então, não vejo por que a gente tenha que importar valores que se mostraram inadequados. A construção da proposta em relação ao adolescente passa por uma enorme dificuldade. E a escola teria que arcar com o pedaço que lhe é devido. Ninguém está aqui crucificando a escola. Não preciso ir para escola para saber a miséria que é, porque atendo o mesmo adolescente que está na escola. Eles não deveriam se suicidar; eles não deveriam ser agredidos. Tenho mãe que tirou o céu da boca do menino com um cabo de vassoura. Só que isso não me faz recuar e nem as ameaças das pessoas. Já fui muito ameaçada. Inclusive, essa minha fala já existia no tempo da ditadura; estive em Brasília em épocas que não eram tão auspiciosas e falei exatamente o que estou falando hoje; fiquei mais

tempo, é verdade, tive um aconselhamento posterior, mas falei. A questão é de ser humano para ser humano. A escola é parte importante de um processo; não é só a área médica, não são só os senhores deputados, não é só a Rede Globo ou sei lá que televisão. A escola faz parte do processo. Agora, se o professor é intimidado e agredido, os médicos também são, e todo dia; estamos todos os dias no jornal por causa do erro médico. Tem gente na porta do HC perguntando para as mães se não querem processar o médico.

Outro dia, estava parada na fila do cartório para tirar a certidão de um carro, da venda do carro. Tinha uma senhora muito humilde na minha frente, que falou para o escrivão que era um óbito de uma criança recém-nascida. Ele, o escrivão, virou-se para ela e falou assim: “Por que você não processa o médico? Vai ver que ele nem morreu, vai ver que foi imperícia do médico. A senhora tem certeza que nasceu bem? Vai ver que não cuidaram. Volta lá e processa o médico. O escrivão! E eu falei para ele: quem é a sua chefia? Porque, enquanto ela for processar o médico, eu vou processar você. Isso aqui chama-se calúnia. Você não conhece o médico. Isso tem penalidade legal. “Não, estou só falando para ela ficar esperta.” Você vai ficar esperto, porque vou te processar por calúnia de um colega que nem conheço. Então, vivemos num país de ameaças. O exercício da democracia, às vezes, é muito duro, porque ele faz com que o indivíduo arque com responsabilidade, e nós não temos mais vilões. É muito cômoda essa situação de vilania. Quando tenho um vilão, estou ótima. A culpa é toda dele. E quando não tenho vilão? Então é seu aluno que te apronta? É. O problema do caderno? O problema do caderno também é da escola, vou te dizer. Porque você vai dar zero ou não se ele não tiver o caderno? Então está passando por você.

A hora que some o caderno... Meu filho era muito chamado na escola. Meu filho caçula é um questionador terrível, terrível, que já falou para o diretor da escola: “Eu sou presidente do centro acadêmico, fui eleito, e você foi imposto.” Falou isso para o diretor, infelizmente. Falei para ele: “Você vai sair daqui, porque a corda vai arrebentar para o seu lado seguramente.” A questão básica da escola é esta: a

escola é o segundo lar. Às vezes, há alguns que não se sentem em casa na escola. Então, acho que temos que rever as posições todas, não só da escola.

Minha proposta em relação à escola é porque vejo na escola uma possibilidade única de poder resgatar coisas. E não é uma crítica: vocês deveriam fazer ou não fazer, porque a gente sabe a realidade da escola. Sabe por quê? A gente participa da realidade de todos os adolescentes. Trabalhei pouquíssimo com classes mais favorecidas, trabalho com menos favorecidas, mas a mais favorecida também é infeliz. A proposta aqui não é achar um culpado, se é a família, se é a escola, se é a área médica, não, é o que se faz para articular. Agora, a primeira coisa é não perder a fé, é não achar que não vai dar, porque se achar que não vai dar, não tem fórum no mundo que faça com que a pessoa tenha algum progresso.

SRA. NIZIA. – (Manifestação fora do microfone) Estou com 67 anos e minha agonia é tamanha com esse negócio da Febem.

SR.– Quem quer continuar?

SRA. NIZIA – Eu também não estou a fim de continuar. Eu gostaria...

SR.– Porque o professor aqui quer continuar. Quem estiver a fim, nós continuamos a discussão. Isto é um fórum.

SRA. NIZIA – É claro. Eu queria falar rapidamente. Como esse senhor, eu estou muito nervosa. Qual é a razão do meu nervoso? O que a gente pode fazer com a Febem? Nosso Governador, a quem eu quero muito bem, gosto dele, crescemos juntos, ele também não sabe o que fazer. A que ponto chegamos? E eu pergunto para o senhor professor e para a senhora: e a banda de música, e o esporte e todas essas coisas. Por que não coloca na praça, no coreto, em todo o

lugar? Os traficantes são muito bem conduzidos; estão muito bem arquitetados; por que não colocarmos banda de música nas praças; tem força pública, tem corneta em todo o lugar, porque a gente ouve até em horas impróprias. Então eu pergunto: o que os senhores acham de a gente sair incentivando essa coisa de esporte, de música, como foi dito hoje de manhã? Porque recriminar esse ou aquele; a escola, como se diz, é coisa passada. O que vamos fazer? Enxergo banda de música, teatro, esporte para os adolescentes e todos nós, porque nós idosos estamos no mesmo barco. E com isso diminuiu um pouco minha tensão nervosa. Muito obrigada.

SR. LUÍS CARLOS GONDIM – Queria tomar a palavra para dar umas respostas para ela. As críticas que a senhora está fazendo, elas são bem-vindas, são excelentes. Vocês professores, vocês que trabalham com a terceira idade, tem que participar. É isso que nós queremos. Nós não queremos fazer uma proposta porque ficamos responsáveis, o médico, Dr. Calvo, psiquiatra, eu, médico ginecologista, para o cidadão Século 21. Não poderíamos aqui ouvir pessoas diferentes do que nós ouvimos hoje. Muito obrigado, professora, ao Luís, à Albertina, à outra colega que esteve aqui, a Márcia, no lugar do Içami Tiba. É importante o que vocês estão falando, porque a proposta da Secretaria de Educação, que me desculpe o Covas, posso estar votando com o Governador Covas, mas não sou obrigado a engolir todos os secretários dele. Vocês entendem? Ela quer tirar o esporte e nós estamos observando que uma das maiores saídas ou única saída que se pode ter nas escolas é o esporte. O que acontece? Diminui-se o número, terceiriza-se o esporte nas escolas; isso é um absurdo.

– (Manifestação fora do microfone.)

Certo. Deixa só continuar. Antigamente, em 80 comecei a fazer esse trabalho autodidático. A única coisa que sabia fazer era planejamento familiar, depois passei a fazer prevenção da gestação de adolescentes e fazer um trabalho antidrogas e

depois anti-DST. Tudo foi a formação nossa, muita coisa autodidática, muita coisa fazendo cursos fora. É totalmente diferente o que tem no Exterior e aqui. Mas o que acontece lá depois chega aqui, que foi o caso do *crack*. E todos nós advertimos. Alguém levantou alguma bandeira? Não tínhamos nem como estar falando aqui. Por sorte estou aqui, como deputado, hoje. Olha! Só se dava aula nas escolas sobre reprodução humana. Cansei – ela sabe porque ela é esposa de um médico – de fazer planejamento familiar, e ensinar a se prevenir de DST; vieram perguntar se eu fazia aborto, comparar isso, porque a Igreja falou isso um dia. Eu disse: Não tem nada a haver planejar uma família com ser um “abortero”; um abortero é um cara antiético, maluco que aparece por ai, e vai querer dinheiro. Eu estou trabalhando pela sociedade.

Existem várias coisas. Nada disso que falamos, se não tiver um planejamento familiar, vai resolver, Calvo. Planejamento familiar também tem que marchar junto com isso aqui, porque nossa sociedade continua assim. Os ricos têm um, dois, três filhos e os pobres têm oito, com espaços bem menores. E isso é uma coisa que temos observado. Depois, como nós dois somos bem democráticos e não somos os donos da verdade, estamos convidando a todos que participem, que tragam sua proposta por escrito; Luís traz a proposta, Dra. Maria Ignez, todos podem trazer suas propostas por escrito, para que possamos incluir no que pensamos é podemos fazer para um cidadão de São Paulo ideal; o que podemos dar para o adolescente. Se tem que bater bumbo e tocar corneta todo mundo, vamos fazer; é uma saída? É. Mas temos que ter essa saída e vamos ter que escrever. Dizer assim: o Calvo e o Gondim estiveram como deputados e não fizeram nada. Não! Queremos trazer a proposta de vocês. É por isso que queremos fazer outras reuniões dessa. Acho que esse assunto de adolescente, com escola, deve voltar. Não sei o que a professora acha, porque vamos tratar da terceira idade num outro fórum, num outro espaço, mas acho que deve voltar. Só consegui chamar atenção de adolescente quando fiz esse projeto maluco de antidoping; levei paulada de todo o lado e segurei. Quando montamos o projeto ideal, que eu disse: “Vou tirar tudo que é de professor e

médico”, me disseram: “Não tira, senão pára de chamar atenção.” Olha como é o problema da mídia: se eu retirar – estou com o projeto certo, correto para trabalhar com as escolas, um projeto terminado – o que acontece? Queria que vocês viessem fazer parte desse projeto. Quando disse assim: “Então retira o outro”, disseram: “Não retira porque, se não, não chama atenção.” Vocês vêem como são as coisas? O vilão que você falou. É isso o que está acontecendo. Então, tem que ter uma coisa que chame a atenção para você chegar na outra correta.

Deixo em aberto e deixo o convite. Se vocês quiserem continuar, vamos continuar. Quem quiser dar suas propostas, faça-o, por favor. Esse é um pedido que estamos fazendo. Estamos sendo o mais democráticos possível. Tive a sorte de estar com o Deputado Calvo neste fórum.

SRA. – (Manifestação fora do microfone.) É bom a gente tentar, não falando, como disse o doutor, “no meu tempo”, porque jovem não aceita isso, mas procurar mais os valores para que eles os encontrem e que a gente processe isso como uma missão. É um testemunho. Muitas vezes a gente fala para o filho fazer as coisas, mas não damos o exemplo. A gente tem pais pressionando muito os filhos, porque eles não estão fazendo aquilo que o pai quer. Então, eles não se realizam como pessoa. O problema talvez não seja nem político, nem social, nem econômico, mas um problema pessoal, porque cada um quer fazer o que é melhor para si. Está na hora de a gente realmente viver – já que se fala tanto em globalização – em comunidade. Somos tão tolos, que cada um tem seu tanque, sua cozinha, seu fogão, se vivêssemos comunitariamente...

SR.– (Manifestação fora do microfone.) Entenda-se como meio de comunicação não só a televisão, a revista, mas o *outdoor*, a moda e a escola, a Internet, o computador, todo um modo de se comunicar, e no Brasil há escolas mais humildes, que não têm nada, e escolas sofisticadas. Atualmente, o poder econômico, o poder político e o poder cultural identificam-se. Aí você tem a

homogeneização nos telejornais, nas revistas. Na verdade, é uma discriminação que fragmenta o dominado e homogeneiza esse discurso, de tal forma que o dominado fica cada vez mais sem laços sociais, e, seu grupo sendo menor, tenta-se impor uma linguagem a uma sociedade urbanizada. Essas dificuldades devem ser pensadas. Essa comunicação não é uma coisa tão simples. A comunicação que tem o psicólogo, no âmbito do inconsciente quanto ao consumo, quando um rapaz da periferia vai ao *shopping*. Existem os fetiches de coisas que não pode consumir. As questões estão entrelaçadas no debate. Não podemos setorizar as coisas. Acho que a senhora falou muito bem dessa questão. Não é a questão da escola em si; não é a Igreja. Qual o papel que tem a comunicação das leis religiosas, das religiões evangélicas e os católicos carismáticos ? Isso é que faz o alinhavo do comportamento e da linguagem da sociedade... Essas questões devem ser incorporadas nesse trabalho. Acho o fórum excelente e acho que tem que haver uma proposta unindo a equação dos mais variados temas que são levantados.

SR. AMADEU BRAGANTE – Quero falar um monte de coisas. Não tinha nada para falar naquela hora, agora tenho. Quando falei da perplexidade e da multiplicidade, não era uma fala minha, era uma fala do “Lio Tae”; ele é quem fala que a gente está vivendo a multiplicidade, agora. Mas concordo plenamente com ele; pego as palavras dele como se fossem minhas porque acho isso mesmo, que é o pós-modernismo, é por aí. Agora, fiquei muito surpreso com o que você disse, porque no fim você acabou falando o que eu comecei, dessa coisa do *shopping*, de alguém não poder comprar coisas. Não lembro tudo o que falei, mas me lembro disso que você falou, porque fazia parte do meu discurso também. Acho, mesmo, que a gente está muito fragmentado; acho que é desse jeito que a gente vive nesse momento. Como disse a Maria Ignes, não acho que a gente tenha uma saída, acho que a gente vai ter que construir, cada um de nós, junto com nossos pares, nossas saídas, porque de receita não existe nada. Não há possibilidade de a gente fazer

uma regra que todos sigam, não há mais essa possibilidade hoje em dia, por vários motivos.

Fico mesmo impressionado com essa volta ao passado. Falar que o *shopping* hoje é a praça de antigamente, isso é absolutamente verdadeiro, o que não quer dizer que o *shopping* seja melhor ou pior que a praça, é assim que é. Tenho muito medo do discurso reacionário, de um discurso retrógrado, a gente querer voltar para trás e ficar querendo nossos valores antigos. Papai e mamãe já foram. Acho que a gente tem outros valores nesse momento e é com eles que a gente tem que trabalhar. Tentar impor os valores que a gente tinha antigamente não adianta nada. Acho que tocar bumbo e corneta, pego como uma metáfora, porque nenhum garoto quer tocar mais corneta, acho que é essa uma saída, uma das possibilidades de saída. Garoto quer tocar *heavy metal*. É por aí a saída. Vamos fazer outra coisa.

Tenho muito medo de a gente tomar uma posição anti o que está aí e não ver que tem valores muito bons também. A relação homem e mulher nunca teve uma qualidade tão boa como tem hoje, apesar da gente ver violência, pancada, tudo isso que a gente vê, abuso sexual, que tem muito, mas nunca teve uma relação homem e mulher, nunca teve uma relação pais e filhos como a gente tem hoje, a qualidade do que a gente tem hoje. O que a gente está cuidando, aqui, e o que a gente está falando, é de algumas pessoas, de muitas pessoas que não têm isso. Se a gente for reparar, imagine uma mãe falar o que a Maria Inês falou, que o filho dela vai lá enfrentar o diretor e ela fala: “Você fica quieto que vai estourar a corda para o seu lado.” Minha mãe, se eu fizesse uma coisa dessas, eu ficava de castigo, e não tinha um conselho, minha mãe do lado dando força. Era capaz de levar uma “bolacha” e ficar de castigo.

Acho que a gente está progredindo muito. A relação dos namorados. Há uma relação muito melhor dos namorados, hoje. Quando essa relação se efetiva, é muito melhor. Então, tenho muito medo de voltar querendo fazer um discurso assim: “Não, bom era a praça, era o bumbo e a corneta.” Entendo e aceito. Acho mesmo que bom era a praça, como espaço de todos estarmos juntos. Agora, se a agora mudou

de uma praça pública para dentro de um *shopping*, vamos para dentro do *shopping* também. Se a manifestação do bumbo e da corneta é uma manifestação, e a gente está lidando com a possibilidade artística das pessoas, aí, sim, vamos fazer isso também, acho o máximo. Talvez bumbo e corneta não sejam tão interessante, mas a manifestação artística, sem dúvida.

Outra coisa que discordo de você, e discordo profundamente, é essa: os políticos e o governador, com quem você foi criada junto, estão lá deitados em berço esplêndido, trabalhando e tal, “e nós é que vamos arregaçar as mangas?” Temos que arregaçar as mangas. Se eles estão deitados em berço esplêndido ou não, isso é um problema deles.

SRA.– (Manifestação fora do microfone.)

SR. LUIZ AMADEU BRAGANTE – Acho que o Governador, hoje, tem problemas tão sérios, que acho difícil um governador ter saída para isso. Ele deve ter o bom-senso de pegar gente que possa auxiliá-lo, assessorá-lo, isso, sim.

SRA. MARIA IGNEZ – Acho que ele teve coragem. Ele ser Governador não tira a proposta dele ser um ser humano. Frente ao contexto, talvez tenha sido uma coisa muito corajosa da parte dele dividir com a gente o mesmo horror que ele deve estar sentindo. Acho que, às vezes, as pessoas não têm coragem de dizer: “Eu não sei.” A gente, talvez, devesse falar mais isso: “eu não sei”, para os filhos.

SR. LUIZ AMADEU BRAGANTE – Falar: “Não sei. Quem pode me ajudar?” Porque só falar “não sei”, a gente senta e não sai. “Quem é que pode me ajudar?” é arregaçar a manga e cobrar das pessoas. Acho que tem gente que entende como é que faz. Devia estar bem mais assessorado, deveria ter pensado nisso há alguns anos, sei lá. Mas acho que ele tem que fazer de fato alguma coisa.

SR. ALBERTO CALVO – Muitos governos atrás.

SR. LUIZ AMADEU BRAGANTE – Muitos governos atrás, talvez. O que acho é isso, temos que fazer algo. Se a gente não arregaçar as mangas, não articular, não formar um batalhão de gente, não vai resolver. Não é só cobrar de nosso governador, de nosso deputado, acho que a gente também tem que fazer isso, mas a gente tem que se organizar no sentido de trabalhar, invadir os lugares com trabalho efetivo, com propostas, com articulação. Se a gente falar que errado estão eles, não acho; acho que todos nós. Deixa aquela moça falar, coitada.

SRA. – (Manifestação fora do microfone.) As famílias e os adolescentes, as adolescentes... Enquanto a gente estiver trabalhando, nós que somos educadores, com um modelo de adolescência de 10 anos atrás, não vamos conseguir fazer nenhum trabalho efetivo.

Trabalho no NEPD, Núcleo de Estudos de Prevenção à Drogas e Aids da USP de Ribeirão Preto, e faço um trabalho na Febem. Hoje em dia, estando junto com esses meninos, percebi o quanto a visão que temos, num senso comum sobre eles, é totalmente diferente do que eles são. E eu estava comentando com meu pai que o que está acontecendo, hoje, na Febem – a de Ribeirão Preto está bem melhor do a de São Paulo, e eu estou perto de muitos meninos que estavam na Febem de São Paulo e vão para a de Ribeirão – é um absurdo, pelo que eles contam da Febem de São Paulo. Se eu fosse um adolescente privado de liberdade na Febem, não estaria fazendo as atrocidades, mas estaria fazendo rebelião, porque é a maneira que eles têm de estar falando, de maneira talvez não organizada, realmente, mas é a maneira que eles conseguem falar da falta de dignidade. É a maneira de eles expressarem que aquilo está errado e que alguma coisa tem que ser feita. Achei muito importante estar falando dos adolescentes e estar vendo a questão como um todo e não nos nossos padrões. Enquanto estivermos com a adolescência de classe média na cabeça e achando que os valores têm que vir da

família, sendo que também essas famílias não têm valores como os nossos, mas outros valores, não vamos estar conseguindo mudar nada em nossa sociedade. Somos responsáveis por isso.

SR. LUÍS CARLOS GONDIM – Acho o seguinte, devido ao adiantado da hora – depois vão dizer assim: “O deputado em que eu votei não estava no plenário”, e nós dois estávamos aqui o dia todo –, só queria dizer que acho ter sido produtivo, todas as colocações são válidas. Mande-nos a matéria. Se você tiver o pensamento do menino da Febem, mande. Você está entendendo? Isso é importante, porque eu tenho proposta do guardinha que fica na Febem, que olha para mim e diz: “Tá tudo errado..., tá ali por escrito.” Então, isso é importante, porque temos que tirar um resumo geral de tudo isso e apresentarmos para o Cidadão do Século 21. Vamos fazer uma proposta só de classe média, ou de classe alta, ou de filhos de médicos, ou de filhos de diretores, ou filhos de professores e que não é uma proposta válida para o Brasil. Temos mais de 85% de pessoas pobres e pelo menos dessas 60% estão vivendo miseravelmente. Isso é o que eu vejo na Zona Leste. Muda um pouquinho em alguns outros lugares, mas é necessário que possamos fazer alguma coisa e tomarmos essa bandeira, que é do Brasil e de São Paulo. Muito obrigado. (Palmas).

Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo

Deputado Vanderlei Macris

Relator Geral do Fórum São Paulo Século 21

Deputado Arnaldo Jardim